



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



DÉBORA MENDES DE OLIVEIRA

**PROMOVENDO A AUTONOMIA DO ALUNO PESQUISADOR:
ENSINAR PARA APRENDER VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM A
PRODUÇÃO DE *REELS***

UBERLÂNDIA, MG
2025



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA
PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS



DÉBORA MENDES DE OLIVEIRA

**PROMOVENDO A AUTONOMIA DO ALUNO PESQUISADOR:
ENSINAR PARA APRENDER VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM A
PRODUÇÃO DE *REELS***

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Uberlândia como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Talita de Cássia Marine

UBERLÂNDIA, MG
2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

O48 2025	<p>Oliveira, Débora Mendes de, 1988- Promovendo a autonomia do aluno pesquisador: ensinar para aprender variação linguística com a produção de reels [recurso eletrônico] / Débora Mendes de Oliveira. - 2025.</p> <p>Orientadora: Talita de Cássia Marine. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Letras. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.291 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Linguística. I. Marine, Talita de Cássia, 1979-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Letras. III. Título.</p> <p>CDU: 801</p>
-------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras
Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica,
Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	29 de abril de 2025	Hora de início:	08:00	Hora de encerramento:	11:30
Matrícula do Discente:	12312MPL004				
Nome do Discente:	Débora Mendes de Oliveira				
Título do Trabalho:	PROMOVENDO A AUTONOMIA DO ALUNO PESQUISADOR: ENSINAR PARA APRENDER VARIAÇÃO LINGUÍSTICA COM A PRODUÇÃO DE REELS				
Área de concentração:	Linguagens e Letramentos				
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	SOCIOLINGUÍSTICA E LETRAMENTO CIENTÍFICO: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA				

Reuniu-se, na sala 1U209, da Universidade Federal de Uberlândia - Campus Santa Mônica, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: Prof. Dr. Peterson José de Oliveira, Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU; Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves, Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG; Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Talita de Cássia Marine, apresentou a Comissão Examinadora e a candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de **Mestre**.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação

interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/05/2025, às 10:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marlúcia Maria Alves, Professor(a) do Magistério Superior**, em 05/05/2025, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Peterson José de Oliveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 06/05/2025, às 09:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6291026** e o código CRC **7CF42730**.

Referência: Processo nº 23117.027281/2025-01

SEI nº 6291026

À minha mãe, Abadia, que desde cedo me ensinou o valor do conhecimento e a importância de buscá-lo sempre.

À mulher que dedicou grande parte de sua vida à educação dos filhos, incentivando-nos a alcançar voos cada vez mais altos.

Ao meu irmão, Plínio, que, mesmo não estando mais entre nós, certamente se orgulharia do caminho que tenho percorrido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Abadia e Natal, por me criarem em um lar onde o respeito e a honestidade sempre foram valores essenciais e por me ensinarem, desde a infância, a valorizar a educação. Um agradecimento especial à minha mãe, que, de maneira incansável e amorosa, cuidou do meu pequeno, permitindo-me dedicar tempo e atenção ímpares ao meu trabalho e pesquisa.

Agradeço ao meu filho maravilhoso, Bartolomeu, a criança mais doce e determinada que conheço. Ele é meu porto seguro e minha maior motivação para ser uma pessoa melhor e seguir na luta pelos meus sonhos. Sua existência dá um significado especial à minha vida.

Ao meu irmão, Pedro, e à minha cunhada, Dayana, sou imensamente grata pela presença constante, pelo apoio incondicional e pelo carinho com que sempre cuidaram do meu filho. Seu amor e dedicação me deram tranquilidade para me dedicar plenamente ao mestrado.

Ao pai do meu filho, Augusto, com quem pude trocar ideias e compartilhar reflexões ao longo deste percurso. Agradeço pelo diálogo constante, pelo apoio nas horas de incerteza e pela parceria nas responsabilidades com nosso filho, que me permitiu seguir com serenidade e foco nesta caminhada. Sua escuta atenta e presença contribuíram, de forma significativa, para que este trabalho se concretizasse.

Sou grata aos colegas do PROFLETRAS – Turma 9. Foram momentos inesquecíveis, repletos de sonhos, expectativas, desafios, experiências e muito aprendizado compartilhado. Em especial, agradeço à Jane, com quem tive o privilégio de dividir conquistas e amenizar angústias ao longo dessa jornada.

Aos professores do PROFLETRAS, minha gratidão por compartilharem tanto conhecimento, por indicarem leituras enriquecedoras e promoverem discussões instigantes, além de me ajudarem a refletir sobre minha prática docente.

Agradeço imensamente aos professores Prof. Dr. Peterson José de Oliveira e Profa. Dra. Marlúcia Maria Alves, que gentilmente compuseram minha banca de qualificação e, com igual generosidade, aceitaram o convite para integrarem também a banca de defesa. Sou profundamente grata pela escuta atenta, pelas contribuições valiosas e pelo olhar sensível e comprometido com meu trabalho ao longo desse processo. Muito obrigada por todo o apoio e dedicação.

Expresso meu profundo reconhecimento e afeto à estimada professora Dra. Talita de Cássia Marine, cuja orientação foi fundamental em minha trajetória. Muito obrigada por toda a

paciência, apoio e incentivo ao longo do processo, por acreditar em mim e na minha proposta, muitas vezes mais do que eu mesma.

Agradeço aos meus alunos, que deram vida à minha proposta e acreditaram no meu trabalho desde o início. Muito obrigada por todo o empenho e dedicação! Sou igualmente grata à gestão da escola onde esta pesquisa foi realizada pelo apoio e pela confiança no desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, cuja bolsa de estudos foi fundamental para que eu pudesse me dedicar ao mestrado, conduzindo minhas pesquisas com mais tranquilidade e compromisso acadêmico. Seu suporte foi essencial para a realização deste trabalho e para meu crescimento profissional e intelectual.

RESUMO

A presente pesquisa, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Uberlândia - PROFLETRAS-UFU, teve como objetivo principal, por meio da aplicação de uma proposta didática pautada em oficinas e que valoriza a pesquisa acerca da língua, dentro e fora da sala de aula, mostrar aos alunos que existem várias maneiras de usar a língua e que o importante é saber adequar esse uso às diferentes situações de comunicação, ou seja, às diferentes práticas sociais da linguagem. O ensino de português, ainda pautado pela gramática tradicional, muitas vezes desconsidera essa heterogeneidade, mostrando-se como algo desinteressante aos estudantes e, assim, não conseguindo estimular o engajamento desses estudantes nas atividades de ensino de língua portuguesa, o que, por sua vez, acaba prejudicando o desenvolvimento linguístico dos estudantes. Para aproximar a norma culta, ensinada na escola, das práticas cotidianas de uso da língua, adotamos uma abordagem baseada na Sociolinguística Educacional, fundamentada em autores como Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008), Bagno (2007), Faraco (2008), entre outros. A proposta foi desenvolvida em oito oficinas (Arriada; Valle, 2012), nas quais os alunos realizaram pesquisas sobre a língua portuguesa, promovendo-se, assim, o letramento científico (Silva, 2016). O conhecimento adquirido foi sistematizado e transformado em vídeos curtos, interativos e atrativos, o que também favoreceu o letramento digital (Rojo, 2009). Esses vídeos foram preparados para divulgação em *reels* no *Instagram*, incentivando a autonomia dos estudantes na produção de conteúdos de Sociolinguística. Além de estimular a consciência linguística e combater o preconceito, buscamos promover o protagonismo juvenil (Stamato, 2008), reconhecendo os alunos como agentes ativos de sua aprendizagem. A adoção da pesquisa-ação de Thiollent (1996) foi fundamental nesse processo, garantindo uma formação linguística mais dinâmica, com ênfase no respeito à diversidade e no desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos partícipes. Como produto final, elaboramos um material didático direcionado aos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, alinhado às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018). Além das atividades para os alunos, o material inclui instruções para os professores, oferecendo orientações sobre a aplicação das propostas em sala de aula, a fim de estimular a reflexão sobre a diversidade linguística e a importância da adequação linguística conforme as diferentes práticas sociais da linguagem em que o falante está inserido. Ao término da pesquisa, pudemos concluir que a proposta favoreceu o desenvolvimento da consciência linguística e do protagonismo juvenil, promovendo maior engajamento dos alunos nas aulas de língua portuguesa e valorizando a diversidade linguística em sala de aula.

Palavras-chave: ensino de língua portuguesa na educação básica; gênero *reels*; protagonismo juvenil; preconceito linguístico; pesquisa em sala de aula.

ABSTRACT

This research, developed within the Professional Master's Program in Letters at the Federal University of Uberlândia – PROFLETRAS-UFU, had as its main objective, through the implementation of a didactic proposal based on workshops and centered on linguistic inquiry both inside and outside the classroom, to show students that there are various ways of using language and that what truly matters is knowing how to adapt this usage to different communicative situations—that is, to the different social practices of language. Portuguese language teaching, still largely guided by traditional grammar, often disregards this heterogeneity, presenting itself as unappealing to students and, consequently, failing to stimulate their engagement in language learning activities. This, in turn, hinders students' linguistic development. In order to bridge the gap between the standard language taught in schools and the everyday practices of language use, we adopted an approach grounded in Educational Sociolinguistics, based on scholars such as Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008), Bagno (2007), Faraco (2008), among others. The proposal was developed through eight workshops (Arriada; Valle, 2012), in which students conducted research on the Portuguese language, thereby promoting scientific literacy (Silva, 2016). The knowledge acquired was then systematized and transformed into short, interactive, and engaging videos, which also fostered digital literacy (Rojo, 2009). These videos were designed for dissemination via Instagram reels, encouraging student autonomy in the production of Sociolinguistics-related content. In addition to promoting linguistic awareness and combating prejudice, we aimed to foster youth protagonism (Stamato, 2008), recognizing students as active agents in their own learning. The adoption of Thiollent's (1996) action research methodology was fundamental in this process, enabling a more dynamic linguistic education that emphasizes respect for diversity and the development of students' communicative competence. As a final product, we developed didactic material aimed at students in the final years of elementary school, aligned with the guidelines of the Brazilian National Common Curricular Base (Brazil, 2018). In addition to student activities, the material includes guidance for teachers on how to apply the proposals in the classroom, in order to stimulate reflection on linguistic diversity and the importance of linguistic adequacy according to the different social practices in which the speaker is situated. At the end of the research, we concluded that the proposal fostered the development of linguistic awareness and youth protagonism, promoting greater student engagement in Portuguese language classes and valuing linguistic diversity in the classroom.

Keywords: Portuguese language teaching in basic education; reels genre; youth protagonism; linguistic prejudice; classroom-based research.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sentir-Pensar-Agir: Os três pilares das Oficinas	67
Figura 2 - Alunos respondendo aos questionários.....	73
Figura 3 - resposta do aluno A1 à questão 3 do questionário.	76
Figura 4 - Círculo vicioso do preconceito linguístico (Bagno, 2009 p.93)	84
Figura 5 - Respostas do aluno A2 à questão 11 do questionário	85
Figura 6 - Respostas do aluno A3 à questão 11 do questionário	85
Figura 7 - Respostas do aluno A4 à questão 11 do questionário	85
Figura 8 - Respostas do aluno A5 à questão 11 do questionário	86
Figura 9 - Respostas do aluno A6 à questão final do questionário	86
Figura 10 - Respostas do aluno A7 à questão final do questionário	86
Figura 11 - Respostas do aluno A8 à questão final do questionário	88
Figura 12 - Alunos na oficina 1 – Fonte: Professora pesquisadora	92
Figura 13 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp.....	98
Figura 14 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp.....	99
Figura 15 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp.....	99
Figura 16 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp.....	100
Figura 17 - Exemplo de conversa informal no Whatsapp	100
Figura 18 - Exemplo de conversa informal no Whatsapp	101
Figura 19 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp.....	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Questão 1 do questionário.....	74
Gráfico 2 - Questão 2 do questionário.....	75
Gráfico 3 - Questão 3 do questionário.....	75
Gráfico 4 - Questão 4 do questionário.....	77
Gráfico 5 - Questão 5 do questionário.....	78
Gráfico 6 - Questão 6 do questionário.....	79
Gráfico 7 - Questão 7 do questionário.....	80
Gráfico 8- Questão 8 do questionário.....	81
Gráfico 9 - Questão 10 do questionário.....	83

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Visão geral das oficinas ministradas	68
Quadro 2 - Aula introdutória	71
Quadro 3 - Divisão dos roteiros.....	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Aspectos linguísticos observados nas mensagens de texto	96
--	----

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1. INTRODUÇÃO	15
2. SOCIOLINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	21
2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	30
2.2. SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE NORMA	40
2.3. BNCC E A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA.....	48
3. AS NOVAS TECNOLOGIAS E A INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO	52
3.1. AS REDES SOCIAIS E A SOCIOLINGUÍSTICA	52
3.2. BNCC E A APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA.....	56
4. METODOLOGIA.....	62
4.1. DA INSTITUIÇÃO E DO NÚMERO DE PARTICIPANTES.....	64
4.2. OFICINAS COMO PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA.....	66
5. PROPOSTA DIDÁTICA – CONSIDERAÇÕES INICIAIS	70
5.1.1 - ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	73
5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE QUALITATIVA DAS OFICINAS.....	89
5.2.1 - OFICINA 1 - INVESTIGANDO A NORMA E AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS	90
5.2.2 – OFICINA 2 - PRODUÇÃO DE VÍDEOS: DIVULGANDO PESQUISAS SOBRE NORMA E SOCIOLINGUÍSTICA	93
5.2.3 – OFICINA 3 - ANALISANDO O USO DA LÍNGUA: COLETA E INTERPRETAÇÃO DE DADOS EM DIFERENTES CONTEXTOS	95
5.2.4 – OFICINA 4 - ELABORANDO CONHECIMENTO: ROTEIRIZAÇÃO PARA ENSINO DE SOCIOLINGUÍSTICA E PRECONCEITO LINGUÍSTICO	103
5.2.5 – OFICINAS 5, 6 E 7 - PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: GRAVAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEOS SOBRE SOCIOLINGUÍSTICA.....	106
5.2.6 – OFICINA 8: APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS VÍDEOS: COMPARTILHANDO APRENDIZADOS SOBRE SOCIOLINGUÍSTICA.....	108
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como docente de Língua Portuguesa na Educação Básica há mais de uma década, sempre tive a impressão pessoal de que o mestrado acadêmico seria apenas um diploma a ser engavetado, sem desdobramentos concretos no cotidiano da sala de aula. Parecia distante da realidade escolar e das demandas reais do professor em exercício. No entanto, essa percepção mudou completamente quando conheci o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), um programa de pós-graduação *stricto sensu* voltado à formação continuada de professores de Língua Portuguesa da Educação Básica. Com uma proposta alinhada às necessidades desses professores, o PROFLETRAS busca articular teoria e prática, promovendo a qualificação docente e, como consequência, contribuindo para a elevação da qualidade do ensino da língua materna em nosso país.

Essa proposta se mostrou especialmente significativa diante de um cenário que venho observando com frequência em minha prática docente: a insatisfação dos alunos com o processo de aprendizagem da língua materna. Em sala de aula, é comum ouvir expressões como “Língua Portuguesa é muito difícil”, “eu não sei falar direito” ou “eu não sei escrever”, que revelam não apenas dificuldades com os conteúdos, mas também uma relação fragilizada com o próprio uso da língua. Essas queixas refletem, muitas vezes, uma sensação de exclusão em relação à norma culta e um sentimento de insegurança diante das exigências formais da escrita e da oralidade. Diante disso, compreendi que uma formação voltada para a prática pedagógica, como a oferecida pelo PROFLETRAS, é essencial para repensarmos nossas metodologias e construirmos abordagens mais significativas e inclusivas para o ensino da Língua Portuguesa.

A partir do meu ingresso no Programa, passei a repensar profundamente minhas práticas pedagógicas, buscando alternativas que aproximassem o ensino da Língua Portuguesa da realidade dos alunos e das múltiplas formas de uso da língua em contextos diversos. Foi nesse processo que surgiu a proposta de trabalhar com oficinas didáticas que valorizam a pesquisa sobre a língua dentro e fora da sala de aula. Por meio dessa abordagem, busquei mostrar aos alunos que existem diversas maneiras de usar a língua e que o mais importante é saber adequar esse uso às diferentes situações de comunicação, ou seja, às distintas práticas sociais de linguagem — algo que todos fazemos de forma instintiva em nosso cotidiano.

Com o desenvolvimento desse trabalho, nosso objetivo foi promover, em sala de aula, um ambiente verdadeiramente inclusivo, que reconhece e valoriza a diversidade linguística existente na sociedade. Ao incentivar a consciência crítica dos estudantes sobre as diferentes formas de falar e escrever, contribuímos para o combate a preconceitos linguísticos enraizados

e para a valorização das identidades socioculturais de cada um. Dessa forma, os alunos não apenas tiveram a oportunidade de se tornarem proficientes nas variedades da norma culta, quando necessário, mas também desenvolveram uma compreensão mais ampla, sensível e respeitosa da diversidade linguística. Essa competência é fundamental para uma comunicação mais eficaz, ética e democrática, e representa um passo importante rumo a uma educação mais justa e plural.

Nesse contexto, acreditamos que a Sociolinguística Educacional, ao incentivar um ensino pautado no estudo das relações entre a língua e o processo educacional, analisando de que forma elementos sociais, culturais e linguísticos impactam a aquisição e o ensino da língua em ambientes escolares, pode contribuir significativamente para a redução das desigualdades educacionais. Ao lançar luz sobre as diferentes formas legítimas de uso da língua, essa abordagem promove uma inclusão mais efetiva, permitindo que todos os estudantes — independentemente de sua origem socioeconômica ou de sua variedade linguística de base — sintam-se valorizados e capazes de participar plenamente do processo educativo. Assim, a escola se fortalece como um espaço de acolhimento, reconhecimento e emancipação.

Com base nesses princípios, delineamos uma proposta de intervenção pedagógica que busca materializar, na prática escolar, os fundamentos da Sociolinguística Educacional. Acreditamos que, ao levar para a sala de aula atividades que dialoguem diretamente com a realidade linguística dos alunos, é possível construir um espaço de aprendizagem mais significativo, crítico e acolhedor. Dessa forma, nossas ações se orientam para a valorização da diversidade linguística e para o enfrentamento de estigmas associados às variedades da língua, sempre com o objetivo de formar sujeitos conscientes e capazes de transitar por diferentes contextos comunicativos.

Diante do exposto, reafirmo minha crença de que a formação continuada, quando verdadeiramente voltada à realidade da sala de aula, tem o potencial de transformar não apenas a prática docente, mas também a relação dos alunos com a língua materna. O Mestrado Profissional em Letras me proporcionou ferramentas teóricas e metodológicas que me permitiram ressignificar meu fazer pedagógico, abrindo caminhos para uma atuação mais crítica, sensível e comprometida com a inclusão. Acredito, hoje, que posso contribuir de forma mais consciente para um ensino de língua materna mais proficiente e significativo — ao menos para parte dos alunos que cruzarem meu caminho ao longo dos anos.

A partir deste ponto, a dissertação está organizada em seções que apresentam o percurso da pesquisa, desde a introdução do tema até a análise e reflexão dos dados obtidos. Ao longo do trabalho, discutem-se os fundamentos teóricos, o contexto educacional, a metodologia

adotada e a proposta de intervenção didática. Por fim, apresentam-se as considerações finais e, como produto da pesquisa, um guia para a aplicação das oficinas elaboradas, incluído nos apêndices.

1. INTRODUÇÃO

Na educação formal brasileira, o ensino da Língua Portuguesa tradicionalmente baseia-se na gramática normativa à luz da norma-padrão com exemplos frequentemente extraídos de obras literárias dos séculos XIX e XX. Faraco (2008) define a norma-padrão como uma tentativa da elite letrada, em meados do século XIX, de estabelecer normas de uso da língua para “homogeneizar” o português, combatendo as variedades estigmatizadas do português popular. Essa abordagem, vigente há muitos anos e já arraigada ao sistema escolar brasileiro, apresenta desafios no processo de ensino-aprendizagem, pois não está alinhada com o uso cotidiano da língua.

Sendo a língua um mecanismo social, vivo e em constante modificação, ela naturalmente acompanha as mudanças culturais, tecnológicas e sociais ao longo do tempo. É, portanto, compreensível que o ensino baseado em normas prescritivas, muitas vezes distantes do uso diário, cause estranhamento entre os estudantes. Alunos da educação básica, em particular, estão familiarizados com ambientes onde o uso da língua é frequentemente informal, especialmente no contexto digital. Eles interagem em redes sociais, trocam mensagens instantâneas e consomem conteúdo online, divergindo frequentemente das regras rígidas da gramática normativa, vinculada à norma-padrão. Diante desse cenário, é necessário, que o professor utilize mecanismos de ensino que abordem o conhecimento cultural dos alunos e, mais, que contemplem outras normas da língua, a fim de proporcionar aos estudantes um ensino de língua portuguesa mais significativo e atraente. Sobre isso, Rojo e Moura afirmam que:

trabalhar com Multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias de comunicação e informação ("novos letramentos"), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos, valorizados [...] ou desvalorizados (...) (Rojo e Moura, 2012, p. 08).

Essa desconexão entre o ensino da norma-padrão e o uso contemporâneo da língua pode gerar estranhamento e desinteresse nos estudantes. Eles questionam a relevância de aprender

regras que parecem distantes de suas experiências diárias com a língua materna, levando a uma falta de motivação no processo de ensino e aprendizagem. O que, por sua vez, acaba prejudicando o desenvolvimento linguístico dos estudantes e suas habilidades de comunicação. Conforme Faraco (2008), cabe ressaltar, uma abordagem que fuja dessa perspectiva pautada em prescrições da norma-padrão, não implica, como alguns erroneamente acreditam, em negligenciar a reflexão gramatical e o ensino das normas culta e padrão. Afinal, o ensino de regras gramaticais é essencial em contextos como a escrita acadêmica e em tantas outras situações de comunicação – escrita e falada – que demandam um uso mais monitorado da língua. No entanto, tratá-las como a única forma "correta" e foco exclusivo da educação formal contribui para o desinteresse dos estudantes nas aulas de língua portuguesa, potencializa a exclusão e amplia as diferenças sociais pautadas pelos diferentes usos da língua.

Assim como Faraco (2008), acreditamos que a escola deve abordar em suas práticas didáticas, não a norma-padrão, excludente e impositiva, mas a norma culta, caracterizada por um maior grau de monitoramento - seja na fala ou na escrita - e que é adotada por grupos familiarizados com a cultura escrita e níveis elevados de escolarização. Ele também observa que, mesmo dentro da norma culta, existem variações e ‘erros’ comuns que, na verdade, são características da norma culta urbana do português brasileiro. “O que constituem ‘erros’ comuns – por serem justamente ‘erros’ de todos – constituem na verdade características do português brasileiro urbano comum (Faraco, 2008 p. 49).”

Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) afirma que "no Brasil, as diferenças linguísticas socialmente condicionadas não são seriamente levadas em conta". Isso revela um problema persistente no sistema educacional que, ao focar o ensino de língua portuguesa na norma-padrão ou culta, perpetua o poder das minorias dominantes. As normas padrão e culta, associadas às elites, são apresentadas como as únicas formas "corretas" de uso da língua, enquanto as variações linguísticas são desconsideradas ou desvalorizadas no contexto escolar. A heterogeneidade linguística é invisibilizada e a variação linguística é associada a usos informais – quase que invariavelmente atrelados à fala - ou apenas à variação lexical e sotaques regionais, apesar de essa visão não ter respaldo científico e contribuir para o preconceito linguístico.

As práticas escolares que se concentram quase exclusivamente na norma-padrão tornam a aprendizagem da língua um desafio para muitos estudantes, reforçando a crença de que "não se sabe português" ou de que "português é muito difícil". A ideia de que apenas aqueles que dominam as regras da gramática tradicional "falam bem" português é amplamente difundida, desvalorizando as variedades populares e estigmatizando quem fala diferente.

Bagno (2007) critica essa visão e destaca que

[...] a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um instrumento de poder e de controle, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua 'bonita', 'correta' e 'pura'. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa 'não é português' (Bagno, 2007 p.64).

Embora documentos como a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), doravante BNCC, incentivem o estudo e a discussão da variação linguística, persiste a tradição de ensinar estritamente a norma vinculada às regras da gramática tradicional. É comum uma abordagem limitada da variação linguística nas escolas, focando exclusivamente em variações lexicais e fonológicas de natureza regional, ignorando variações decorrentes de questões sociais, por exemplo, as quais deveriam ser abordadas com maior foco, dada a diversidade de temas que podem ser problematizados a partir dela em sala aula

Essa abordagem estereotipada reforça a percepção de que existe apenas um modo "correto" de usar a língua, perpetuando preconceitos linguísticos e minando o potencial educacional do ensino de língua portuguesa. Fomenta um ambiente em que estudantes que usam variantes diferentes da norma culta se sentem desvalorizados e marginalizados, criando barreiras para o entendimento e a apreciação das diversas formas de uso da língua.

Tais barreiras têm um impacto profundo, desestimulando o interesse dos jovens pela escola. As dificuldades em estudar a língua portuguesa, sem considerar as variações linguísticas, geram frustração e desmotivação. Isso leva a um ciclo pernicioso, em que muitos jovens se sentem não pertencentes ao ambiente escolar, afetando negativamente seu desempenho acadêmico e sua participação na educação formal.

Essa abordagem excludente reforça desigualdades sociais e econômicas. E, a escola, ao ignorar a diversidade linguística, perpetua um sistema que marginaliza grande parte da população, especialmente aqueles sem acesso à educação formal. Isso tem sérias implicações não apenas na educação, mas também em termos de oportunidades de emprego, acesso a bens culturais e participação plena na sociedade.

Por isso, para que possamos colaborar para a construção de uma sociedade mais inclusiva e justa, é fundamental reconhecer e valorizar a diversidade linguística. Isso implica uma abordagem pedagógica que respeite e promova todas as formas de comunicação verbal, eliminando barreiras que prejudicam o entendimento e a apreciação da língua, valorizando o respeito à heterogeneidade linguística e cultural de nosso país.

Pesquisadores da área da Sociolinguística Educacional, como Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004 e 2005), Faraco e Zilles (2015 e 2017) não apenas registram, mas também interpretam as diversas manifestações linguísticas presentes na sociedade brasileira, demonstrando como tais variações estão intrinsecamente ligadas a uma diversidade de fatores sociais, políticos e históricos. Através de suas análises, eles elucidam como as variações linguísticas refletem e são influenciadas por relações de poder, estruturas sociais e representações culturais presentes no contexto brasileiro. Nesse sentido, acreditamos que esses estudos não apenas enriquecem nosso entendimento sobre a diversidade linguística no país, mas também contribuem significativamente para repensar práticas pedagógicas e políticas linguísticas mais inclusivas e democráticas. “Refletir sobre a estrutura da língua e sobre seu funcionamento social é atividade auxiliar indispensável para o domínio da fala e da escrita. E conhecer a norma-padrão é parte integrante do amadurecimento das nossas competências linguístico-culturais” (Faraco, 2008, p. 157).

No entanto, consolidou-se, no senso comum da população, a ideia de que existe um padrão de fala e escrita considerado “correto”. O senso comum sustenta a crença de que aqueles que não seguem estritamente as normas gramaticais tradicionais não estão fazendo “bom uso” do Português. Essa concepção, enraizada historicamente, gera uma resistência significativa à inclusão dos estudos sociolinguísticos e a valorização da diversidade de usos da língua no currículo da educação básica.

Em oposição a essa definição de única norma “correta”, os estudos linguísticos apontam que o conceito de norma pode ser dividido em dois sentidos: um deles é normativo, segundo Faraco e Zilles (2017, p. 183), que define a norma como “um conjunto de preceitos que definem o chamado ‘bom uso’, o uso socialmente prestigiado” da língua. A outra definição de norma está ligada ao que é normal, comum, que faz parte da língua, equivalente ao “como se diz”, representando as variedades linguísticas. Faraco (2008, p. 37) afirma que norma pode ser entendida como o conjunto de fenômenos linguísticos correntes e habituais numa dada comunidade de fala, identificando-se com a normalidade.

Portanto, a definição de uma norma não se limita a um conjunto de fenômenos linguísticos, mas também incorpora valores políticos, socioculturais e identitários. Dessa forma, a linguagem verbal é percebida como uma entidade cultural e política, transcendendo sua natureza puramente linguística. Essa perspectiva reforça a necessidade de uma abordagem abrangente no ambiente escolar, considerando e analisando as diversas normas da língua em uso. A compreensão das múltiplas normas linguísticas presentes na sociedade permite uma educação mais inclusiva e sensível às diversidades linguísticas, sociais e culturais dos

estudantes, contribuindo para a promoção da equidade e para o desenvolvimento de uma consciência linguística mais ampla e crítica.

Na esteira dessas reflexões, cabe uma reflexão científica sobre o conceito de norma culta, caracterizada pelas regras da língua observáveis em práticas sociais de linguagem que recebem um monitoramento mais proeminente, tanto na fala quanto na escrita. Essa norma é adotada por grupos mais familiarizados com a cultura escrita e que possuem níveis mais elevados de escolarização. A norma culta apresenta notáveis semelhanças com o português urbano comum e mesmo dentro dessa norma, existem variações. Essas variações, frequentemente consideradas erros por uma parcela significativa dos falantes de português, são, na realidade, características próprias da norma culta urbana no contexto brasileiro.

A norma-padrão, por outro lado, é mencionada por Faraco (2008, p. 72-73) como uma tentativa da elite letrada no século XIX de estabelecer regras para "homogeneizar" a língua portuguesa e combater as variedades estigmatizadas do português popular. No entanto, essas variedades do português popular não comprometem a relativa unidade das variedades cultas da língua, pois são parte intrínseca de uma língua viva, flexível e sujeita a mudanças. Devido à natureza variável de qualquer língua, torna-se impraticável determinar uma norma específica como única "correta". A norma-padrão é, portanto, uma aspiração inalcançável e desnecessária que, lamentavelmente, ainda domina as práticas escolares no ensino de língua portuguesa no Brasil, alimentando o imaginário popular sobre o que significa "fazer bom uso" da língua e desqualificando outras variedades.

Mesmo falantes que se consideram parte da elite letrada, como alguns professores e gramáticos, muitas vezes recorrem a "correções" arbitrárias para respaldar seus argumentos ou desacreditar a argumentação alheia. É comum nos depararmos com programas midiáticos, manuais de uso da língua e produções digitais difundidas nas redes sociais condenando certos usos da língua. Faraco nomeia essa restrição imposta pela norma-padrão como "norma curta", pois limita e restringe o uso da língua.

Por que, então, as escolas persistem em prescrever exclusivamente as regras da gramática normativa, ignorando as diversas variedades do português? Parte dessa persistência está vinculada ao status de prestígio associado ao uso "correto" da língua. Historicamente, a população com menor poder aquisitivo enfrentou (e enfrenta) dificuldades de acesso à educação formal e ascensão social, reforçando a resistência à implementação de uma abordagem sociolinguística da língua portuguesa no âmbito da educação básica. Assim, aqueles com maior domínio das regras da gramática normativa são considerados mais influentes na sociedade,

utilizando a norma-padrão para desqualificar variedades populares e até mesmo a norma culta comum, uma tendência reforçada no ambiente escolar, pela mídia e por manuais de redação.

Para romper com o paradigma histórico de ensino exclusivo de normas linguísticas distantes do uso cotidiano e próximas de um padrão de homogeneização inatingível, o presente trabalho busca aplicar diversas contribuições da sociolinguística educacional ao ensino da língua portuguesa, no ensino fundamental. O objetivo principal da presente pesquisa foi, por meio da aplicação de uma proposta didática pautada em oficinas e que valoriza a pesquisa acerca da língua, dentro e fora da sala de aula, mostrar aos alunos que existem várias maneiras de usar a língua e que o importante é saber adequar esse uso às diferentes situações de comunicação, ou seja, às diferentes práticas sociais da linguagem, algo que todos fazemos instintivamente. Com o desenvolvimento deste trabalho, buscamos promover, na sala de aula, um ambiente inclusivo, que valorize a diversidade linguística presente na sociedade, incentivando a consciência crítica sobre as diferenças linguísticas e combatendo preconceitos. Dessa forma, os alunos não apenas passam a ter a oportunidade de tornarem-se proficientes nas variedades da norma culta, bem como desenvolvem uma compreensão ampla e respeitosa da diversidade linguística, essencial para uma comunicação eficaz e democrática.

Para alcançar esses objetivos e colocar em prática uma abordagem mais inclusiva e condizente com a realidade linguística dos alunos, delineamos uma proposta de intervenção que se materializa em ações concretas no cotidiano escolar. A proposta parte do princípio de que a valorização da diversidade linguística deve se refletir diretamente nas práticas pedagógicas, promovendo atividades que estimulem a reflexão crítica e a observação da língua em uso.

É nesse sentido que estabelecemos os seguintes objetivos específicos para nossa pesquisa:

- promover rodas de conversa em sala de aula com vistas a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes acerca da natureza dinâmica, heterogênea e multifacetada da língua;
- orientar os alunos, por meio de práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, sobre a pesquisa científica acerca do caráter variável da língua em uso;
- desmistificar preconceitos linguísticos identificados no contexto escolar e social dos estudantes;
- promover discussões em sala de aula a respeito do uso da língua em cenários descontraídos em oposição a cenários de monitoração estilística, tal como os expostos em vídeos curtos nas redes sociais.

2. SOCIOLINGUÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coelho, Görski, Souza e May (2021, p. 12) afirmam que “para conhecer sociolinguística é necessário, antes de mais nada, ‘abrir a cabeça’ para aceitar a língua que está sendo usada à nossa volta como um objeto legítimo de estudo”. A sociolinguística é uma área da linguística que se dedica ao estudo da língua em sua relação com a sociedade, permitindo a análise de como as situações de comunicação em contextos específicos interferem no uso da língua por diversos grupos sociais. “O objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica, é precisamente relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social” (Bagno, 2007 p.38).

É fundamental compreender que a língua é um sistema organizado, permitindo que seus falantes se entendam e se comuniquem, independentemente da distância geográfica ou da idade dos interlocutores. Além disso, é importante reconhecer que a língua varia: fatores como região geográfica, classe econômica e idade influenciam diretamente a produção dos enunciados pelos falantes (Coelho et al., 2021).

Ainda conforme os autores, esses fatores “produzem” grupos de falantes e cada um desses grupos compartilha de usos semelhantes da língua, seja na seleção lexical, na colocação pronominal ou em outros aspectos da língua. A esse uso compartilhado por determinado grupo, chamamos variedade. Ocorre, porém que, um mesmo falante, pode variar a maneira como usa a língua, podendo, por exemplo, utilizar o pronome “nós” constantemente em situações de comunicação formal, como reuniões de trabalho ou produções de texto acadêmicas, e optar pelo pronome “a gente” em conversas informais em chats na internet ou pessoalmente com grupos de amigos e familiares (há momento em que essa escolha entre os pronomes é, ainda, aleatória, sem controle do próprio falante). Esse processo, por sua vez, é o que chamamos de variação linguística.

Chamamos de variável a posição gramatical em que se localiza a variação e, de variante, os elementos gramaticais que se alternam conforme o uso do falante, no caso do exemplo citado, os pronomes referentes à 1ª pessoa do plural: “nós” e “a gente” seriam as variantes.

A sociolinguística se dedica a estudar as regras variáveis da linguagem, as quais possibilitam que utilizemos diferentes formas de expressão em contextos distintos. Em outras palavras, a sociolinguística investiga como e por que alternamos entre duas ou mais variantes linguísticas conforme a situação.

Construções em variação [...] são ricas em significado social. [...] as diferentes formas que empregamos ao falar e ao escrever dizem, de certo modo, quem somos: dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre o local de onde viemos, o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa sociedade, quando nascemos, com que grupo nos identificamos, entre várias outras informações (Coelho et al., 2021 p. 16).

Este campo de estudo revela a flexibilidade e adaptabilidade da língua, mostrando que os falantes ajustam sua comunicação com base no ambiente, no interlocutor e na finalidade da interação. A sociolinguística analisa essas variações e busca compreender as normas implícitas que orientam essas escolhas, levando em conta fatores como região, classe social, idade e gênero. Nesse contexto, a sociolinguística se apoia em dois princípios fundamentais: o relativismo cultural e a heterogeneidade linguística inerente e sistemática.

Conforme (Bortoni-Ricardo, 2014), a heterogeneidade linguística inerente e ordenada refere-se à diversidade e variabilidade linguística que existe dentro de qualquer comunidade de falantes. Em vez de ver a variação linguística como um desvio ou erro, a Sociolinguística entende essa variação como uma característica natural e sistemática das línguas. Reconhecer essa heterogeneidade é de extrema importância para desenvolver práticas educativas que atendam às necessidades linguísticas de todos os alunos, valorizando suas variedades linguísticas e integrando-as ao processo de ensino-aprendizagem.

Sobre o relativismo cultural, Bortoni-Ricardo (2014) pontua:

Segundo o relativismo cultural, nenhuma língua ou variedade de língua, em uso em comunidades de fala, deveria ser considerada inferior ou subdesenvolvida, não obstante o nível da tecnologia ocidental que aquela comunidade tenha avançado. Já a heterogeneidade inerente e ordenada, que está na raiz da Sociolinguística, postula que toda língua natural é marcada pela variação, a qual não é assistemática. Pelo contrário, os recursos da variação, que toda língua natural oferece, estão sistematicamente organizados em sua estrutura e contribuem para tornar a comunicação entre os falantes mais produtiva e adequada. (Bortoni-Ricardo, 2014, p.157).

No entanto, para grande parte do senso comum, ensinar na escola sobre essa heterogeneidade da língua é problemático, pois ensina a falar e escrever “errado” e desmotiva os alunos a aprenderem a língua “correta”. Sobre isso Bagno (2007) esclarece que

o verdadeiro problema é considerar que existe uma língua perfeita, correta, bem acabada e fixada em bases sólidas, e que todas as inúmeras manifestações orais e escritas que se distanciam dessa língua ideal são como ervas daninhas que precisam ser arrancadas do jardim para que as flores continuem lindas e coloridas! (Bagno, 2007 p. 37).

Esta perspectiva conservadora ignora a riqueza da diversidade linguística e reforça uma visão limitada da linguagem. Apesar das contribuições de pesquisadores como Bortoni-Ricardo, que destacam a importância de valorizar a variação linguística nas práticas de ensino de língua portuguesa na educação básica, o ambiente escolar muitas vezes favorece estudantes de classes sociais mais privilegiadas, que têm maior acesso à cultura escrita e letrada, em detrimento daqueles provenientes de regiões rurais ou comunidades marginalizadas, que têm menos acesso à educação formal, prejudicando diretamente seu desempenho escolar.

Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p.10-12) expõem três explicações para o baixo rendimento escolar de alunos economicamente desfavorecidos, as quais foram sendo substituídas conforme o passar das décadas. A primeira explicação, chamada ideologia do dom, atribuía o sucesso ou fracasso dos alunos a aptidões e qualidades individuais, como QI mais elevado. No caso dessa ideologia, ela foi altamente questionada com a democratização do acesso à educação, quando se percebeu que as diferenças de desempenho não se referiam a indivíduos, mas a grupos de indivíduos.

Por outro lado, a ideologia da deficiência cultural atribuía o fracasso dos grupos menos abastados à suposta "falta de cultura" desses, o que já configura um preconceito. As autoras apontam que os exames utilizados para se chegar a essas conclusões eram enviesados e falhavam em reconhecer que alunos de classes econômicas mais baixas são tão comunicativos quanto a alunos das classes mais favorecidas.

Com isso, surgiu a ideologia da diferença, que reconhece que não existe grupo social sem cultura e que existem tão somente culturas diferentes, desafiando a noção qualitativa da ideologia anterior. A questão passa a ser abordada, portanto, não apenas sob uma perspectiva linguística, mas também sociocultural e evidencia-se a importância do letramento.

Nesse contexto, é crucial compreender como a cultura e a sociedade influenciam o processo de aprendizagem da língua. O letramento, nesse sentido, vai além da mera aquisição de habilidades de leitura e escrita, englobando também o entendimento das práticas sociais e culturais que moldam o uso da linguagem. Isso permite uma abordagem mais inclusiva e diversa no ensino, valorizando as diferentes formas de expressão e comunicação presentes nas diversas culturas.

Assim, o estudo da língua não deve vir dissociado da cultura do grupo que a utiliza, o que muito pode contribuir para o ensino na escola, uma vez que o professor, ao se propor a ensinar a Língua Portuguesa nas escolas brasileiras, de acordo com essa premissa, deve repensar toda sua postura relativa à língua,

considerando a forma linguística e os aspectos culturais dos alunos com que vai lidar (Almeida e Bortoni-Ricardo, 2023 p.16).

Bortoni-Ricardo (2004) explora a importância da sociolinguística no contexto educacional, especialmente no ensino da língua nativa. Ela discute como fatores sociolinguísticos, tais como variação linguística e influências sociais, exercem impacto sobre o processo de aprendizagem da língua materna pelos alunos. A autora propõe uma teoria para explicar e entender como se manifesta a variação linguística no português brasileiro, apresentando três linhas imaginárias, às quais ela chama de contínuos: contínuo de urbanização, contínuo de oralidade-letramento e contínuo de monitoração estilística.

O contínuo de urbanização descreve como a linguagem muda conforme as localizações geográficas mais ou menos urbanizadas. Nas áreas rurais mais isoladas, tem-se uma determinada variedade linguística. À medida que essas áreas rurais se aproximam das cidades grandes e mais urbanizadas, há um maior contato com a cultura da escrita, por meio de empregos, escolas e mídias como TV e rádio, que utilizam variedades mais próximas à escrita. Já nas grandes áreas urbanas, também influenciadas pelas grandes mídias e tipos de emprego, observa-se uma maior padronização linguística. Nessas regiões, a convivência com pessoas de diferentes origens e a necessidade de uma comunicação eficiente em ambientes formais e profissionais promovem uma uniformidade maior no uso da língua, reduzindo as variações dialetais.

A autora ressalta que, entre as variedades rurais mais isoladas e as variedades urbanas padronizadas existe um “meio termo” ao qual ela chama de área rurbana.

Os grupos rurbanos são formados pelos migrantes de origem rural que preservam muitos de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 52).

Dessa maneira, o contínuo de urbanização ilustra como a interação entre o meio rural e urbano molda e transforma o uso do português brasileiro, criando uma medida gradual de variação linguística que vai do rural ao urbano, ressaltando que não exigem fronteiras rígidas que separem os falantes e as variedades que escolhem, “as fronteiras são fluidas e há muita sobreposição entre os tipos de falares” (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 53).

A autora reforça que há alguns traços típicos dos falares rurais ainda bastante presentes nos falares mais relacionados às variedades urbanas. Alguns desses traços são chamados de

descontínuos, pois tendem a desaparecer à medida que a população se habitua às variedades urbanas, esses traços são os que sofrem maior preconceito. Além desses, existem os traços graduais, presentes na fala de todos os brasileiros e que não sofrem tanto preconceito.

O segundo contínuo, de oralidade/letramento, considera as situações de fala que são ou não mediadas pela língua escrita. Eventos de letramento são aqueles em que a língua escrita está presente, seja na leitura de um texto ou na preparação antes do momento da fala relacionada a essa leitura. Por outro lado, eventos de oralidade são aqueles que não têm relação direta com a língua escrita.

Já o contínuo de monitoração estilística é o terceiro proposto por Bortoni-Ricardo (2004). Este contínuo aborda a variação linguística que ocorre em função do grau de monitoração que os falantes dão à sua própria fala, dependendo do contexto social em que estão inseridos. Bortoni-Ricardo explica que esse contínuo é influenciado por fatores como o ambiente, o interlocutor, a finalidade ou tópico da comunicação e o nível de formalidade exigido pela situação. A monitoração estilística pode incluir ajustes na pronúncia, escolha de palavras e construção de frases, refletindo a flexibilidade e adaptabilidade do falante. Entender esse contínuo é essencial para compreender como as pessoas navegam pelas diferentes demandas comunicativas do dia a dia, ajustando seu discurso conforme necessário para se adequar ao ambiente e às expectativas sociais.

Além desses, Bortoni-Ricardo (2021) introduz também o contínuo do acesso à internet¹, que está intimamente ligado à localidade, ao nível de letramento digital e ao acesso a dispositivos digitais. Esse último contínuo destaca a crescente importância da tecnologia e da conectividade digital na formação e na variação linguística contemporânea.

A autora também traz à tona os conceitos de competência linguística e competência comunicativa. O primeiro, desenvolvido por Chomsky, refere-se ao “conhecimento que o falante tem de um conjunto de regras que lhe permite produzir e compreender um número infinito de sentenças [...] bem formadas (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 71)”. Importante ressaltar que todo e qualquer falante é capaz de produzir sentenças bem formadas, que seriam enunciados completos, considerando a estrutura sintática e semântica da língua, e compreensíveis e nada tem a ver com a noção de “erro” pautada pelas regras gramaticais.

¹ Não conferimos ênfase a esse contínuo, pois a discussão proposta neste trabalho está mais centrada nas questões da variação estilística e social, fortemente relacionadas ao preconceito linguístico. O universo digital abordado na pesquisa está mais vinculado ao gênero textual escolhido para a elaboração da proposta, contribuindo, nesse sentido, prioritariamente para o letramento digital. Assim, não constitui foco deste estudo a discussão à luz do quarto contínuo proposto por Bortoni-Ricardo — um eixo que, inclusive, ainda é pouco explorado pelas pesquisas sociolinguísticas e que a própria autora não desenvolveu de forma aprofundada até o momento.

O outro conceito seria de competência comunicativa, a essa, além da competência linguística é adicionada a noção de adequação: “quando faz uso da língua, o falante não só aplica as regras para obter sentenças bem formadas, mas também faz uso de normas de adequação definidas em sua cultura. São essas normas que lhe dizem como e quando monitorar seu estilo (Bortoni-Ricardo, 2004 p. 73)”. Isso significa que, além de conhecer e aplicar as regras gramaticais, o falante precisa saber como ajustar sua fala de acordo com o contexto social, cultural e situacional.

A competência comunicativa envolve a capacidade de selecionar o estilo apropriado de linguagem para diferentes interações. Por exemplo, um falante pode usar um registro mais formal em um ambiente de trabalho ou em uma entrevista, enquanto pode optar por um registro mais informal em conversas com amigos ou familiares. Essas normas de adequação cultural indicam ao falante como e quando monitorar seu estilo, garantindo que a comunicação seja eficaz e apropriada ao contexto.

Esses conceitos são fundamentais para entender a dinâmica da variação linguística, pois destacam a importância da flexibilidade e da adaptabilidade na comunicação. Eles mostram como os falantes navegam pelas diversas situações comunicativas de forma eficaz, utilizando a linguagem de maneira estratégica para alcançar seus objetivos de interação. Assim, o estudo desses contínuos e competências oferece uma visão rica e detalhada da complexidade do comportamento linguístico humano.

Ao relacionar esses conceitos à elaboração de práticas pedagógicas, podemos desenvolver atividades que ajudem os alunos a compreender e aplicar esses princípios em suas próprias comunicações. Por exemplo, professores podem criar exercícios que simulem diferentes contextos comunicativos, permitindo que os alunos pratiquem a adaptação de seu discurso conforme a formalidade da situação ou o público-alvo.

Atividades que envolvem a análise de textos de diferentes registros e estilos podem ajudar os alunos a reconhecer e valorizar a diversidade linguística, bem como a entender as normas de adequação linguística e cultural. Ao discutir os contínuos de urbanização, oralidade-letramento, monitoração estilística e acesso à internet, os professores podem incentivar os alunos a refletir sobre suas próprias experiências linguísticas e a dos seus familiares, promovendo uma consciência crítica sobre a variação linguística e seus impactos sociais.

Bortoni-Ricardo (2004) fala da necessidade de relacionar o uso da linguagem e os contextos nos quais as crianças iniciam seu processo de socialização, que incluem a família, os amigos e a escola, destacando que, em cada ambiente social, os indivíduos assumem papéis específicos, os quais estão associados a características linguísticas particulares.

Podemos chamar esses ambientes, usando uma terminologia que vem da tradição sociológica, de *domínios sociais*. Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo da interação humana. Quando usamos linguagem para nos comunicar, também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio. (Bortoni-Ricardo, 2004 p.23)

Seguindo essa linha, é fundamental que profissionais da educação examinem diversos papéis que são desempenhados dentro do contexto escolar, abrangendo desde os alunos até os professores, coordenadores e diretores, entre outros. É importante ressaltar nas aulas de língua portuguesa a correlação existente entre a posição hierárquica ocupada e a extensão dos direitos e deveres associados ao uso da língua e as normas escolhidas, evidenciando que aqueles em posições mais elevadas têm não apenas mais prerrogativas, mas também uma responsabilidade acrescida de manter uma linguagem mais cuidadosa e monitorada.

Para exemplificar essa dinâmica, Bortoni-Ricardo (2004) apresenta situações concretas de letramento, como os ditados ou as aulas de leitura, onde a linguagem escrita é fundamental. Nessas situações, a atenção cuidadosa dos professores é crucial, considerando a necessidade de aderir às convenções da norma culta. Em contraste, durante interações orais, como quando um professor repreende uma turma desordeira ou quando a turma comenta sobre determinado assunto em sala de aula, costuma-se observar uma menor vigilância sobre a linguagem utilizada. Essa diferença no nível de monitoração reflete a distinção natural entre os contextos formais e informais dentro da escola.

A monitoração da linguagem, portanto, não é exclusiva dos professores ou profissionais administrativos, mas também ocorre entre os próprios alunos. Nas atividades em sala de aula, há uma maior atenção e controle linguístico, diferentemente das interações mais informais que acontecem durante os intervalos, no pátio ou na cantina. Esses diferentes contextos oferecem exemplos claros de como a variação linguística se manifesta de forma sutil e contínua no ambiente escolar, sendo influenciada pelas normas sociais e pelas expectativas de cada situação específica.

Como exemplo, Bortoni-Ricardo (2004) cita uma situação de interação entre alunos e professor: “a mudança de estilo realizada pelo professor, quando alterna leitura e linguagem oral. Após a leitura de cada pergunta, redigida no quadro de giz com sintaxe padrão, ele fornece uma paráfrase, isto é, uma ‘tradução’, usando então a linguagem local”(Bortoni-Ricardo, 2004 p. 27)”. Isso destaca uma prática interessante e eficaz no contexto educacional, conhecida como

"flagrante", que envolve a transição deliberada entre diferentes estilos de linguagem, alternando entre a leitura de textos formais e o uso de uma linguagem oral mais informal e específica ao contexto local.

Acreditamos que Sociolinguística Educacional, ao focar no estudo das relações entre a linguagem e o processo educacional, analisado de que forma elementos sociais, culturais e linguísticos impactam a aquisição e o ensino da língua em ambientes escolares, pode contribuir para reduzir as desigualdades educacionais, promovendo uma inclusão mais efetiva e permitindo que todos os estudantes, independentemente de sua origem socioeconômica, sintam-se valorizados e capazes de participar plenamente do processo educativo.

Assim, ao desafiar a visão tradicional que privilegia a norma-padrão e desvaloriza a heterogeneidade linguística, podemos promover uma educação mais equitativa e inclusiva. Isso não apenas enriquece o aprendizado dos alunos, mas também prepara os estudantes para interagir de forma mais eficaz e respeitosa em uma sociedade diversificada.

Ao contrário do que o senso comum sugere, trabalhar com a variação linguística na escola não significa abandonar ou eliminar a gramática tradicional do ensino. Na verdade, é fundamental que os alunos conheçam e dominem a norma culta, pois isso lhes confere o poder e a capacidade de enfrentar as diversas situações de comunicação na sociedade que demandam o uso de variedades cultas da língua.

A norma culta, frequentemente associada ao prestígio social e acadêmico, é uma ferramenta essencial para a inclusão social e, muitas vezes, está intimamente ligada com o sucesso profissional. O domínio das variedades cultas da língua permite que os indivíduos se expressem com clareza e precisão em contextos que demandam maior formalidade. Contudo, isso não deve ocorrer em detrimento das outras variedades linguísticas que os alunos trazem de suas experiências cotidianas e que fazem parte de diversas práticas sociais da linguagem em que estão inseridos.

Conforme Faraco (2008), acreditamos que conhecer a norma culta faz parte do amadurecimento das capacidades linguísticas do indivíduo. Este conhecimento não só amplia as possibilidades de comunicação, mas também enriquece o repertório linguístico dos alunos, permitindo-lhes transitar entre diferentes registros de linguagem, de acordo com a situação comunicativa.

A crítica à gramatiquice e ao normativismo não significa, como pensam alguns desavisados, o abandono da reflexão gramatical e do ensino da norma culta/comum/standard. Refletir sobre a estrutura da língua e sobre seu funcionamento social é atividade auxiliar indispensável para o domínio

fluente da fala e da escrita. E conhecer a norma culta/comum/standard é parte integrante do amadurecimento das nossas competências linguístico-culturais, em especial as que estão relacionadas à cultura escrita. O lema aqui pode ser: reflexão gramatical sem gramatiquice e estudo da norma culta/comum/standard sem normativismo (Faraco, 2008, p.157).

Trabalhar a variação linguística na escola envolve valorizar as diversas formas de falar e escrever, reconhecendo a riqueza cultural e a identidade que cada variedade carrega. Ao invés de considerar as variantes não padronizadas como "erradas" ou "inferiores", essas devem ser abordadas como manifestações legítimas da língua.

Além disso, essa abordagem contribui para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre a língua e suas funções sociais. Os alunos aprendem a reconhecer o papel da norma culta como uma convenção social que, embora importante, não diminui o valor das outras variedades linguísticas. Dessa forma, se tornam capazes de entender as dinâmicas de poder associadas ao uso da língua e a importância de adaptar seu discurso às exigências comunicativas de diferentes contextos sociais.

A presença da norma-padrão nas escolas apresenta, portanto, uma contradição significativa. Por um lado, essa norma é imposta pela elite letrada, que dita regras sobre o uso correto da língua. Esse fato levanta questões sobre a justiça e a equidade dessa imposição, uma vez que não leva em consideração a diversidade linguística presente na sociedade. Muitos estudantes vêm de contextos nos quais a norma culta não é a forma de comunicação dominante, o que pode criar barreiras para a aprendizagem e a inclusão.

Por outro lado, a norma-padrão é uma parte do patrimônio histórico e social de uma nação. Democratizar o acesso a essa norma significa proporcionar a todos a oportunidade de se apropriarem desse patrimônio, utilizando-o como uma ferramenta para o crescimento pessoal e profissional. Ao tornar a norma culta acessível, as escolas podem ajudar a nivelar o campo de oportunidades, permitindo que todos os estudantes, independentemente de sua origem, tenham a chance de usufruir dos benefícios que o domínio da língua padrão pode proporcionar.

Portanto, o desafio está em equilibrar esses dois aspectos: reconhecer a imposição elitista da norma-padrão, enquanto se trabalha para democratizá-la e torná-la acessível a todos os alunos. Isso requer abordagens pedagógicas inclusivas que valorizem as variedades linguísticas dos estudantes, ao mesmo tempo que lhes oferecem o domínio da norma culta como uma ferramenta adicional e valiosa.

Ao integrar a Sociolinguística no contexto educacional, as escolas podem promover a inclusão social ao reconhecerem e validarem as variedades linguísticas e culturais dos alunos. Em vez de privilegiar uma forma de linguagem em detrimento de outras, os educadores podem

adotar uma abordagem que valorize e celebre a diversidade linguística, permitindo que os alunos se expressem e se engajem plenamente em suas práticas de letramento.

2.1. A SOCIOLINGUÍSTICA EDUCACIONAL E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ao longo dos anos, o ensino escolar tem historicamente servido principalmente à perpetuação do ensino excludente da norma-padrão da língua portuguesa, negligenciando as variações linguísticas e os inúmeros aspectos sociais e culturais relacionados a elas, bem como o fato de a norma-padrão não ser de fato uma variedade usual, mas sim um construto idealizado da língua. Nesse contexto, linguistas como Stella Maris Bortoni-Ricardo e Marcos Bagno têm desempenhado papéis cruciais ao desafiar essa abordagem tradicional e promover uma visão mais inclusiva do ensino de língua.

Bortoni-Ricardo (2004, 2005 e 2007), por meio de suas pesquisas e estudos sociolinguísticos, demonstrou como as variações linguísticas são socialmente condicionadas e refletem as diferentes realidades culturais e sociais do país. Sua contribuição tem sido essencial para a compreensão de que não há uma única forma "correta" de falar, mas sim uma multiplicidade de maneiras válidas de se comunicar em nosso contexto linguístico.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidos de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 15).

Por sua vez, Bagno (2007) tem sido um defensor do respeito à diversidade linguística e um combatente aos preconceitos linguísticos. Através de suas produções científicas, ele tem desafiado a ideia de que apenas a norma-padrão deve ser ensinada nas escolas. Ao desafiar a exclusividade da norma-padrão, esses estudiosos têm contribuído significativamente para uma educação linguística mais inclusiva.

[...] Por isso, para a inevitável pergunta – ‘É certo ou errado falar assim?’ – respondemos: **tanto faz!!!** [...] Quem quiser continuar usando as formas tradicionais, prescritas pela norma-padrão, fique à vontade, faça bom uso delas e seja feliz! Tudo o que exigimos é que as outras formas **também** sejam consideradas boas, justas e corretas (Bagno, 2007 p. 159, destaques do autor).

É crucial destacar que adotar a abordagem não normativista no estudo da língua não é uma tarefa simples. Introduzir mudanças em um sistema de ensino de língua portuguesa tradicional que está enraizado há séculos, sem dúvida, gera desconforto, estranhamento e provoca críticas negativas e questionamentos de toda a comunidade escolar. Expressões como “ele(a) não sabe o que está fazendo” ou “agora a escola vai ensinar coisas erradas” são julgamentos frequentemente direcionados a professores e pesquisadores que buscam incorporar uma perspectiva variacionista no ensino da língua materna no âmbito da educação básica. Essa resistência evidencia os desafios associados à quebra de paradigmas estabelecidos e à promoção de uma visão mais flexível e inclusiva no contexto educacional.

Nesse cenário, torna-se necessário compreender as raízes desse desconforto e questionamento. A resistência muitas vezes decorre da longa tradição de ensino centrada na norma-padrão, que estabelece um conjunto rígido de regras e padrões considerados "corretos". A introdução de uma perspectiva variacionista desafia diretamente essas convenções, propondo uma compreensão mais dinâmica e contextualizada da língua. A necessidade de superar essa resistência não se resume apenas à aceitação da diversidade linguística, mas também à compreensão de que a língua é um fenômeno vivo, mutável e enraizado nas práticas sociais da linguagem.

Ao trazer à tona o desconforto gerado pela transição para uma abordagem não normativista, é possível iniciar um diálogo construtivo que envolva toda a comunidade educacional. Esse diálogo pode ser baseado na promoção da consciência linguística, evidenciando que a variação linguística não é uma distorção, mas uma característica intrínseca à natureza da língua. A valorização de todas as formas de expressão linguística e o reconhecimento da diversidade como enriquecedora para o ambiente educacional são passos cruciais na construção de uma educação linguística mais inclusiva e alinhada aos princípios de equidade e justiça social.

É preciso eliminar o julgamento do ‘certo’ e do ‘errado’ e propor a reflexão e a pesquisa como meios para conhecer. Afastar o julgamento, entretanto, não elimina seu aparecimento, porque essa prática está enraizada na escola e é internalizada pelos alunos. Mas é possível e necessário incidir sobre esse julgamento, ampliando-o para além do preconceito, introduzindo outros critérios, como a reflexão sobre a adequação do contexto da interação (Galarza, 2015 p. 61).

O foco de ensino nas aulas de português é a própria língua, e, portanto, é imperativo que se estabeleça um ambiente propício ao diálogo, discussão, trocas de conhecimento e

observações. Para afastar o preconceito linguístico do contexto educacional, é essencial que a organização das aulas seja conduzida de maneira dinâmica, interativa e acolhedora. Como salienta Bortoni-Ricardo (2005, p. 197), "os alunos devem sentir-se livres para falar em sala de aula e, independente do código usado [...] deve ser ratificado como um participante legítimo da interação".

Nesse sentido, a sala de aula não deve ser apenas um espaço para a transmissão de conhecimento, mas um ambiente que promova a valorização de todas as formas de expressão linguística dos estudantes. A diversidade linguística presente na sala de aula deve ser compreendida como um ativo enriquecedor, que contribui para a construção de uma compreensão mais abrangente e contextualizada da língua portuguesa.

Essa abordagem dinâmica e inclusiva não apenas contribui para a formação de alunos mais críticos e reflexivos, mas também desempenha um papel importante na desconstrução de estereótipos linguísticos preconceituosos e prejudiciais à aprendizagem. Ao fomentar um ambiente de aprendizado que celebra a diversidade linguística, as aulas de português podem se transformar em espaços de promoção da igualdade, respeito mútuo e valorização das múltiplas formas de expressão linguística presentes na sociedade.

Para que essa transformação ocorra, é essencial que os professores estejam preparados para lidar com a complexidade da variação linguística no Brasil. Isso inclui reconhecer e valorizar as variedades linguísticas presentes nas diferentes regiões do país e nas diversas comunidades urbanas e rurais. Ao integrar esses conhecimentos ao currículo, os educadores podem ajudar os alunos a compreender que todas as formas de linguagem têm valor e função social, desmistificando a ideia de que apenas a norma culta é correta ou superior. Essa prática pedagógica promove a inclusão e fortalece a identidade linguística dos alunos, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade deles.

Bortoni-Ricardo (2005) afirma que a realidade sociolinguística brasileira difere significativamente da realidade europeia e norte-americana, cujos estudos sociolinguísticos serviram, outrora, de inspiração para os estudos brasileiros. A autora propõe uma reflexão criteriosa e uma revisão sobre esses estudos, citando também uma característica específica de nosso país: o monolinguismo do Brasil, considerando sua vasta extensão territorial e a dificuldade de acesso à norma-padrão por grande parte da sociedade. Nesse contexto, ela apresenta as variedades urbanas como um ponto de estudo relevante.

Ao abordar o monolinguismo no Brasil, Bortoni-Ricardo destaca que, apesar da existência de uma língua oficial predominante, há uma enorme diversidade de variedades linguísticas espalhadas pelo país. Essa diversidade se manifesta principalmente nas áreas

urbanas, onde a interação entre pessoas de diferentes origens socioculturais resulta em uma rica multiplicidade de formas de expressão. Essas variedades urbanas são caracterizadas por uma maior flexibilidade e adaptação às necessidades comunicativas dos falantes, muitas vezes se distanciando das normas cultas estabelecidas.

A dificuldade de acesso à norma-padrão, mencionada por Bortoni-Ricardo, reflete a desigualdade educacional e socioeconômica presente no Brasil. Grande parte da população não tem acesso a uma educação de qualidade que permita o domínio da norma culta. Isso faz com que as variedades linguísticas usadas no cotidiano sejam frequentemente vistas como menos prestigiadas e estigmatizadas. No entanto, essas variedades são legítimas e funcionais dentro dos contextos em que são utilizadas.

Classes mais baixas da sociedade exibem em sua linguagem uma incidência maior de variáveis linguísticas não-padrão, mas, quando submetidas a testes que avaliam atitudes, reconhecem o caráter estigmatizado dessas variáveis, julgando-as com severidade. Esse isomorfismo nas reações valorativas decorre da pressão prescritiva da escola e do prestígio da língua culta (Bortoni-Ricardo, 2005 p.24)

Existe, portanto, uma dinâmica complexa na relação entre classes sociais e variações linguísticas no Brasil. Segundo a autora, as classes mais baixas tendem a utilizar mais frequentemente variáveis linguísticas não-padrão em sua comunicação cotidiana. O prestígio associado à língua culta também contribui para essa dinâmica. A norma culta é frequentemente associada a níveis mais altos de educação, status social e oportunidades econômicas. Essa associação fortalece a ideia de que falar de acordo com a norma culta é um sinal de competência e inteligência, enquanto o uso de variedades não-padrão é visto como um indicativo de falta de educação ou refinamento.

A autora sugere que o estudo das variedades urbanas pode oferecer *insights* valiosos sobre a dinâmica sociolinguística do Brasil. Ao reconhecer e valorizar essas variedades, é possível promover uma compreensão mais inclusiva e realista da língua portuguesa no país. Isso também pode contribuir para a construção de políticas educacionais e linguísticas que respeitem e integrem a diversidade linguística brasileira, em vez de tentar impor uma norma-padrão que não reflete a realidade da maioria dos falantes.

“Do ponto de vista da sociolinguística educacional, para operar de uma maneira aceitável, um membro de uma comunidade de fala tem de aprender o que dizer e como dizê-lo apropriadamente, a qualquer interlocutor e em quaisquer circunstâncias (Bortoni-Ricardo, 2005 p. 61)”. Para isso, a autora propõe o trabalho com a análise e diagnose de “erros” no ensino da

língua materna, posto que ao entender as particularidades do dialeto falado pelos estudantes, é possível prever os tipos de erros que eles provavelmente cometerão ao aprender a norma-padrão. Esses “erros” não são aleatórios, mas refletem padrões linguísticos consistentes dentro do dialeto original. Por exemplo, se um dialeto específico omite certos fonemas – como a palavra *problema*, que pode ser pronunciada como “*problema*” – ou utiliza estruturas gramaticais diferentes da norma-padrão, é esperado que os alunos que falam esse dialeto apresentem dificuldades nessas áreas específicas.

Reconhecer essa sistematicidade permite aos educadores desenvolver abordagens de ensino mais direcionadas e eficazes. Em vez de tratar os erros como falhas isoladas, os professores podem abordar as dificuldades dos alunos com uma compreensão mais profunda de suas origens linguísticas. A partir dessa análise é possível que o professor faça um trabalho pedagógico, por meio da elaboração de material didático acessível e destinado ao ensino do correspondente às variedades de prestígio àquele “erro” produzido pelo estudante. Isso não apenas melhora a eficácia do ensino, mas também valoriza a diversidade linguística dos estudantes, ajudando-os a transitar entre seu dialeto nativo e a norma culta de maneira mais suave e respeitosa.

Essa abordagem, centrada na valorização das diferentes variedades linguísticas, promove um ambiente educacional mais inclusivo e motivador. Os alunos passam a perceber que sua forma de falar não é um desvio, mas uma manifestação legítima da língua que pode coexistir com a norma culta. Isso estimula a autoestima e a confiança dos estudantes, criando uma base sólida para a aquisição e o uso competente da norma culta quando necessário. Além disso, ao desenvolver materiais didáticos que respeitem e integrem as variedades linguísticas dos alunos, os professores podem oferecer exemplos concretos de como diferentes registros e estilos são apropriados em diferentes contextos comunicativos. Assim, os estudantes não só aprendem a norma-padrão, mas também ganham uma compreensão mais ampla e flexível da língua, equipando-os para navegar com sucesso em diversos ambientes sociais e profissionais.

Uma proposta didática que poderia trabalhar na valorização das variedades linguísticas utilizadas pelos estudantes seria a elaboração de uma coletânea de variedades linguísticas. Os alunos seriam convidados a coletar exemplos de fala e escrita de suas comunidades, por meio de entrevistas gravadas, mensagens de texto, conversas familiares, postagens em redes sociais, etc. Com esses exemplos, seria criada uma coletânea que incluía tanto a variedade coloquial quanto a norma culta. Os professores e demais funcionários da escola também seriam entrevistados ou até mesmo gravados durante momentos a aula para que seu uso linguístico seja também incluído na coletânea. O material coletado seria usado como base para discussões

e exercícios em sala de aula, mostrando como cada forma de linguagem é válida e útil em diferentes contextos.

Vale observar que, não só os alunos, mas também os professores, não fazem uso da norma-padrão ou das variedades cultas da língua nas comunicações do dia a dia e até mesmo no contexto educacional, como na prática didática. Durante uma aula, é facilmente perceptível que os professores não utilizam a norma culta o tempo todo. Em alguns momentos, como em comentários sobre a aula ou ao repreender um aluno desordeiro, é comum que o docente use variedades menos monitoradas. Isso não configura um erro ou descuido no uso da língua, apenas evidencia a heterogeneidade linguística que temos discutido neste trabalho.

É, portanto, importante reconhecer que essa realidade reflete mais uma vez a complexidade e a riqueza da variação linguística no Brasil. Professores, muitas vezes oriundos de diferentes contextos socioeconômicos e regionais, trazem consigo as marcas linguísticas de suas próprias experiências e ambientes. Isso revela que a norma-padrão ou a norma culta, embora importantes, não são a única forma legítima de expressão linguística. No cotidiano escolar, é comum observar que tanto professores quanto alunos utilizam formas coloquiais e variações regionais, o que sublinha a necessidade de uma abordagem pedagógica que reconheça e valorize essa diversidade. A insistência exclusiva na norma-padrão e/ou na norma culta pode criar um ambiente de repressão e desconexão, ao invés de promover uma educação linguística inclusiva e abrangente.

É notável que a cultura brasileira é pródiga nos comportamentos prescritivos em relação aos usos linguísticos [...] não é raro que os professores elejam estruturas da linguagem coloquial, de uso generalizado, no presente ou estados pretéritos da língua, e as combatam com veemência, o que às vezes implica distorções nas prioridades pedagógicas do ensino da língua pátria e suas manifestações literárias. A escola brasileira ocupa-se mais em reprimir do que em ensinar o emprego criativo e competente do português (Bortoni-Ricardo, 2005 p. 17, grifo nosso).

Essa atitude prescritiva e repressiva, frequentemente encontrada nas salas de aula, tende a inibir a capacidade dos alunos de explorar e apreciar a diversidade linguística inerente ao português. Ao invés de valorizar as variações linguísticas como recursos ricos e legítimos, a ênfase excessiva em uma norma-padrão rígida e estática pode levar os alunos a se sentirem desmotivados e desconectados de sua própria língua e cultura. Essa abordagem também ignora a realidade dinâmica e multifacetada da língua, que é constantemente moldada por fatores sociais, históricos e regionais. É fundamental que a prática pedagógica se adapte para

reconhecer a legitimidade das diversas formas de expressão linguística presentes na comunidade escolar, enriquecendo assim o ensino e a aprendizagem da língua portuguesa.

Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), propõem que deve ser trabalhada na escola uma pedagogia que considere as diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos, o que exige uma mudança de postura de professores, alunos e da sociedade como um todo. Assim, teríamos um "programa mínimo" de língua portuguesa, ao qual seriam acrescentadas as especificidades da variação linguística dos alunos.

Considerando-se a necessidade de criação de uma nova pedagogia, Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p. 16-17) propõem seis princípios norteadores: a escola influencia apenas nos estilos formais, pois o vernáculo é indiferente à ação da escola; a variação não deve ser objeto de julgamento ou valoração pela escola; a promoção do letramento sobre variação linguística numa perspectiva de promoção social; a inclusão de estilos não monitorados em situações de oralidade; o estudo do significado social que toda variação assume e a conscientização das desigualdades sociais que pautam as variações

Esses princípios sugerem uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza a diversidade linguística como um recurso educacional. Ao adotar esses princípios, as escolas podem criar um ambiente de aprendizado que respeite e reflita a realidade linguística dos alunos, promovendo a inclusão e a equidade. Isso envolve não apenas a aceitação da variação linguística, mas também a utilização dessa variação como ferramenta para o desenvolvimento do letramento crítico. Por exemplo, ao integrar estilos não monitorados em atividades de oralidade, os educadores podem ajudar os alunos a perceberem o valor de suas formas de expressão e a entenderem o contexto social de diferentes variações. Além disso, ao estudar o significado social das variações linguísticas, os alunos podem desenvolver uma maior consciência das desigualdades sociais e das dinâmicas de poder que influenciam a linguagem. Esse enfoque não só melhora a competência linguística dos alunos, mas também fortalece seu senso de identidade e pertencimento, preparando-os para participar de maneira mais ativa e crítica na sociedade.

As autoras enfatizam a importância de abandonar termos como "certo" e "errado" no ensino da variação linguística, promovendo uma compreensão mais inclusiva e precisa das diversas formas de expressão. Elas discutem alguns elementos centrais para essa abordagem, destacando os três contínuos propostos por Bortoni-Ricardo (2004), que ilustram as variações linguísticas. Primeiramente, o contínuo rural x urbano revela como as características linguísticas se alteram de acordo com o ambiente, mostrando que o contexto social e geográfico exerce uma influência significativa sobre a linguagem. Em segundo lugar, o contínuo oralidade

x letramento evidencia a transição entre a fala informal e a escrita formal, destacando a importância do contexto comunicativo. O terceiro contínuo, maior x menor monitoramento, aborda a variação estilística, indicando como a atenção e o cuidado no uso da língua podem variar dependendo da situação. Além desses, as autoras introduzem o contínuo do acesso à internet, que está intimamente ligado à localidade, ao nível de letramento digital e ao acesso a dispositivos digitais. Esse último contínuo destaca a crescente importância da tecnologia e da conectividade digital na formação e na variação linguística contemporânea.

Almeida e Bortoni-Ricardo (2023, p. 22-27) reforçam novamente a perspectiva da língua como um fenômeno em constante evolução, continuamente moldado por uma complexa interação de fatores linguísticos e extralinguísticos. Elas detalham os tipos de variação linguística, muitos dos quais são frequentemente apresentados aos alunos em forma de listagens didáticas, incluindo variação histórica, geográfica e social. Entre as categorias notáveis, destacam-se as terminologias como "variação individual", que abrange diferenças relacionadas à idade e ao gênero, evidenciando como esses fatores pessoais influenciam o uso da língua. Outro conceito importante é a "variação de canal", que se refere às mudanças na linguagem dependendo da presença ou ausência do interlocutor, distinguindo entre a fala (com a presença do interlocutor) e a escrita (com a ausência do interlocutor). Esse conceito destaca como o meio de comunicação impacta a estrutura e o estilo da linguagem utilizada. Dessa forma, as autoras sublinham a importância de considerar a multiplicidade de influências que moldam a dinâmica da variação linguística.

As autoras apresentam ainda contribuições de Marcuschi (2001), do campo dos gêneros textuais/discursivos, que aponta que certos gêneros se prestam mais a situações formais ou informais, ou a contextos escritos ou de oralidade. Por exemplo, gêneros como relatórios acadêmicos e artigos científicos são geralmente associados a situações formais e ao registro escrito, enquanto conversas informais e diálogos cotidianos são típicos da oralidade e de contextos informais.

Outra reflexão busca desmistificar a noção de que o registro escrito implica necessariamente formalidade e que o registro oral implica informalidade. Há situações orais, como discursos políticos ou palestras acadêmicas, que exigem um alto grau de monitoramento e formalidade. Nessas situações, os oradores selecionam cuidadosamente suas palavras, utilizam estruturas gramaticais complexas e seguem convenções específicas para transmitir credibilidade e seriedade. A formalidade nesses contextos é essencial para atender às expectativas do público e para a eficácia da comunicação.

Por outro lado, existem gêneros escritos, como mensagens de texto e postagens em redes sociais, que podem ser bastante informais. Esses textos frequentemente utilizam abreviações, gírias, emojis e uma sintaxe mais relaxada, refletindo um estilo de comunicação mais espontâneo e próximo ao da fala cotidiana. Essa informalidade é adequada para os contextos em que esses escritos são produzidos e consumidos, facilitando uma comunicação mais rápida e eficiente entre os interlocutores.

Portanto, é crucial entender que a formalidade ou informalidade de um registro linguístico não depende exclusivamente do canal (oral ou escrito), mas sim do contexto e da função comunicativa. Essa compreensão ajuda a desconstruir estereótipos linguísticos e a valorizar a diversidade de registros e estilos presentes na comunicação humana. Ao ensinar essa perspectiva, educadores podem ajudar os alunos a desenvolver uma maior flexibilidade linguística e a habilidade de adaptar seu discurso às diferentes situações comunicativas, promovendo uma comunicação mais eficaz e consciente.

As organizadoras, Almeida e Bortoni-Ricardo (2023), trazem propostas de atividades de outros autores com vistas à elucidação sobre o fenômeno na variação linguística. Inicialmente as autoras sugerem que a ausência de uma pedagogia adequada sobre variação linguística se deve ao desconhecimento da população sobre o fenômeno - os professores, por sua vez, carecem de preparo teórico-metodológico para mitigarem esse impasse.

As autoras destacam instruções sobre a aplicação prática dos conhecimentos sobre variação linguística à luz da Sociolinguística em sala de aula, com um total de 4 blocos de atividades, a saber: variação histórica; variação social; variação estilística e variação geográfica. Destaco aqui esta última como sendo muito feliz em sua construção (2023, p.62-71), proposta por Fabiane Altino e Fábio Brandão-Silva. A atividade se inicia com a apresentação de um texto que apresenta termos específicos de certas cidades e regiões. Em seguida, é sugerida a formação de grupos que devem tentar inferir, a partir de certas frases, sobre qual região apresentaria alguns termos em destaque. Posteriormente, os alunos são orientados a sugerir termos equivalentes mais frequentes na região geográfica em que vivem.

Num exemplo interessante do uso de outros gêneros textuais para a abordagem do conteúdo, são apresentados mapas de um atlas geográfico que lista a prevalência de um termo ou de outro para "bananas que nascem grudadas" em cada ponto do estado do Paraná. Os alunos então devem responder a um questionário interpretativo sobre o mapa e instigados a refletir sobre os motivos que originam essa distinção. Os alunos continuam a ser apresentados a mapas, glossários e questões, além de serem incentivados a pesquisar em mídias, inclusive digitais,

sobre a origem das diferenças, ao passo que são incentivados a abandonar preconceitos sobre "certo" e "errado".

A atividade aqui contemplada é concluída com uma proposta de produção de diálogo por parte dos alunos, onde esses sejam levados a definir para suas personagens personalidade, além de uma região e de um tema específico para o diálogo. Os alunos são então orientados a encenar a situação de conversação para a sala, numa atividade que trabalha organização e interação entre alunos, pesquisa, diálogo com as artes cênicas, e que aborda de forma muito satisfatória o tema de que trata o livro "Variação Linguística na Escola".

Além de incentivar a criatividade e a expressão oral, essa atividade também promove uma compreensão prática da variação linguística. Ao definirem características específicas para suas personagens e contextos regionais, os alunos são desafiados a refletir sobre as diferentes formas de falar que existem dentro de uma mesma língua. Isso não só enriquece o vocabulário e a capacidade de adaptação linguística dos estudantes, mas também fortalece a empatia e o respeito pelas diversas realidades culturais e sociais representadas nas variações do idioma. A encenação ajuda a materializar esses conceitos, tornando o aprendizado mais dinâmico e significativo.

Ainda sobre as contribuições da Sociolinguística Educacional para a prática na sala de aula, Martins, Vieira e Tavares (2022, p. 26-28) citam um levantamento sobre o uso dos conectivos escolhidos pelos estudantes na produção de textos escritos, que aponta que há uso limitado na variação de conectivos, paralelo à repetição do conectivo 'e'. Para a elucidação dos motivos que causam essa limitação no uso dos conectivos os autores recorrem a Görski e Tavares que explicam que esse fenômeno pode se dever a:

deficiência nos procedimentos de abordagem ao problema adotados nas escolas em geral: não raro, cobra-se dos alunos somente a identificação dos rótulos dados aos conectores (aditivos, adversativos, conclusivos, causais, temporais, explicativos, condicionais etc.), sem incentivar a sua utilização na produção de textos próprios, através de atividades de leitura e escrita variadas, que poderiam servir para o professor alertar para a necessidade de diversificação dos conectores como forma de enriquecer o texto (Görski e Tavares, 2003 p. 109 apud Martins, Vieira e Tavares, 2022 p. 28).

Uma proposta de abordagem pedagógica para suprir essa deficiência na variação e exploração dos mais diversos conectores para uma sequência textual de vocabulário amplo, seria a aplicação de exercícios de identificação e substituição: propondo atividades nas quais os alunos identifiquem conectores em textos e substituam por sinônimos, observando como essas alterações impactam o significado e a fluidez do texto. Após essa atividade, os estudantes

seriam convidados a fazerem uma revisão colaborativa, dividindo os alunos em duplas ou pequenos grupos os alunos devem revisar textos escritos por seus colegas, focando na variedade e adequação dos conectores utilizados. Essa atividade promove a conscientização sobre a importância da escolha de conectores.

Bortoni-Ricardo (2004, p. 53) também propõe uma atividade para ajudar os alunos a compreender a variação linguística. Nessa atividade, o professor traça uma linha no quadro para representar o contínuo de urbanização e explica seu conceito aos estudantes. A partir dessa orientação, cada aluno deve refletir sobre onde ele próprio, seus pais e avós se situam nesse contínuo. Essa atividade permite que os alunos façam uma análise introspectiva e prática das influências urbanas e rurais em suas próprias formas de falar. Ao identificar sua posição e a de seus familiares, os alunos podem perceber como a proximidade com centros urbanos ou a permanência em áreas rurais molda a variação linguística. Essa reflexão é fundamental para que compreendam a dinâmica da língua em diferentes contextos sociais e geográficos, reconhecendo a riqueza e a diversidade do português brasileiro. Além disso, essa atividade facilita a compreensão de conceitos teóricos de forma aplicada, tornando o aprendizado mais significativo e conectado à realidade dos estudantes.

2.2. SOCIOLINGUÍSTICA E EDUCAÇÃO: REFLETINDO SOBRE O CONCEITO DE NORMA

Sabemos que a língua é heterogênea, refletindo a diversidade das pessoas que a utilizam. No entanto, existem regras que “limitam” as possibilidades de variação para garantir a unidade de sentido, mesmo dentro dessas variações. Esse conjunto de regras é conhecido como norma. Segundo Faraco e Zilles (2017), existem dois conceitos de norma: uma norma geral, que equivale à variedade linguística e uma norma específica, que dita um conjunto de preceitos sobre o “bom uso” da língua.

No sentido geral, *norma* cobre **como se diz** numa determinada comunidade de fala (ou seja, o conjunto de traços linguísticos característicos, sejam eles fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos ou discursivos); no sentido específico, *norma* se refere a **como se deve dizer** em determinados contextos (as pronúncias, as estruturas morfossintáticas e o léxico tomados sócio-históricamente como modelares) (Faraco e Zilles, 2017 p.12, destaques dos autores).

Em ambos os sentidos, seja em normas gerais ou específicas, ainda existem variações. No que diz respeito à norma geral, por exemplo, há variações ligadas à localização geográfica

do falante. Para exemplificar, temos a diferença de fonemas relacionados ao morfema /t/ em palavras como "tia" e "leite", podemos considerar variações regionais e fonéticas no português, em muitos locais utiliza-se [tʃ] em lugar de [t] como nas palavras tia e leite. Outro exemplo de variação é morfossintática, como no uso do pronome relativo à 2ª pessoa do singular 'tu', o mesmo falante pode variar a conjugação do verbo colocando-o em concordância com a 2ª pessoa – “tu vais” – ou em concordância com a 3ª pessoa – “tu vai”. São situações comuns, repetitivas e que ocorrem com diversos falantes da língua, reforçando mais uma vez que a heterogeneidade é uma característica intrínseca à língua.

É importante dizer que essas variações ainda seguem uma "regra" no sentido de limitação. Por exemplo, não encontramos falantes que troquem o pronome da 2ª pessoa do singular pela 1ª pessoa. Ainda sobre exemplos, podemos considerar a presença da marca do plural; é comum que vejamos sentenças como "Os menino caiu", em que apenas o artigo está no plural, diferente do que prescreve a norma-padrão, segundo a qual, teríamos que marcar o plural em três lugares da sentença - “Os meninos caíram” - e não apenas em um, tal como na variedade de menor prestígio. No entanto, não encontramos expressões em que a marca de plural venha apenas no verbo, como "O menino caíram". Ou seja, existe uma "regra" internalizada e não formalizada que permite que a variação no uso da língua apresente determinada limitação.

Além disso, essa "regra" internalizada reflete a estrutura subjacente da língua, que é compartilhada pelos falantes de uma comunidade linguística. Mesmo com variações regionais e sociais, há um entendimento implícito sobre como certos elementos gramaticais devem ser usados, garantindo que a comunicação seja eficaz. Essa compreensão implícita facilita a adaptação linguística, mantendo, ao mesmo tempo, a inteligibilidade entre os falantes. Sobre isso, Faraco (2008) explicita: “se um enunciado é previsto por uma norma, não se pode condená-lo como erro com base na organização estrutural de uma outra norma” (Faraco, 2008 p. 36)”.

O convívio em sociedade exige que cumpramos uma série de normas de comportamento para respeitar o espaço e a individualidade dos outros e, em troca, termos nosso próprio espaço e individualidade respeitados. Desde a infância, aprendemos a nos comportar em nossos grupos sociais. Existem normas que regem o comportamento em casa, com a família, outras que determinam como agir no núcleo religioso e ainda outras que definem a postura adequada no ambiente escolar. Estamos cercados por normas e habituados a segui-las e respeitá-las, mesmo em sua pluralidade.

Isso não é diferente com as normas linguísticas. Assim como as normas sociais, as normas linguísticas são essenciais para garantir uma comunicação eficaz e harmoniosa. Elas nos ajudam a expressar ideias de maneira clara e precisa, facilitando a compreensão mútua e evitando mal-entendidos. Aprendemos essas regras desde cedo e continuamos a refiná-las ao longo da vida, ajustando nosso discurso conforme o contexto e o público.

No entanto, enquanto muitas normas sociais são explícitas e diretamente ensinadas, as normas linguísticas muitas vezes são adquiridas de forma implícita, através da prática e da imersão na língua. Isso pode criar desafios, especialmente em ambientes educacionais onde se espera um domínio mais formal e rigoroso da linguagem. Portanto, é importante que o ensino das normas linguísticas seja uma prioridade nas escolas, assim como o ensino das normas sociais, para que os alunos possam desenvolver habilidades de comunicação competentes e eficazes.

É importante lembrar que dentro de uma mesma comunidade de fala existem muitas normas linguísticas. Por exemplo, existe a norma utilizada entre o grupo de amigos do futebol, a norma usada com os colegas de trabalho e a norma praticada em família. Mesmo que um falante não domine por completo determinada norma, ele certamente utiliza mais de uma e sabe exatamente quando convém utilizar uma ou outra. Por isso, Faraco e Zilles (2017, p. 36-37) afirmam que todo falante é um poliglota em sua própria língua e um camaleão linguístico.

Essa capacidade de adaptação é fundamental para a comunicação eficaz em diferentes contextos sociais. A variação linguística não se trata apenas de diferentes formas de falar, mas também de diferentes maneiras de expressar identidade e de se relacionar com os outros. Cada norma carrega consigo expectativas e convenções específicas que facilitam a interação e a coesão social dentro de cada grupo.

A flexibilidade no uso das normas linguísticas demonstra a habilidade dos falantes em navegar por diferentes ambientes sociais, ajustando sua linguagem conforme necessário. Essa capacidade de adaptação reflete a natureza dinâmica da língua e a complexidade das relações sociais, onde a escolha de uma norma sobre outra pode indicar formalidade, intimidade ou autoridade. Portanto, a compreensão e o uso adequado dessas normas são essenciais para uma comunicação bem-sucedida e para o fortalecimento dos laços dentro de uma comunidade de fala.

O ensino da língua, por conseguinte, não pode ser exclusivamente o ensino da norma padrão (norma prescritiva), nem mesmo só o ensino da norma culta (norma normal prestigiada na sociedade), pois elas não existem no vácuo e

nem podem ser de fato aprendidas fora de seu contexto sócio-histórico (Faraco e Zilles, 2017 p. 175).

É importante ressaltar que o conceito de norma nos estudos linguísticos pode ser dividido em dois sentidos: um equivalente a um conjunto de regras que definem o uso “correto” da língua e outro que abrange aquilo que é normal, que faz parte da língua, equivalente às variedades linguísticas. Sobre esse segundo sentido Faraco (2008) diz que:

É possível, então, conceituar tecnicamente norma como determinado conjunto de fenômenos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são correntes, costumeiros, habituais numa dada comunidade de fala. Norma nesse sentido se identifica com normalidade, ou seja, com o que é corriqueiro, usual, habitual, recorrente (“normal”) numa certa comunidade de fala. (Faraco, 2008 p. 35)

Portanto, a definição de uma norma não apenas abrange um conjunto de fenômenos linguísticos, mas também incorpora valores políticos, socioculturais e identitários. Assim, a linguagem verbal é percebida como uma entidade cultural e política, indo além de sua natureza puramente linguística.

Nesse contexto, surge o conceito de norma culta, caracterizada pelas regras da língua facilmente observáveis em práticas sociais de linguagem que recebem um monitoramento mais proeminente em seu uso, tanto na fala quanto na escrita. Essa norma é adotada por grupos mais familiarizados com a cultura escrita e que possuem níveis mais elevados de escolarização. Importante destacar que a norma culta apresenta notáveis semelhanças com o português urbano comum, e mesmo dentro dessa norma, existem variações. Nessa perspectiva, tais variações, frequentemente consideradas como erros por uma parcela significativa dos falantes de português, são, na realidade, características próprias da norma culta urbana no contexto brasileiro.

A norma-padrão, por outro lado, é mencionada por Faraco (2008) como uma tentativa da elite letrada no século XIX de estabelecer regras para "homogeneizar" a língua portuguesa e combater as variedades estigmatizadas do português popular. No entanto, essas variedades do português popular não comprometem a relativa unidade das variedades cultas da língua, pois são parte intrínseca de uma língua viva, flexível e sujeita a mudanças. Devido à natureza variável de qualquer língua, torna-se impraticável determinar uma norma específica como única "correta". A norma-padrão é, portanto, uma aspiração inalcançável e desnecessária que, lamentavelmente, ainda domina as práticas escolares no ensino de língua portuguesa no Brasil.

Isso alimenta o imaginário popular sobre o que significa "fazer bom uso" da língua, ao mesmo tempo em que desqualifica outras variedades dessa mesma língua.

Mesmo falantes que se consideram parte da elite letrada, como alguns professores e gramáticos, e até mesmo aqueles que não dominam a norma-padrão ou as normas cultas, muitas vezes recorrem a "correções" arbitrárias em situações desnecessárias para respaldar seus argumentos ou desacreditar a argumentação alheia. Esse comportamento revela uma tentativa de impor uma autoridade linguística que pode ser excludente e elitista.

Faraco nomeia essa restrição imposta pela norma-padrão como "norma curta". Esse termo enfatiza a limitação e a falta de flexibilidade da norma-padrão, que não consegue abarcar toda a diversidade e dinamismo da língua em uso. A "norma curta" se manifesta quando as pessoas corrigem os outros de maneira prescritiva, muitas vezes desconsiderando o contexto comunicativo e as variedades linguísticas legítimas e funcionais que os falantes utilizam em diferentes situações.

Por que, então, as escolas persistem em prescrever exclusivamente as regras da gramática normativa, ignorando as diversas variedades do Português? Parte dessa persistência em restringir o ensino da língua portuguesa à norma-padrão está vinculada ao status de prestígio associado ao uso "correto" da língua. Historicamente, a população com menor poder aquisitivo enfrentou (e enfrenta) mais dificuldades de acesso à educação formal e ascensão social. Assim, aqueles que têm maior domínio das regras da gramática normativa são muitas vezes considerados mais influentes na sociedade. Isso leva muitos indivíduos a utilizarem a norma-padrão como critério para desqualificar as variedades populares e, até mesmo, a norma culta comum. Essa tendência é reforçada no ambiente escolar, pela mídia, por manuais de redação, entre outros.

Em suma, sobre a distinção entre norma culta (ou normas cultas, conforme Faraco (2008)) e norma-padrão, frequentemente confundidas ou tratadas como equivalentes pela mídia, pelo senso comum e até mesmo, às vezes, por materiais didáticos, constatamos que: a norma culta representa um conjunto de características linguísticas adotadas por uma determinada comunidade de fala, usadas por falantes considerados cultos, ou seja, uma variação que detém maior prestígio entre esses falantes. Justamente por se tratar de uma variedade de determinada comunidade de fala, existem várias normas cultas, posto que cada comunidade de fala determina quais usos da língua denotam mais prestígio. As normas cultas são, portanto, normas normativas, prescritivas.

Por outro lado, a norma-padrão não reflete as características linguísticas de um grupo específico, não se trata de produção espontânea. Em vez disso, constitui um conjunto de

preceitos e regras e por isso, também uma norma "normativa", que dita como a língua deve ser usada, com o objetivo de homogeneizar o uso da língua.

Portanto, trabalhar exclusivamente com a gramática normativa, seja pela norma-padrão, seja pelas normas cultas, não contempla os usos cotidianos da língua e a imensa vastidão de normas que os estudantes utilizam diariamente. É preciso que o ambiente escolar aborde mais variedades linguísticas, sem focar exclusivamente na variação lexical ou nos fatores externos, e explique que essas variedades são parte inerente da língua. O importante não é apenas decorar regras prescritivas, mas entender o funcionamento da língua e como adequar-se às diversas situações de comunicação.

Sendo assim, é importante que a escola trabalhe também com esses dados empíricos observados na análise descritiva da língua e não se atenha apenas à análise prescritiva, que muitas vezes se afasta da realidade dos estudantes.

Um exemplo desse afastamento desmotivador da realidade linguística dos estudantes, especialmente no ensino fundamental, é o uso do pronome oblíquo "me" no início de frase. Conforme a gramática normativa que rege a norma-padrão, o correto seria o uso da ênclise: "empreste-me o lápis". No entanto, o que se observa empiricamente é que o uso comum coloca o pronome em posição anterior ao verbo: "me empresta o lápis". Sendo este uso repetido e conhecido universalmente pelos falantes nativos do português brasileiro, utilizado, inclusive, por comunidades de fala consideradas elitizadas e cultas – que usam, portanto, a chamada norma culta - por que a escola insiste em ensinar que o correto seria o pronome em posição enclítica?

Faraco e Zilles (2017) apresentam três grandes problemas relacionados ao ensino exclusivo da norma-padrão na escola. O primeiro problema é a distância entre a prática e a teoria; como já mencionamos, não usamos a língua como prescreve a gramática normativa. O segundo problema está relacionado à condenação arbitrária dos usos que, embora comuns e até pertencentes à norma culta, se desviam das prescrições da norma-padrão. Essa condenação é feita por professores, gramáticos e até mesmo por falantes que tenham um mínimo conhecimento da norma-padrão. O terceiro problema é a desvalorização e condenação como "erro" de toda e qualquer variedade da língua que não seja a norma-padrão.

Esses problemas geram diversas consequências negativas para o processo de aprendizado dos estudantes. A insistência em uma única norma prescritiva pode causar desmotivação, já que os alunos não veem suas práticas linguísticas cotidianas valorizadas ou refletidas no ambiente escolar. Isso pode levar à sensação de inadequação e ao desinteresse pelo

estudo da língua, uma vez que os estudantes percebem a norma-padrão como algo distante e artificial, desconectado de suas realidades.

Para mitigar esses problemas, é fundamental considerar a diversidade linguística trazida pelo processo de urbanização e democratização do ensino. A urbanização, especialmente em países como o Brasil, provocou uma grande migração de populações rurais para os centros urbanos, trazendo consigo uma vasta gama de dialetos e formas de expressão regional. Essa migração contribuiu para a formação de cidades culturalmente diversas, onde diferentes tradições linguísticas convivem e interagem diariamente. Em ambientes urbanos, é comum encontrar pessoas de diferentes origens sociais e geográficas, o que leva a uma maior exposição e aceitação de múltiplas formas de falar.

Simultaneamente, a democratização do ensino desempenhou um papel crucial nesse contexto. Ao ampliar o acesso à educação básica e superior para um número cada vez maior de cidadãos, o sistema educacional começou a refletir a diversidade da população. Alunos de diferentes origens socioeconômicas e regionais passaram a frequentar as mesmas escolas, trazendo suas variadas formas de expressão linguística para o ambiente educacional. Isso resultou em um maior reconhecimento e valorização das diferentes normas linguísticas existentes no país.

Processo de expansão e democratização do sistema de ensino teve um efeito antielitista na medida em que a escrita e o acesso à cultura escrita (e às variedades linguísticas aí praticadas) se disseminou, relativizando a marca simbólica das variedades cultas (Faraco e Zilles, 2017 p. 56).

Tradicionalmente, a cultura escrita e as variedades cultas da língua eram prerrogativas das classes mais abastadas, servindo como um marcador simbólico de status e poder. No entanto, com a ampliação do acesso à educação, essas barreiras começaram a ser derrubadas. A escola passou a acolher uma diversidade maior de alunos, oriundos de diferentes contextos socioeconômicos e regionais, trazendo consigo suas próprias formas de expressão linguística. Essa diversidade linguística, antes marginalizada, passou a ser reconhecida e valorizada dentro do ambiente educacional, estando presente inclusive nos documentos orientadores de práticas pedagógicas como a BNCC.

Consequentemente, a marca simbólica das variedades cultas foi relativizada, deixando de ser o único modelo de prestígio e competência linguística. Esse movimento não apenas promoveu uma maior equidade no acesso ao conhecimento e às oportunidades, mas também contribuiu para a valorização das diferentes identidades culturais e linguísticas presentes na

sociedade brasileira. Ao democratizar o acesso à cultura escrita, a educação tornou-se um instrumento de inclusão social, permitindo que mais pessoas participassem plenamente da vida cultural e intelectual do país.

Por outro lado, a consolidação de sociedades altamente urbanizadas, populosas, de complexa organização econômica, com população amplamente escolarizada e coberta pelos meios de comunicação de massa contribuiu para disseminar uma relativa uniformização linguística, tendo como referência justamente a norma da população escolarizada (Faraco e Zilles, 2017 p. 56).

Esse fenômeno de uniformização, citado por Faraco e Zilles, se deve em grande parte à influência constante da mídia, que utiliza predominantemente a norma culta em seus programas televisivos, jornais, rádio e, mais recentemente, nas plataformas digitais. A exposição diária a esse modelo linguístico promove uma padronização das formas de falar e escrever, especialmente entre as gerações mais jovens, que são ávidas consumidoras de conteúdo midiático. Além disso, a educação formal, que segue currículos nacionais e utiliza livros didáticos padronizados, reforça a norma culta como o modelo ideal a ser seguido. Essa tendência à uniformização, embora facilite a comunicação e a integração social em um país vasto e diverso como o Brasil, também pode levar à marginalização de dialetos regionais e variedades linguísticas que não se enquadram na norma culta.

Portanto, vivemos em um paradoxo no qual devemos valorizar as variedades da língua sem estigmatizá-las, ao mesmo tempo em que utilizamos as variedades de prestígio, que são mais frequentes em diversas práticas de comunicação e valorizar a diversidade linguística, garantindo que todas as formas de expressão sejam reconhecidas e respeitadas.

Adotar uma abordagem que combine tanto a prescrição quanto a descrição pode ajudar os alunos a compreender melhor a dinâmica da língua e a se comunicar de maneira mais eficaz em diferentes contextos. Além de ensinar as regras gramaticais tradicionais, os educadores devem mostrar como e por que essas regras podem variar em diferentes situações de comunicação. Dessa forma, os alunos não só aprendem as normas cultas, mas também desenvolvem a capacidade de adaptar sua linguagem de acordo com o público e o contexto, o que é uma habilidade essencial na vida social e profissional.

2.3. BNCC E A ABORDAGEM DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA

Para desenvolvimento de nossa proposta didática também nos guiaremos pelo documento orientador Base Nacional Comum Curricular (doravante BNCC).

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidos nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século (Brasil, 2018 p. 67).

O documento apresenta seis competências específicas de linguagens e outras dez competências específicas de Língua Portuguesa no ensino fundamental, entre as quais boa parte está diretamente ligada às contribuições da Sociolinguística ao ensino de língua portuguesa:

Das competências gerais:

4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (Brasil, 2018, p. 9.).

Das competências específicas de linguagens para o ensino fundamental:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva. (Brasil, 2018, p. 65).

Das competências específicas de Língua Portuguesa para o ensino fundamental:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de

- construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
 5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual (Brasil, 2018 p. 87).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe que o ensino de Língua Portuguesa seja fundamentado na unidade do texto. Essa abordagem inclui a análise dos gêneros textuais considerando as condições de produção, como o autor, a época em que o texto foi produzido, sua finalidade e o meio de circulação, entre outros fatores.

Os gêneros são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (Marcuschi, 2008 p. 155).

Na visão da BNCC, as habilidades escolares destinadas à aprendizagem dos estudantes são desenvolvidas através do trabalho com gêneros textuais que circulam em diferentes áreas da atividade humana, e não de maneira genérica e descontextualizada. O documento propõe que os estudantes tenham contato direto com diversos gêneros textuais presentes nas esferas sociais. Esse contato com textos reais permite que eles conheçam melhor o funcionamento de várias práticas de linguagem. Além disso, a BNCC prevê a produção de textos, incentivando os estudantes a criar textos úteis, relacionados à realidade e que façam sentido no contexto atual, tornando-os cidadãos ativos e reflexivos.

Seguindo a proposta do documento, o estudante não apenas conhece a estrutura e funcionalidade da notícia, mas também lê e produz notícias relevantes à sua atualidade. Isso proporciona ao aluno uma aprendizagem mais eficiente e a prática de participar ativamente na sociedade. O mesmo se aplica aos diversos gêneros textuais, que devem ser apresentados aos estudantes conforme as orientações da BNCC.

Essa proposta da BNCC visa uma compreensão mais profunda e contextualizada dos textos. Ao focar nas condições de produção, os alunos são incentivados a entender o contexto em que um texto foi criado, quem é o autor, quais eram as intenções ao escrever, e como e onde o texto foi divulgado. Essa abordagem ajuda a desenvolver habilidades críticas e analíticas, permitindo que os estudantes se tornem leitores e escritores mais proficientes e conscientes.

Com base nessa prescrição, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também aborda a variação linguística, validando e reconhecendo todas as formas de expressão linguística presentes na sociedade. O documento propõe:

- Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
- Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica (Brasil, 2018 p.83)

As diretrizes pedagógicas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o ensino de Língua Portuguesa fundamentam-se nos seguintes eixos: oralidade, leitura/escuta, produção (escrita e multissemiótica) e análise linguística/semiótica, sendo esse último o foco central de nossa pesquisa.

No eixo que trata da leitura/escuta, a BNCC propõe relacionar o texto às suas condições de criação, ao contexto sócio-histórico em que circula e aos objetivos de comunicação: os leitores e as leituras pretendidas, os pontos de vista e as perspectivas envolvidas, o papel social do autor, a época, o gênero do discurso e a esfera ou campo relevante, dentre outras práticas. Ao analisar os textos dessa maneira, os alunos aprendem a valorizar a diversidade de perspectivas e a importância do contexto na construção do significado, tornando-se leitores mais informados e reflexivos.

No que diz respeito ao eixo da produção de textos, o documento orienta práticas de uso e reflexão da língua, tais como “analisar as condições de produção do texto no que diz respeito ao lugar social assumido e à imagem que se pretende passar a respeito de si mesmo” (Brasil, 2018, p.72). Essa orientação incentiva os estudantes a refletirem sobre o papel que desempenham ao produzir textos e a imagem que desejam projetar. Eles são levados a considerar como suas escolhas linguísticas e estruturais podem influenciar a percepção dos leitores, bem como a avaliar o impacto de seu lugar social na comunicação. Ao fazer isso, os alunos desenvolvem uma maior consciência crítica sobre a função e o poder da linguagem, aprimorando sua capacidade de se expressar de maneira eficaz e adequada aos diferentes contextos e públicos.

No eixo da oralidade, a BNCC enfoca práticas de linguagem que dispensam a produção escrita, priorizando a comunicação oral. A proposta inclui gêneros textuais como aula dialogada, mensagem gravada, debate, entrevista e programa de rádio, entre outros, incentivando a reflexão sobre as diferentes situações sociais que geram textos orais. A

apreciação e produção desses textos destacam a vastidão de recursos linguísticos disponíveis para variadas situações comunicativas, promovendo o desenvolvimento das habilidades orais dos estudantes. Isso permite que eles se tornem comunicadores mais eficazes e versáteis, capazes de adaptar sua fala a diferentes contextos e públicos.

O Eixo da Análise Linguística/Semiótica envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido (Brasil, 2018 p. 80).

Dentro do extenso espectro do ensino da língua delineado no eixo de análise linguística/semiótica, diretamente relacionada aos demais eixos em que se organizam os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento de Língua Portuguesa, o documento destaca a relevância das reflexões sobre as variações linguísticas, não apenas no aspecto gramatical, mas especialmente em relação ao “valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais” (Brasil, 2018, p. 81).

O ensino de Língua Portuguesa quanto às variações linguísticas deve, portanto, contemplar elementos além da variação lexical, regional ou histórica. É fundamental que aborde variações na estrutura gramatical, incluindo as diferenças de sintaxe, morfologia, escolha estilística e outros aspectos dentro da própria língua. O professor deve abordar tanto as variações que ocorrem de maneira consciente quanto aquelas quase imperceptíveis, que acontecem de modo não monitorado pelo próprio falante. Dessa forma, os estudantes serão capazes de reconhecer que a língua varia em uma imensidão de detalhes, muitos dos quais já são familiares para eles, o que lhes dará maior confiança no desenvolvimento de sua própria aprendizagem.

A BNCC também prevê o ensino e reflexão sobre o uso da norma-padrão (importante ressaltar aqui que o documento chama de norma-padrão aquilo que conhecemos por norma culta, posto que, como já discutimos, a norma-padrão é um construto teórico impraticável por completo). Essa reflexão deve partir "de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências" (Brasil, 2018, p. 136). Nesse contexto, o ensino da norma culta seria diretamente relacionado aos gêneros textuais em uso na sociedade. É importante observar a necessidade de uso de uma norma ou outra conforme a situação de comunicação.

Trata-se, portanto, de um documento orientador que está alinhado aos preceitos da Sociolinguística. Ele enfatiza a importância de reconhecer e valorizar a diversidade linguística presente no ambiente escolar e na sociedade. Para que esse objetivo seja alcançado, é essencial que os professores implementem essas diretrizes em sala de aula, promovendo práticas pedagógicas que instiguem os alunos a refletirem sobre as variações linguísticas e a utilizarem a língua de maneira crítica e consciente. Isso inclui a adaptação de diferentes normas linguísticas conforme as situações de comunicação, proporcionando uma aprendizagem mais rica e contextualizada. Assim, os estudantes podem ampliar suas competências comunicativas, compreendendo melhor o papel da língua na construção de identidades e na interação social.

3. AS NOVAS TECNOLOGIAS E A INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO

O desenvolvimento das tecnologias, impulsionado pelo advento da internet, tem ocorrido de forma cada vez mais acelerada. Nos últimos vinte anos, testemunhamos uma evolução extraordinária, partindo dos primeiros celulares - que estavam disponíveis apenas para ligações e mensagens de texto - até os sofisticados smartphones, que proporcionam acesso à internet e a uma infinidade de recursos. Com apenas um toque, é possível acessar informações variadas, plataformas digitais, jogos e redes sociais em tempo real.

É importante reconhecer que este avanço tecnológico tem impactado profundamente a vida cotidiana, especialmente para os estudantes que hoje frequentam a educação básica. Para esses jovens, a tecnologia é algo natural e intrínseco ao seu dia a dia, já que nasceram em uma era onde o digital é onipresente. É comum que muitos desses estudantes demonstrem um domínio tecnológico que supera o de grande parte dos adultos, inclusive de seus próprios professores. Para esses jovens, a tecnologia não é apenas uma ferramenta, mas uma extensão natural de sua existência, moldando suas percepções.

3.1. AS REDES SOCIAIS E A SOCIOLINGÜÍSTICA

Sob uma perspectiva da linguística, esse processo de desenvolvimento das tecnologias, impulsionado pelo advento da internet, pode ser interpretado como uma transformação, pois não apenas modifica as formas de comunicação, como também redefine os modos de interação e expressão humana. Essas “práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir (Brasil, 2018 p.68)”.

A facilidade de acesso e a familiaridade dos estudantes com as novas tecnologias digitais não significam que eles saibam como utilizar essas ferramentas para favorecer seu aprendizado escolar ou selecionar informações verdadeiras ou falsas em sites de domínio público. Muitos estudantes, apesar de dominarem o uso de dispositivos eletrônicos e navegarem com destreza pela internet, carecem de habilidades críticas para distinguir entre fontes confiáveis e não confiáveis, bem como para aplicar essas tecnologias de maneira construtiva em seus estudos.

Portanto, cabe à escola se adequar a essas novas tecnologias e, dentro de seu escopo de ensino, incluir orientações sobre o uso ético e produtivo desses recursos, como prescreve a BNCC. A incorporação de novas tecnologias no ambiente escolar não apenas moderniza o processo educacional, mas também prepara os alunos para um mundo cada vez mais digital e interconectado. A BNCC destaca a importância de desenvolver competências digitais nos estudantes, capacitando-os a utilizar ferramentas tecnológicas de forma crítica e responsável.

No entanto, uma parcela significativa dos educadores, que desempenham um importante papel na formação desses jovens da era digital, muitas vezes enfrenta dificuldades em acompanhar o ritmo acelerado das evoluções tecnológicas, encontrando-se em uma posição desafiadora no contexto educacional contemporâneo. Esse descompasso entre gerações cria uma dinâmica complexa no ambiente escolar, onde os professores, tradicionalmente vistos como detentores do conhecimento e autoridade, agora se encontram em uma posição de aprendizes, tendo que se adaptar constantemente às novas tecnologias para permanecerem relevantes para seus alunos.

Além do despreparo tecnológico, esses docentes enfrentam um obstáculo cultural profundamente enraizado no imaginário popular, que associa o novo à desordem e ao desconforto. Essa resistência é particularmente evidente no contexto da internet, que é vista como um ambiente teoricamente democrático onde qualquer usuário pode inserir e acessar os mais diversos conteúdos instantaneamente. Essa característica da internet, apesar de ser uma vantagem em termos de acesso à informação, também contribui para a percepção de caos e desorganização, tornando ainda mais desafiadora a tarefa dos professores de integrar as novas tecnologias ao processo educacional de maneira eficaz. A falta de preparo técnico e a resistência cultural combinam-se com a escassez de recursos financeiros e a falta de espaço físico nas escolas públicas, criando um cenário onde a adoção de tecnologias digitais na educação se torna um processo lento e, muitas vezes, frustrante.

No que diz respeito ao uso da língua, as variações linguísticas relacionadas às novas tecnologias digitais da informação e comunicação, que despertam interesse nos jovens, muitas vezes não correspondem às normas cultas, mas sim às variedades de menos prestígio. Isso

ocorre porque os conteúdos escolhidos pelos estudantes geralmente estão relacionados a figuras influentes na internet, que ascenderam socialmente apresentando como entretenimento suas vidas, suas escolhas de laser, apresentando jogos de videogame, fazendo os mais diversos vídeos do YouTube, entre outros. Essas pessoas simples usam variedades do uso cotidiano, com menor monitoração das escolhas linguísticas, frequentemente associadas a variedades estigmatizadas pela sociedade.

Considerando o uso dessa linguagem menos monitorada, crianças e adolescentes que frequentam o ensino fundamental tendem a se identificar com essas celebridades digitais, pois elas utilizam variedades linguísticas mais próximas à realidade dos jovens do que a norma-padrão ou a norma culta apresentadas na escola, nos livros de literatura e nos materiais didáticos.

Esse fenômeno pode ter diversas implicações na educação. Primeiramente, os jovens podem desenvolver uma visão negativa da norma culta, vendo-a como algo distante e irrelevante para suas vidas cotidianas. Isso pode resultar em um desinteresse pela aprendizagem formal da língua e uma resistência ao uso prescritivo da gramática e da ortografia nos contextos escolares.

Além disso, a exposição constante a variedades linguísticas não monitoradas pode influenciar a forma como os alunos se expressam tanto oralmente quanto por escrito. Eles podem adotar gírias, expressões coloquiais e estruturas gramaticais não normativas em situações em que a norma culta seria mais adequada, como na redação de textos acadêmicos ou na comunicação formal.

Por isso, essas variações relacionadas às Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, as ditas TDIC, são frequentemente recebidas com resistência e desconfiança pelos docentes de Língua Portuguesa, e até pelo senso comum, como se representassem uma ameaça à integridade e à tradição da língua. Essa mentalidade conservadora, que acompanha boa parte dos profissionais da educação, pode criar barreiras adicionais para a integração das novas tecnologias no contexto educacional, dificultando o aproveitamento pleno de seu potencial didático-pedagógico e transformador.

Essa identificação com as celebridades digitais também pode ser vista como uma oportunidade para a educação. Os professores podem utilizar essa conexão para engajar os alunos, trazendo exemplos da linguagem dessas figuras influentes para dentro da sala de aula e mostrando como diferentes registros linguísticos são adequados para diferentes contextos. Dessa forma, os alunos podem aprender a valorizar e dominar tanto a norma culta quanto as variedades linguísticas que fazem parte de seu cotidiano.

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade (Bortoni-Ricardo, 2005 p. 15)

No cenário contemporâneo, as tecnologias digitais têm desempenhado um papel cada vez mais importante na forma como nos comunicamos, aprendemos e nos envolvemos com o mundo ao nosso redor. Nesse contexto, o conceito de multiletramentos digitais emerge como uma abordagem que reconhece a complexidade das práticas de letramento em ambientes digitais e sociais. Ao mesmo tempo, a inclusão social escolar, um aspecto fundamental da educação, se torna mais tangível quando combinada com estratégias que reconhecem e valorizam a diversidade linguística e cultural dos alunos.

A necessidade de uma pedagogia dos multiletramentos foi, em 1996, afirmada pela primeira vez em um manifesto resultante de um colóquio do Grupo de Nova Londres (doravante, GNL) [...] nesse manifesto, o grupo afirmava a necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte - mas não somente - devido às TICs, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presente nas salas de aula (Rojo, 2012 p.11-12).

A Sociolinguística, como campo que estuda a relação entre linguagem e sociedade, desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas linguísticas presentes nas redes sociais. As redes sociais digitais são espaços onde uma infinidade de vozes e identidades se entrelaçam, criando um ambiente rico em diversidade linguística e cultural. Por meio da lente sociolinguística, é possível explorar como diferentes grupos sociais se comunicam, negociam significados e constroem identidades dentro desses espaços virtuais.

Além disso, ao incorporar os princípios dos multiletramentos digitais, as aulas de língua portuguesa podem preparar os alunos para se tornarem participantes ativos e críticos nas redes sociais e em outros ambientes digitais. Isso envolve não apenas o domínio das habilidades técnicas necessárias para navegar e produzir conteúdo digital, mas também a capacidade de compreender e avaliar criticamente as mensagens que encontram online, reconhecendo o contexto sociocultural em que são produzidas.

Uma proposta interessante, alinhada a essa perspectiva, é a sugerida por Rojo (2009), que propõe listar com os alunos do ensino fundamental, eventos de letramento cotidiano, tais como tirar dinheiro de caixa eletrônico, enviar mensagens para colegas, fazer compras no

mercado e/ou pela internet. Essa abordagem permite que os alunos reconheçam a diversidade de práticas de letramento presentes em suas vidas cotidianas, promovendo uma reflexão sobre a importância da linguagem em diferentes contextos e situando o aprendizado dentro de um quadro mais amplo de experiências de vida.

Ao promover os multiletramentos digitais e a inclusão social escolar por meio da Sociolinguística nas redes sociais, as escolas podem criar um ambiente de aprendizado dinâmico e inclusivo, onde todos os alunos se sintam valorizados e capacitados a participar plenamente da sociedade digital contemporânea. Essa abordagem não apenas prepara os alunos para os desafios do mundo digital, mas também os capacita a se tornarem cidadãos conscientes e engajados em uma sociedade cada vez mais interconectada.

3.2. BNCC E A APLICAÇÃO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA ESCOLA

A BNCC prevê que o ensino de Língua Portuguesa, além do trabalho convencional com oralidade, leitura e escrita, deve “contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais” (Brasil, 2018, p. 69). Antes de abordar o letramento digital, é importante retomarmos a definição de letramento. Segundo Magda Soares, “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social” (Soares, 1998, p. 72). Nesse sentido, as mais variadas práticas sociais exigem alguma forma de letramento, desde uma compra no mercado até a elaboração de uma tese de doutorado.

É importante destacar a distinção entre letramento e alfabetização: enquanto a alfabetização se refere às habilidades individuais de leitura e escrita adquiridas na escola, o letramento engloba práticas sociais mais amplas que não estão necessariamente vinculadas ao ambiente escolar, embora muitas dessas práticas sejam trabalhadas nesse contexto. Assim, o letramento se manifesta em diferentes situações cotidianas, refletindo a capacidade dos indivíduos de interagir e compreender as demandas sociais relacionadas à leitura e à escrita.

Uma pessoa que nunca frequentou a escola e não sabe ler ou escrever pode, ainda assim, ir ao mercado e distinguir embalagens de leite condensado e creme de leite, ou usar facilmente o aplicativo de comunicação *WhatsApp*, reconhecendo seus contatos pelas imagens e se comunicando por meio de mensagens de áudio. Esses são exemplos de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita, ou seja, de letramentos, que não exigem necessariamente que o indivíduo tenha frequentado a escola e que saiba ler e escrever. Esses exemplos demonstram que o

letramento se manifesta em diversos aspectos da vida cotidiana, permitindo que as pessoas interajam e compreendam o mundo ao seu redor de maneiras que vão além das habilidades tradicionais de leitura e escrita aprendidas em um ambiente escolar. Assim, o letramento inclui uma série de competências que permitem a participação ativa e eficiente na sociedade, independentemente da formalidade da educação recebida.

Entre os letramentos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estão os letramentos digitais. Esse tipo de letramento envolve a capacidade de utilizar, compreender e criticar informações e ferramentas digitais de maneira eficiente e ética. Nesse contexto, os alunos devem ser preparados para navegar em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias digitais, que incluem desde a simples navegação na internet e uso de redes sociais até a criação de conteúdos multimídia. Consideramos que a educação para os letramentos digitais é fundamental para o desenvolvimento de competências como o pensamento crítico, a resolução de problemas e a comunicação eficaz em ambientes digitais.

Trata-se também de possibilitar vivências significativas, na articulação com todas as áreas do currículo e com os interesses e escolhas pessoais dos adolescentes e jovens, que envolvam a proposição, desenvolvimento e avaliação de ações e projetos culturais, de forma a fomentar o protagonismo juvenil de forma contextualizada (Brasil, 2018 p. 147).

Com os letramentos digitais, além de preparados para compreender e produzir conteúdos e interagir nas redes sociais, os estudantes podem se tornar críticos, capazes de selecionar conteúdos e questionar posições. As redes sociais, embora democráticas, tendem a produzir bolhas que divulgam e reforçam pensamentos semelhantes, frequentemente se tornando virais com inúmeros compartilhamentos e curtidas. Por isso, é crucial que a escola prepare os alunos para questionarem e verificarem a veracidade das informações difundidas na rede. Além disso, é importante que eles sejam capazes de reconhecer posicionamentos diferentes dos seus e considerá-los justos e válidos, mesmo que não correspondam às suas próprias crenças.

Nesse contexto, capacitar os jovens para que liderem o combate à desinformação e à intolerância nas redes, tornando-se agentes ativos na promoção de um diálogo saudável e construtivo, além de fazer parte do letramento científico, também significa promover o protagonismo juvenil. Esse protagonismo se refere à atuação plena do indivíduo na sociedade em que está inserido, estando diretamente ligado ao fortalecimento do poder do jovem como participante ativo na transformação política e social. No entanto, esse fortalecimento e a consequente participação não ocorrem de maneira espontânea ou natural apenas pelo ingresso

na juventude, mas resultam de um processo que permite ao jovem ir além do papel de mero ator social, tornando-se um agente questionador e interventor crítico em sua vida e na sociedade (Stamato, 2008, p. 59).

Isso envolve não apenas a habilidade técnica de navegar no mundo digital, mas também a formação ética e crítica necessária para influenciar positivamente a sociedade.

Para Rojo:

Essa triangulação que a escola pode fazer, enquanto agência de letramento patrimonial e cosmopolita, entre as culturas locais, global e valorizada é particularmente importante – em especial no Brasil – quando reconhecemos a importância de formar um aluno ético e democrático, crítico e isento de preconceitos e disposto a ser “multicultural em sua cultura” e lidar com as diferenças socioculturais (Rojo, 2009 p. 120)

O desenvolvimento dessas habilidades críticas permite que os alunos naveguem de forma mais consciente e responsável no mundo digital, evitando a disseminação de desinformação e promovendo um ambiente de diálogo e respeito às diversidades de pensamento. A educação para os letramentos digitais, portanto, não só capacita os estudantes tecnicamente, mas também os forma como cidadãos reflexivos e éticos, aptos a contribuir para uma sociedade mais informada e democrática. Dessa forma, o ensino de Língua Portuguesa, ao integrar os letramentos digitais, amplia seu escopo, preparando os alunos para os desafios contemporâneos e para a convivência em um mundo cada vez mais conectado e interdependente.

Os letramentos digitais promovem também a inclusão digital, permitindo que os alunos tenham acesso a um vasto mundo de informações e oportunidades de aprendizado que vão além da sala de aula tradicional. Ao integrar esses novos letramentos no currículo de Língua Portuguesa, a BNCC visa preparar os alunos para os desafios do século XXI, equipando-os com as habilidades necessárias para participar plenamente na sociedade digital. Assim, o ensino de Língua Portuguesa torna-se um campo dinâmico e abrangente, que acompanha as transformações tecnológicas e sociais, garantindo uma formação integral e contextualizada para os estudantes.

Nesse contexto, a escola precisa oferecer oportunidades para que os alunos explorem e utilizem tecnologias digitais em diversas atividades, como pesquisas e comunicação online. Isso envolve ensinar sobre segurança na internet, proteção de dados pessoais, respeito à propriedade intelectual e comportamento adequado nas redes sociais. Além disso, é importante

incentivar a criatividade e a inovação, motivando os alunos a usar a tecnologia para resolver problemas, criar conteúdo e participar ativamente da sociedade digital.

Como proposta de trabalho com os letramentos digitais, Rojo (2009, p. 55-56) sugere questionários aos alunos sobre práticas digitais usadas habitualmente por eles e suas famílias, como digitar dados e informações, escrever trabalhos escolares, fazer pesquisas e consultas, fazer cursos à distância e fazer compras *online*. Podemos acrescentar a essa lista atividades como comunicação via *WhatsApp*, produção e formatação de fotos e vídeos, uso de aplicativos bancários, entre outras.

Todas essas possibilidades são exemplos de letramento digital nos quais a escola pode intervir, orientar e analisar junto aos alunos, oferecendo-lhes oportunidades de serem protagonistas em sua própria aprendizagem, não só da Língua Portuguesa, mas dos contextos sociais de uso das mais variadas ferramentas digitais. Isso inclui não apenas o desenvolvimento de habilidades técnicas, como o manuseio de plataformas e a produção de conteúdos multimodais, mas também a capacidade crítica de avaliar a confiabilidade das informações, compreender os impactos das tecnologias na comunicação e reconhecer a diversidade de formas e registros linguísticos presentes no ambiente digital. Ao incorporar essas práticas no cotidiano escolar, a escola amplia seu papel formador, promovendo uma educação mais conectada com a realidade dos estudantes e contribuindo para a formação de cidadãos críticos, reflexivos e preparados para os desafios do mundo digital.

Promover o protagonismo juvenil² nesse contexto é fundamental, pois incentiva os estudantes a serem agentes ativos na utilização responsável e criativa das tecnologias digitais. Ao assumir esse protagonismo, os jovens desenvolvem competências de liderança e tornam-se capazes de influenciar positivamente suas comunidades, utilizando suas habilidades digitais para promover mudanças sociais significativas e enfrentar os desafios do mundo contemporâneo.

Além disso, é fundamental que os alunos compreendam e valorizem as variantes linguísticas encontradas nas atividades cotidianas. As diferentes formas de expressão que surgem em contextos digitais, como gírias, abreviações e estilos de comunicação menos

² Segundo Stamato (2008), o conceito de protagonismo tem origem no teatro grego, em que o protagonista é aquele que ocupa o papel central na trama, guiando os acontecimentos e influenciando diretamente os rumos da história. Transposto para o campo social, o jovem protagonista é aquele que atua com autonomia, responsabilidade e consciência crítica, contribuindo de forma ativa para a transformação do meio em que vive. No contexto de nossa pesquisa, esse protagonismo se concretiza quando os estudantes investigam, produzem e refletem sobre temas como a diversidade e o preconceito linguístico, exercendo autonomia e responsabilidade em suas práticas.

formais, refletem a riqueza e a diversidade da língua. Ao analisar e discutir essas variantes, a escola ajuda os alunos a desenvolverem uma visão inclusiva e respeitosa das diversas manifestações linguísticas, combatendo preconceitos e promovendo a igualdade.

Dessa forma, o trabalho com letramentos digitais na escola se torna uma estratégia essencial para preparar os alunos para uma participação ativa, consciente e crítica na sociedade contemporânea, onde as habilidades digitais e a compreensão das variantes linguísticas são cada vez mais indispensáveis. Além disso, ao promover o protagonismo juvenil, a escola incentiva os estudantes a serem agentes de transformação, capazes de utilizar as tecnologias digitais de forma inovadora e responsável, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Esse protagonismo envolve a capacitação dos jovens para que eles possam liderar projetos, tomar decisões informadas e atuar como cidadãos críticos e engajados, preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Outro dos letramentos previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o letramento científico³, cujo objetivo é "assegurar aos alunos do Ensino Fundamental o acesso à diversidade de conhecimentos científicos produzidos ao longo da história, bem como a aproximação gradativa aos principais processos, práticas e procedimentos da investigação científica" (Brasil, 2018, p. 321). Embora o documento aborde esse letramento apenas na área de Ciências da Natureza, entendemos que o letramento científico também se aplica ao nosso trabalho, pois tomamos como objeto de estudo a própria Língua Portuguesa em uso. A abordagem científica da Língua Portuguesa envolve a análise e a compreensão das estruturas, funções e usos da linguagem, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades críticas e investigativas que são essenciais para a formação de cidadãos conscientes e participativos.

Assim, os letramentos digitais e o letramento científico se complementam, pois ambos visam capacitar os alunos a lidar com a complexidade do mundo contemporâneo. O letramento digital foca na habilidade de utilizar as novas tecnologias de forma crítica e eficiente, enquanto o letramento científico promove a compreensão e a aplicação de métodos científicos. Juntos, eles fornecem uma base sólida para que os estudantes possam interpretar, analisar e produzir conhecimento de maneira integrada e contextualizada.

Dessa forma, o trabalho com propostas didáticas que proporcionem o desenvolvimento do letramento científico de alunos da educação básica nas aulas de Língua Portuguesa pode

³ Com base em Silva (2016), o letramento científico pode ser definido como o processo de apropriação e desenvolvimento das capacidades de compreender, interpretar, produzir e argumentar com base em conhecimentos e práticas científicas. Trata-se de mais do que apenas dominar conteúdos científicos: envolve a habilidade de transitar entre diferentes gêneros e linguagens próprios da ciência, reconhecendo seus propósitos, contextos de uso e formas de construção do conhecimento.

colaborar para a promoção de uma compreensão mais profunda e contextualizada da língua. Ao propor o desenvolvimento de pesquisas em sala de aula, à luz de uma perspectiva científica, tendo como objeto de estudo a língua em uso, analisando-a a partir de seus diversos usos cotidianos e cotejando sua relação com as diferentes normas linguísticas, os alunos poderão construir conhecimentos linguísticos mais sólidos, integrados e, conseqüentemente, mais significativos.

Isso porque o letramento científico envolve a capacidade de entender, interpretar e utilizar informações científicas de maneira crítica e reflexiva. No contexto da Língua Portuguesa, isso inclui a análise de textos científicos, a compreensão de terminologias específicas e a habilidade de comunicar conceitos complexos de forma clara e precisa. Complementarmente, Silva (2016) destaca que o letramento científico, ao articular teorias acadêmicas às demandas da prática docente, contribui significativamente para a formação de professores mais críticos e conscientes de seu papel na mediação do conhecimento. Nesse sentido, ao ser inserido no ensino da Língua Portuguesa, o letramento científico amplia a compreensão dos estudantes sobre os usos da linguagem em diferentes contextos e fomenta práticas pedagógicas que favorecem tanto o domínio conceitual quanto a reflexão sobre as funções sociais da linguagem.

À luz de uma perspectiva científica da língua, por meio, por exemplo, do estudo das normas gramaticais e ortográficas, os alunos podem desenvolver a habilidade de reconhecer e utilizar as diferentes variedades linguísticas de maneira adequada, compreendendo quando e como aplicar a norma culta ou norma popular em contextos formais e informais. Essa abordagem permite que os estudantes percebam a língua enquanto um objeto de estudo científico que se organiza como um sistema dinâmico e flexível, que se adapta às necessidades de comunicação e aos diferentes contextos sociais e culturais. Além disso, a análise crítica da língua em uso, ou seja, dos usos cotidianos da língua pode contribuir para que os alunos consigam identificar de maneira bastante orgânica, os preconceitos linguísticos, assim como ea valorizar a diversidade linguística presente na sociedade.

O conhecimento das normas da língua também capacita os estudantes a produzir textos claros, coerentes e bem-estruturados, essenciais para a comunicação eficaz em diversas situações. Isso inclui desde a redação de e-mails profissionais e relatórios acadêmicos até a criação de conteúdos digitais e participação em debates públicos.

O letramento científico é fundamental para que os alunos tenham condições de desenvolver habilidades investigativas, como a formulação de hipóteses, a condução de pesquisas e a análise de dados, o que é fundamental para a construção do pensamento crítico e

para a solução de problemas complexos. Ao integrar essas habilidades com o estudo das normas da língua, os alunos são preparados para compreender e comunicar conteúdos científicos de maneira eficaz, o que é crucial em uma sociedade cada vez mais orientada pelo conhecimento científico e tecnológico.

Assim, ao integrar o letramento científico com o estudo das normas da língua, o ensino de Língua Portuguesa proporciona uma formação abrangente que prepara os alunos para atuar de maneira crítica e consciente em diferentes esferas da vida social, acadêmica e profissional.

4. METODOLOGIA

O trabalho contou, inicialmente, com uma pesquisa extensiva e revisão bibliográfica relacionada à Sociolinguística Educacional, com foco especial nos autores Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008), Faraco (2008), Faraco e Zilles (2017) e Bagno (2007). Em seguida, foi realizada uma revisão documental da BNCC (2018), no que diz respeito ao componente de Língua Portuguesa destinado aos anos finais do Ensino Fundamental II, sobretudo no que se refere ao eixo da análise linguística e semiótica. Além disso, foram incorporadas ao referencial teórico as contribuições de Stamato (2008), que compreende o protagonismo juvenil como a capacidade dos jovens de ocuparem um papel central nos processos em que estão inseridos, influenciando os rumos da ação educativa. Essa perspectiva reforçou a importância de envolver os alunos como sujeitos ativos e críticos em sua própria aprendizagem. Também se considerou a abordagem de Silva (2016), que define o letramento científico como um processo que articula teoria e prática, promovendo uma formação docente crítica e a construção de conhecimentos acadêmicos com significado social.

A abordagem metodológica adotada neste estudo seguiu os princípios da pesquisa-ação, conforme delineado por Thiollent (1996).

[...] A pesquisa-ação é uma modalidade de pesquisa social embasada em evidências empíricas, sendo concebida e executada em estreita associação com uma ação específica ou com a resolução de um problema coletivo. Nesse tipo de pesquisa, os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema colaboram de forma cooperativa ou participativa (Thiollent, 1996, p.14).

Entendemos que essa metodologia foi a mais apropriada para nossa investigação, pois partimos de uma questão presente em um contexto social específico. Nosso estudo se enquadrou nesse método porque foi desenvolvido a partir da observação de uma preocupação em relação ao ensino da Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à heterogeneidade da língua e ao uso de variedades de menor prestígio em práticas de linguagem cotidianas. Através da análise observada, realizamos intervenções alinhadas aos objetivos propostos, envolvendo ativamente a participação desta pesquisadora e dos alunos do 8º ano do ensino fundamental no processo. A pesquisa foi participativa e colaborativa, com a professora-pesquisadora implementando uma proposta de intervenção didática. O objetivo foi investigar se e como esses alunos desenvolveram habilidades e competências específicas da Língua Portuguesa, conforme indicado pela BNCC. Além disso, analisamos se o letramento científico, por meio da pesquisa sociolinguística educacional, contribuiu para que os alunos percebessem a língua como um objeto de investigação e quais conhecimentos sobre a língua puderam ser ampliados.

O projeto de pesquisa (CAAE 77335324.9.0000.5152) foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), assegurando o cumprimento das normas éticas exigidas para estudos envolvendo seres humanos. A aprovação foi concedida por meio do Parecer Consubstanciado de número 6.784.089, garantindo que todas as etapas da investigação respeitassem os princípios éticos da pesquisa educacional, especialmente no que diz respeito à proteção da identidade dos participantes e ao consentimento livre e esclarecido.

Com este trabalho, pretendemos aprimorar a compreensão dos estudantes sobre a variação linguística, um aspecto crucial da língua que frequentemente é negligenciado em abordagens tradicionais de ensino. Após a revisão bibliográfica e análise crítica, submetemos os alunos a perguntas que abordavam a variação e a modalização da língua, solicitando que analisassem as diversas variedades linguísticas presentes tanto na comunicação oral quanto em questões tipicamente associadas a textos escritos ou criados por eles próprios. Com base nessas constatações, avançamos para a análise detalhada, com o intuito de desenvolver atividades direcionadas à produção de textos escritos e orais relacionados a gêneros digitais. Estes materiais foram submetidos à análise, enquadrando-se, assim, no escopo da pesquisa voltada à observação das variedades linguísticas utilizadas pelos alunos no contexto da Sociolinguística Educacional.

4.1. DA INSTITUIÇÃO E DO NÚMERO DE PARTICIPANTES

Esta pesquisa foi desenvolvida em uma escola da rede pública estadual localizada na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, que atende alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II. Fundada em 1932, a escola é uma das mais antigas da cidade, possuindo uma longa história de contribuição para a educação local. O corpo docente é majoritariamente composto por professores efetivos, com um número menor de professores contratados, o que contribui para a estabilidade e a continuidade das práticas pedagógicas.

A escola funciona nos períodos da manhã e da tarde, atendendo aproximadamente 500 alunos. Esse ambiente escolar é caracterizado por uma diversidade socioeconômica e cultural, o que proporciona um contexto rico e variado para a realização da pesquisa. A infraestrutura da escola inclui salas de aula equipadas com recursos multimídia, uma biblioteca, laboratório de informática, além de áreas destinadas à prática de esportes e atividades extracurriculares.

Nossa intervenção foi direcionada aos alunos do 8º ano, envolvendo a professora-pesquisadora e os estudantes em uma série de oficinas sobre sociolinguística e o uso da língua em diferentes contextos. O objetivo era não apenas investigar as competências linguísticas dos alunos, mas também fomentar uma maior compreensão sobre a língua como um fenômeno social e dinâmico. Ao longo da pesquisa, foram coletados e analisados dados qualitativos para avaliar o impacto da intervenção e o desenvolvimento das habilidades específicas apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Em resumo, o contexto escolar escolhido para esta pesquisa foi considerado propício para a realização de um estudo aprofundado sobre o ensino da Língua Portuguesa à luz da sociolinguística educacional, contribuindo para o aprimoramento das práticas pedagógicas e para a formação de alunos mais conscientes e críticos em relação ao uso da língua.

De forma específica, este trabalho foi realizado com uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, na qual a professora-pesquisadora é regente. Todos os estudantes, entre 12 e 14 anos aproximadamente, regularmente matriculados na turma no ano letivo de 2024, foram convidados a participarem da pesquisa. A turma em questão possuía um total de 34 alunos, mas, para o desenvolvimento da pesquisa tivemos o retorno do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de 16 alunos participantes. Sendo que o número mínimo estimado para a realização da pesquisa foi determinado como dez participantes.

No que se refere aos critérios de inclusão, nos pautamos nos seguintes: I) consentimento em participar da pesquisa; II) estar regularmente matriculado na turma do 8º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais; III) possuir, por escrito, a permissão dos responsáveis legais para

participação na pesquisa; IV) ter frequência mínima de 75% nas atividades realizadas no decorrer da pesquisa.

Quanto aos critérios de exclusão, elegemos os seguintes: I) não consentir em participar da pesquisa; II) não estar regularmente matriculado na turma do 8º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) da instituição pesquisada; III) não possuir, por escrito, a permissão dos responsáveis legais para participar da pesquisa; IV) não ter frequência mínima de 75% nas atividades realizadas no decorrer da pesquisa.

Para garantir a participação ética e consciente dos alunos na pesquisa, foi realizada uma reunião presencial na escola com os responsáveis pelos estudantes. Nesse encontro, foram apresentados e esclarecidos o teor, os objetivos e os procedimentos da pesquisa, além das possíveis atividades que seriam desenvolvidas ao longo do estudo. Na ocasião, também foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), permitindo que os responsáveis tivessem total ciência do projeto antes de autorizarem formalmente a participação dos seus filhos. Essa etapa foi essencial para assegurar a transparência do processo e o respeito aos direitos dos participantes, conforme as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Vale ressaltar que as atividades planejadas ocorreram durante o horário habitual das aulas, e a proposta pedagógica foi implementada para a classe inteira, sendo incluída como parte do conteúdo regular conduzido pela professora-pesquisadora. Esta abordagem garantiu que a intervenção didática fosse integrada de forma harmoniosa ao currículo escolar, sem a necessidade de horários extras ou atividades complementares fora do período normal de aulas. Assim, a rotina dos alunos não foi alterada, o que facilitou a adesão e a participação.

A proposta pedagógica foi aplicada de maneira inclusiva, abrangendo todos os alunos da turma, independentemente de sua participação formal na pesquisa. Isso significa que todos os estudantes se envolveram nas atividades planejadas, como oficinas, discussões e produções de vídeos, assegurando que ninguém fosse excluído do processo educativo. A inclusão total dos alunos na proposta pedagógica tem o benefício adicional de promover um ambiente de aprendizagem colaborativo e coletivo, onde todos têm a oportunidade de aprender e contribuir.

Entretanto, para aqueles alunos que optaram por não participar formalmente da pesquisa, seja por decisão própria ou por falta de permissão de seus pais ou responsáveis legais, é importante destacar que seus dados não foram utilizados para fins de pesquisa. Esta medida respeita a privacidade e as escolhas individuais, garantindo que os direitos dos alunos e de suas famílias fossem preservados. Mesmo assim, esses alunos continuaram a participar de todas as atividades planejadas, beneficiando-se do conteúdo educativo sem que suas informações pessoais fossem registradas ou analisadas.

A implementação da proposta pedagógica incluiu atividades interativas e envolventes. Por exemplo, os alunos participaram de oficinas que abordaram conceitos de sociolinguística e análise de dados sobre o uso da língua em diferentes contextos. Essas atividades foram projetadas para serem dinâmicas e relevantes, utilizando métodos de ensino que incentivam a participação ativa dos estudantes.

Além disso, a produção de vídeos sobre o uso da língua, com dicas práticas baseadas nos princípios da sociolinguística, permitiu que os alunos aplicassem o conhecimento adquirido de forma criativa e contextualizada. Essa abordagem não só reforça o aprendizado teórico, mas também desenvolve habilidades práticas de comunicação e tecnologia, preparando os alunos para os desafios do mundo moderno.

Em resumo, a integração das atividades planejadas no horário habitual das aulas e a inclusão de todos os alunos na proposta pedagógica garantiram que o processo de ensino-aprendizagem fosse eficaz e abrangente. Ao mesmo tempo, a exclusão dos dados dos alunos que não participaram formalmente da pesquisa assegura o respeito à privacidade e às escolhas individuais, mantendo o foco no desenvolvimento educacional de toda a turma.

4.2. OFICINAS COMO PROPOSTA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA

Um dos grandes desafios enfrentados pelos educadores no processo de ensino e aprendizagem é encontrar formas de integrar teoria e prática de maneira que desperte o interesse, a curiosidade e a motivação dos alunos em relação ao objeto de estudo. Essa busca motivou a exploração de abordagens metodológicas capazes de equilibrar esses dois aspectos de forma eficaz. A simples transmissão de conhecimento teórico, sem a devida aplicação prática, resulta frequentemente em um aprendizado superficial e desmotivador. Por outro lado, atividades práticas desprovidas de embasamento teórico correm o risco de se tornarem meramente recreativas, sem contribuir efetivamente para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Para superar esse desafio, adotamos metodologias que possibilitassem uma aprendizagem significativa, na qual os estudantes pudessem perceber a relevância do conteúdo teórico em situações práticas e cotidianas. A abordagem selecionada foi o desenvolvimento de oficinas pedagógicas, que proporcionaram um ambiente dinâmico e interativo, no qual os alunos participaram ativamente do seu processo de aprendizado. Nessas oficinas, os conceitos

teóricos foram introduzidos e, em seguida, aplicados em atividades práticas, o que facilitou a compreensão e a retenção do conhecimento.

Para a realização deste trabalho, desenvolvemos oficinas com os alunos. Segundo Vieira e Volquind (2002), as oficinas constituem uma forma coletiva de ensinar e aprender, promovendo a troca de conhecimentos e experiências entre os participantes em um ambiente de aprendizagem colaborativa. Conforme apontam Arriada e Valle (2012), a oficina proporciona a vivência de situações concretas e significativas, baseadas no tripé sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos claros. Nesse sentido, a metodologia das oficinas deslocou o foco tradicional da aprendizagem centrada na cognição, incorporando também a ação e a reflexão, o que possibilitou a apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos de forma ativa e reflexiva.

Esse método promoveu um ambiente de aprendizado no qual os alunos não apenas absorveram informações, mas também as aplicaram e refletiram sobre elas, contribuindo para uma formação mais completa e significativa. O equilíbrio entre as instâncias que compõem o tripé sentir-pensar-agir representou, na prática, a articulação entre teoria e prática na sala de aula, como ilustrado na figura a seguir:

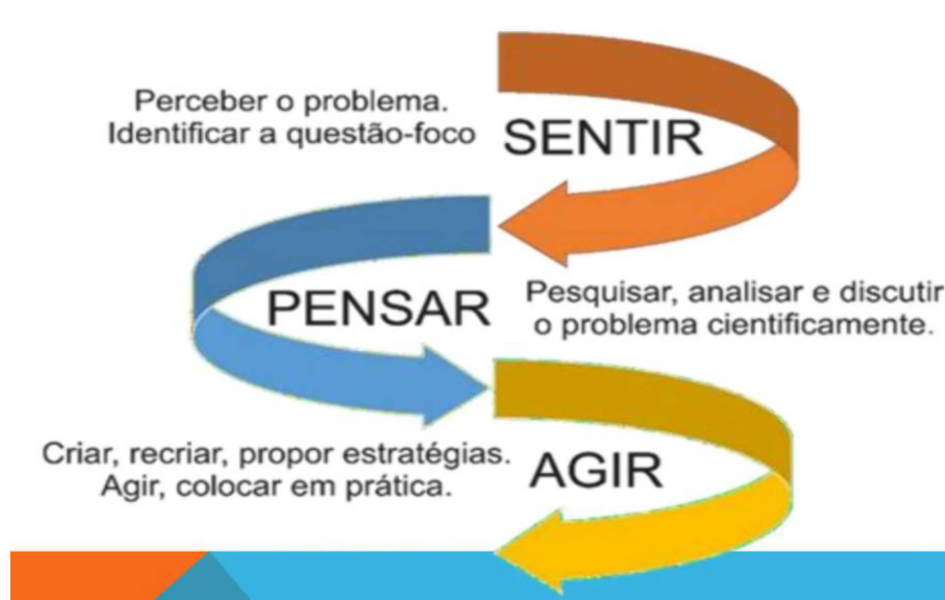


Figura 1 - Sentir-Pensar-Agir: Os três pilares das Oficinas Fonte: Arriada; Valle (2012)

Concluimos que o trabalho com oficinas foi o caminho mais eficaz, pois envolveu a ação dos próprios alunos no processo de aprendizagem sem negligenciar o estudo da teoria. A participação ativa dos estudantes nas atividades práticas propostas nas oficinas facilitou não

apenas a compreensão dos conteúdos, mas também estimulou o desenvolvimento de habilidades como comunicação, trabalho em equipe e resolução de problemas.

A proposta mobilizou também temas fundamentais como o protagonismo juvenil e o letramento científico. Com base em Stamato (2008), compreendemos o protagonismo juvenil como a capacidade dos jovens de assumirem um papel central em seu processo educativo, direcionando as ações e definindo os rumos da aprendizagem. As oficinas favoreceram esse protagonismo ao permitir que os alunos se posicionassem como sujeitos ativos em suas próprias trajetórias de aprendizagem.

Do mesmo modo, as atividades foram orientadas por uma perspectiva de letramento científico, conforme discutido por Silva (2016), ao estimular a investigação, a curiosidade e o pensamento crítico em contextos reais. Os alunos foram incentivados a analisar fenômenos linguísticos em seu cotidiano, desenvolveram argumentos com base em observações e produziram registros acadêmicos de suas descobertas.

As oficinas proporcionaram, assim, um espaço dinâmico e interativo, onde os alunos exploraram suas curiosidades, expressaram ideias e aplicaram, na prática, o conhecimento teórico adquirido. Essa forma de ensino favoreceu a construção de saberes significativos, pois os estudantes tornaram-se protagonistas do próprio aprendizado.

Portanto, a escolha pela realização de oficinas reforçou o fato de acreditarmos na importância de métodos de ensino que valorizem a participação ativa e a interação entre os alunos, criando um ambiente propício à construção coletiva do conhecimento. Neste contexto, desenvolvemos uma série de oito oficinas, com duração de 2h/aula cada, voltadas a diferentes aspectos da sociolinguística. As atividades incluíram a conceituação de terminologias específicas, a análise do uso da língua em contextos variados e a produção de vídeos pelos próprios alunos.

No quadro a seguir oferecemos um panorama geral de como as oficinas foram divididas, elencando o objetivo principal e os códigos das habilidades⁴ da BNCC contemplados em cada uma delas.

Quadro 1- Visão geral das oficinas ministradas

Oficina 1	
Investigando a Norma e as Variedades Linguísticas: Conceitos e Perspectivas	
Objetivo principal: Desenvolver a competência dos alunos para compreender a diversidade linguística, combater o preconceito linguístico e produzir conteúdos científicos	

⁴ A descrição completa das habilidades está no material pedagógico disponível no apêndice 2.

em diferentes formatos e mídias, considerando os contextos de uso e os gêneros textuais envolvidos.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF03LP25); (EF04LP21); (EF69LP37); (EF69LP55); (EF69LP56)
Oficina 2
Produção de Vídeos: Divulgando Pesquisas sobre Norma e Sociolinguística
Objetivo principal: Capacitar os alunos para comunicar conhecimentos científicos de forma clara, crítica e criativa, por meio da produção e apresentação de conteúdos orais e escritos em diferentes gêneros e mídias, promovendo a escuta ativa, o diálogo e o uso adequado de recursos multissemióticos.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF35LP20); (EF67LP23); (EF69LP35)
Oficina 3
Analisando o Uso da Língua: Coleta e Interpretação de Dados em Diferentes Contextos
Objetivo principal: Analisar e compreender a língua como um fenômeno social dinâmico e heterogêneo, observando seus diferentes usos em contextos variados, reconhecendo as relações entre escolhas linguísticas e construção de sentidos, e desenvolvendo a habilidade de coletar e interpretar dados sobre as variedades linguísticas nas práticas comunicativas.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF35LP10); (EF35LP11); (EF69LP12); (EF69LP55); (EF69LP56)
Oficina 4
Elaborando Conhecimento: Roteirização para Ensino de Sociolinguística e Preconceito Linguístico
Objetivo principal: Desenvolver a compreensão crítica da variação linguística por meio de conceitos sociolinguísticos, criação de roteiros e uso de recursos audiovisuais, promovendo reflexões sobre linguagem e sociedade e aprimorando habilidades de comunicação e revisão colaborativa.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF69LP12); (EF69LP13); (EF69LP18); (EF69LP37); (EF89LP13)
Oficinas 5,6 e 7
Produção Audiovisual: Gravação e Edição de Vídeos sobre Sociolinguística
Objetivo principal: Desenvolver, de forma criativa e colaborativa, habilidades de gravação e edição audiovisual aplicadas à Sociolinguística, utilizando fantoches como recurso didático para promover a reflexão crítica sobre variação e preconceito linguístico, incentivando a participação segura e engajada dos alunos em atividades em grupo.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF69LP12); (EF69LP55); (EF69LP56); (EF67LP23); (EF69LP36)
Oficina 8
Apresentação e Divulgação dos Vídeos: Compartilhando Aprendizados sobre Sociolinguística
Objetivo principal: Estimular a comunicação oral, o trabalho em equipe e a reflexão crítica sobre o processo de produção dos vídeos, promovendo a interação e a valorização dos aprendizados adquiridos de forma colaborativa.
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF67LP21); (EF89LP25); (EF69LP42)

Fonte: Elaborado pela autora

5. PROPOSTA DIDÁTICA – CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A fim de atingir o principal objetivo de nossa pesquisa, isto é, por meio da aplicação de uma proposta didática pautada em oficinas e que valoriza a pesquisa acerca da língua, dentro e fora da sala de aula, mostrar aos alunos que existem várias maneiras de usar a língua e que o importante é saber adequar esse uso às diferentes situações de comunicação, ou seja, às diferentes práticas sociais da linguagem, iniciamos a aplicação da proposta em 3 de outubro de 2024 e a concluímos em 4 de dezembro de 2024. Como objetivos específicos de nossa pesquisa, elencamos os seguintes:

- promover rodas de conversa em sala de aula com vistas a contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes acerca da natureza dinâmica, heterogênea e multifacetada da língua;
- orientar os alunos, por meio de práticas pedagógicas realizadas em sala de aula, sobre a pesquisa científica acerca do caráter variável da língua em uso;
- desmistificar preconceitos linguísticos identificados no contexto escolar e social dos estudantes;
- promover discussões em sala de aula a respeito do uso da língua em cenários descontraídos em oposição a cenários de monitoração estilística, tal como os expostos em vídeos curtos nas redes sociais.
- orientar e auxiliar os alunos na produção de conteúdos de língua portuguesa associados com a temática da variação linguística para serem apresentados em *reels* no *Instagram*;
- sistematizar os conteúdos produzidos por meio de vídeos curtos, dinâmicos e atrativos que possam contribuir para a disseminação do respeito linguístico;

Dessa forma, buscamos contribuir para uma compreensão mais ampla da diversidade linguística e para a valorização das diferentes formas de expressão.

Antes do início das oficinas propriamente ditas, consideramos fundamental ministrar uma aula introdutória com o objetivo de contextualizar os alunos a respeito dos conteúdos que seriam explorados ao longo das atividades. Essa aula teve como foco apresentar noções fundamentais da Sociolinguística, como a variação linguística, a natureza heterogênea da língua, a relação entre norma e uso e o preconceito linguístico. Nesta aula, buscamos despertar o interesse dos alunos, promovendo um primeiro contato com o objeto de estudo e incentivando a escuta ativa, a troca de experiências e o debate em sala de aula.

Essa introdução também serviu para aproximar os estudantes dos objetivos da pesquisa e favorecer uma compreensão mais clara sobre a proposta investigativa e colaborativa das oficinas. No quadro a seguir, são elencados o título da aula, que teve duração de 2h/aula, o objetivo principal e as habilidades da BNCC mobilizadas nessa etapa introdutória.

Quadro 2 - Aula introdutória

<p style="text-align: center;">Aula Introdutória Explorando a Variação Linguística: Percepções Iniciais e Reflexões a Partir de Vídeos</p>
<p>Objetivo principal: A aula inicial teve como objetivo introduzir os alunos às práticas das oficinas, promovendo o desenvolvimento de habilidades argumentativas e colaborativas por meio de debates e discussões, nos quais puderam expressar opiniões fundamentadas, respeitar diferentes pontos de vista e registrar informações relevantes para apoiar a construção coletiva do conhecimento nas etapas seguintes da pesquisa.</p>
<p>Habilidades BNCC relacionadas à atividade: (EF69LP25); (EF69LP26); (EF89LP12); (EF89LP15)</p>

Fonte: Elaborado pela autora,

Para capturar o interesse da turma e iniciar o debate, foram exibidos vídeos curtos retirados de redes sociais como Instagram e YouTube, que ilustravam variedades linguísticas de diferentes regiões do país. Os vídeos mostravam situações descontraídas em que pessoas usavam expressões locais, gírias e construções gramaticais típicas de suas comunidades, destacando a riqueza e a naturalidade da variação linguística. Em seguida, foram apresentados vídeos que retratavam situações de "hipercorreção", nos quais usos populares da língua eram tratados como erros e corrigidos de maneira exagerada, refletindo uma visão normativa.

A proposta desses materiais era provocar nos alunos uma reflexão crítica sobre as noções de "certo" e "errado" na língua, questionando ideologias linguísticas que marginalizam formas de fala não padronizadas. Como aponta Bortoni-Ricardo (2021, p. 58), a tradição gramatical muitas vezes tratou a variação como deficiência, mas os estudos contemporâneos compreendem a heterogeneidade linguística como inerente às línguas naturais e um recurso expressional valioso.

Após os vídeos, foi aplicado um questionário⁵ estruturado com alternativas que representavam diferentes visões sobre a norma linguística: uma mais normativa, outra mais próxima da perspectiva sociolinguística e uma intermediária. Também havia espaço para

⁵ O questionário ao qual nos referimos está disponível na íntegra nos apêndices.

comentários, embora poucos alunos tenham optado por usá-lo. O instrumento visava identificar percepções dos alunos sobre o que consideravam como "erro" ou "acerto", quais formas de falar julgavam adequadas em determinados contextos, e como associavam a fala à imagem social de uma pessoa. Além disso, buscou-se compreender a visão dos alunos sobre o preconceito linguístico.

O questionário foi respondido por toda a turma, mas, por questões éticas, apenas os dados dos 16 estudantes que tiveram autorização dos responsáveis foram considerados para análise. Isso garantiu a conformidade com os princípios éticos da pesquisa, assegurando a validade dos dados e respeitando a privacidade dos participantes.

Na sequência, foi realizado um debate orientado, no qual os alunos discutiram suas percepções a partir dos vídeos e dos próprios questionários. Esse momento revelou contrastes significativos entre as respostas individuais e os posicionamentos manifestados oralmente. Enquanto, nos questionários, cerca de 52% afirmaram não se incomodar com variações da norma culta, no debate surgiram comentários que classificavam essas variações como engraçadas ou inadequadas. Da mesma forma, embora aproximadamente 30% dos alunos tenham indicado uma visão alinhada à norma-padrão como critério de correção linguística, durante a discussão, muitos reavaliaram suas posições, reconhecendo o valor social das diferentes formas de expressão.

Esse contraste revelou como o contexto de interação influencia as opiniões dos alunos. O ambiente coletivo do debate favoreceu uma escuta ativa e a construção de argumentos mais críticos, promovendo amadurecimento nas percepções sobre a linguagem. Os estudantes passaram a compreender que julgamentos baseados na norma-padrão podem reforçar preconceitos e desigualdades, especialmente quando desvalorizam formas de falar associadas a determinados grupos sociais ou regiões.

Temas como preconceito linguístico, linguagem e poder, e discriminação em ambientes digitais foram explorados com profundidade. Os alunos perceberam que o preconceito contra sotaques e formas de falar não se limita à gramática, mas está ligado a estereótipos e estruturas sociais excludentes. Muitos também reconheceram contradições entre suas respostas e atitudes, o que os levou a um processo de revisão crítica.

Ao final da aula, os estudantes demonstraram maior consciência sobre o papel social da linguagem e passaram a valorizar a diversidade linguística como expressão da identidade cultural. A atividade cumpriu plenamente seu papel de introdução ao tema, incentivando um debate ético, reflexivo e argumentativamente estruturado, preparando os alunos para as etapas seguintes da pesquisa.

5.1.1 - ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

O questionário aplicado foi muito importante para o desenvolvimento das oficinas, pois serviu como instrumento inicial de diagnóstico das percepções, experiências e conhecimentos prévios dos alunos sobre a língua e suas variedades. Sua relevância justifica a análise detalhada que será apresentada a seguir, uma vez que os dados coletados orientaram a elaboração das atividades, garantindo maior aderência à realidade dos estudantes. Por não exigir identificação, o questionário permitiu respostas mais sinceras e espontâneas, o que contribuiu para uma compreensão mais autêntica do repertório linguístico da turma.

Durante o preenchimento do questionário, a professora-pesquisadora adotou uma mediação ativa, lendo cada questão em voz alta para toda a turma. Esse procedimento teve o objetivo de garantir a compreensão dos enunciados, evitando possíveis dúvidas que pudessem comprometer a qualidade das respostas. Após a leitura, foi concedido um tempo adequado para que cada aluno pudesse responder de forma individual e refletida, assegurando que suas escolhas representassem suas reais percepções sobre o tema investigado.



Figura 2 - Alunos respondendo aos questionários – Fonte: Professora

A análise dos questionários preenchidos pelos alunos revelou um panorama interessante sobre suas percepções em relação ao uso da língua. Embora alguns ainda mantenham preconceitos linguísticos, influenciados pela ideia de que há uma única forma “correta” de se

expressar, observa-se também uma abertura significativa para o conceito de adequação linguística. Isso indica que, apesar da forte presença de crenças normativas, há uma compreensão emergente de que a língua varia conforme o contexto e a situação comunicativa.

Os dados coletados sugerem que, mesmo diante de uma visão tradicional sobre a norma culta, os estudantes demonstram disposição para refletir sobre a diversidade linguística e reconhecer que diferentes registros podem ser mais ou menos apropriados dependendo do ambiente em que são utilizados. Esse avanço na percepção dos alunos é fundamental para a construção de uma consciência linguística mais crítica e menos excludente.

Essa tendência pode ser melhor visualizada nos gráficos apresentados a seguir, que ilustram as respostas dos participantes e permitem uma análise quantitativa das suas opiniões sobre o uso da língua em diferentes contextos.

1. Qual é a sua opinião sobre o uso da língua portuguesa em diferentes contextos sociais?

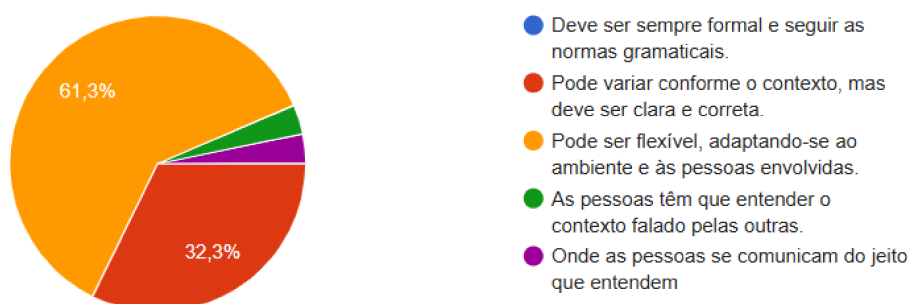


Gráfico 1 - Questão 1 do questionário

No gráfico 1, apresentado acima, notamos que boa parte dos alunos, quando perguntados sobre sua opinião acerca do uso da língua em diferentes contextos sociais, boa parte escolheu a opção que dizia que o uso da língua “pode ser flexível, adaptando-se ao ambiente e às pessoas envolvidas”. Outra parte significativa dos estudantes escolheu a opção “pode variar conforme o contexto, mas deve ser clara e correta”, enquanto dois sugeriram novas respostas, um dizendo que “as pessoas têm que entender o contexto falado pelas outras” e outro que sua opinião sobre o uso da língua é que o adequado é o contexto “onde as pessoas se comunicam do jeito que entendem”.

2. Você acha que existe uma única forma correta de falar ou escrever em português?



Gráfico 2 - Questão 2 do questionário

Quanto à segunda pergunta, ilustrada pelo gráfico 2, que interrogava os alunos quanto a existir ou não uma maneira única de falar ou escrever, a maioria dos estudantes escolheu a opção que melhor se adequa aos preceitos da sociolinguística, posto que “a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. (Bagno, 2007 p.36)”. As respostas surpreenderam, mostrando que quase todos os alunos analisados compreendem a existência dessas variações que são perfeitamente aceitáveis e apenas um estudante mostrou-se alinhado com os preceitos da gramática tradicional ensinada na escola. Esse dado representa um resultado positivo e estimulante para a professora-pesquisadora, pois indica que os alunos estão abertos a uma compreensão mais dinâmica da língua, em consonância com as perspectivas sociolinguísticas.

3. Como você reage quando ouve alguém utilizando uma forma de linguagem diferente do padrão formal?



Gráfico 3 - Questão 3 do questionário

No gráfico 3, mais uma vez notamos que a grande maioria dos estudantes se alinha com a ideia de pluralidade defendida pela Sociolinguística, uma vez que, quando questionados quanto ao seu comportamento ao se depararem com variedades linguísticas diferentes da forma padrão, escolheram como resposta as opções “entendo que pode ser uma variação aceitável” e “não me incomodo, pois considero normal a diversidade linguística. Utilizando o espaço do questionário para respostas além das opções oferecidas, tivemos também respostas como: “não ligo, pois cada um tem seu jeito de falar” e “não percebo o uso delas.”

Um comportamento preconceituoso também foi identificado nas respostas ao questionário. Alguns estudantes afirmaram corrigir imediatamente pessoas que utilizam variação linguística distinta da norma culta, outra parte dos alunos afirmou considerar engraçadas algumas variantes linguísticas que diferem da norma culta, frequentemente vista como a única forma "correta" ou "aceitável" de uso da língua. Esse tipo de percepção reflete um fenômeno comum na sociedade, em que determinadas variedades linguísticas são estigmatizadas e associadas à falta de instrução ou inferioridade.

3. Como você reage quando ouve alguém utilizando uma forma de linguagem diferente do padrão formal?

- () Corrijo a pessoa imediatamente.
- () Entendo que pode ser uma variação aceitável.
- () Não me incomodo, pois considero normal a diversidade linguística.
- ☒ Outra: acho engraçado.

Figura 3 - resposta do aluno A1 à questão 3 do questionário. – Fonte: Professora-pesquisadora

Esse registro evidencia a presença do preconceito linguístico, um tema central nas discussões sociolinguísticas. A resposta dos alunos demonstra a influência de crenças normativas sobre a língua, reforçadas pelo ambiente escolar e pela sociedade, que muitas vezes desvalorizam as formas de fala de determinados grupos sociais. Essa observação reforça a importância de um trabalho pedagógico voltado para a desconstrução dessas visões, promovendo a valorização da diversidade linguística e a compreensão de que todas as variedades possuem regras próprias e funcionam de maneira eficiente dentro de seus contextos.

4. Em sua opinião, o que define o que é "certo" ou "errado" na língua portuguesa?

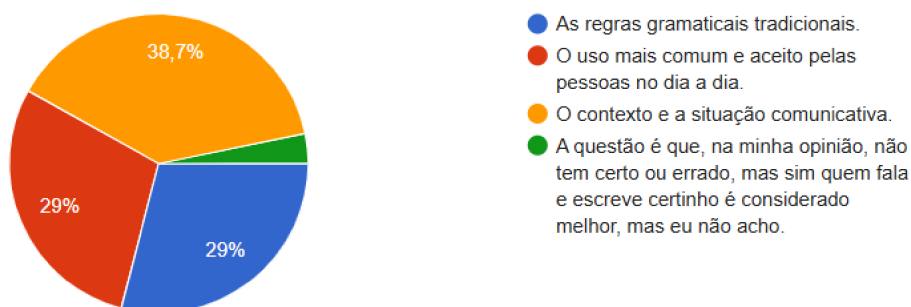


Gráfico 4 - Questão 4 do questionário

Quando questionados sobre suas crenças individuais a respeito do que é "certo" ou "errado" na língua portuguesa, as respostas dos alunos apresentaram uma distribuição quase equilibrada entre as três opções oferecidas. Duas dessas opções refletiam uma visão mais flexível da linguagem: uma delas afirmava que o uso mais frequente e aceito pelas pessoas no dia a dia é o que define o que é correto ou incorreto, enquanto a outra destacava a importância do contexto e da situação comunicativa na determinação da adequação da fala ou da escrita.

No entanto, aproximadamente um terço dos alunos manteve uma visão mais normativa, afirmando que as regras da gramática tradicional devem ser o principal parâmetro para definir o uso correto da língua. Esse dado revela que, apesar de um número significativo de estudantes demonstrar abertura para a ideia de que a língua é dinâmica e variável, ainda há uma parcela considerável que enxerga a gramática normativa como um guia absoluto para a comunicação adequada.

Esses resultados sugerem a coexistência de diferentes concepções sobre a língua dentro do grupo pesquisado, o que reforça a importância de discussões sobre variação linguística e adequação comunicativa no ambiente escolar. O reconhecimento da diversidade linguística e da funcionalidade das diferentes variedades é um passo essencial para a superação do preconceito linguístico e para a construção de uma visão mais ampla e contextualizada do uso da língua.

5. Como você enxerga as variações regionais da língua portuguesa (como sotaques, expressões e vocabulário)?

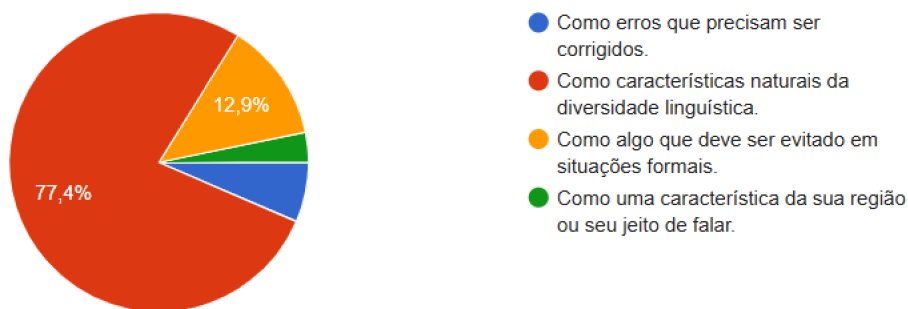


Gráfico 5 - Questão 5 do questionário

Ao analisarmos o Gráfico 5, que apresenta as respostas à pergunta “Como você enxerga as variações regionais da língua portuguesa?”, observamos uma tendência majoritária à valorização da diversidade linguística. Cerca de 75% dos estudantes reconheceram essas variações como características naturais da língua, demonstrando uma compreensão mais ampla sobre a pluralidade de formas de expressão existentes no português falado no Brasil. Esse dado reflete uma percepção alinhada com a visão da Sociolinguística, que entende a variação linguística como um fenômeno inerente ao uso da língua em diferentes contextos e comunidades.

Por outro lado, aproximadamente 13% dos respondentes apontaram que essas variações devem ser evitadas em situações formais, o que indica que ainda há uma influência da concepção normativa da língua. Essa visão está diretamente relacionada ao preconceito linguístico, que desvaloriza certas variedades em favor da norma culta, muitas vezes sem considerar a adequação ao contexto comunicativo. Esse dado sugere que, embora a maioria dos alunos demonstre uma postura mais aberta e inclusiva, ainda há espaço para reflexões sobre a legitimidade de diferentes registros e sobre como a língua se adapta às diversas situações de uso.

6. Acredita que o uso de gírias e expressões populares deve ser evitado?

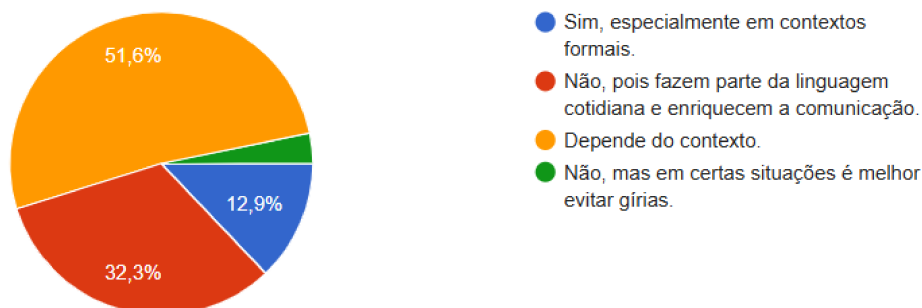


Gráfico 6 - Questão 6 do questionário

O gráfico 6 apresenta as respostas à pergunta "Acredita que o uso de gírias e expressões populares deve ser evitado?", revelando diferentes percepções dos alunos sobre o uso dessas formas linguísticas. A maioria dos respondentes (51,6%) escolheu a opção "Depende do contexto", demonstrando uma compreensão de que a adequação da linguagem varia conforme a situação comunicativa. Esse dado indica que mais da metade dos estudantes reconhece que gírias e expressões populares têm seu espaço na comunicação, mas que seu uso pode ser mais apropriado em determinados contextos.

A segunda resposta mais escolhida, com 32,3%, foi "Não, pois fazem parte da linguagem cotidiana e enriquecem a comunicação", evidenciando que uma parcela significativa dos alunos valoriza essas expressões como elementos naturais e enriquecedores da língua.

Já 12,9% dos alunos afirmaram que "Sim, especialmente em contextos formais", o que sugere uma visão mais normativa, na qual o uso de gírias pode ser visto como inadequado em determinadas situações.

Por fim, uma pequena porcentagem dos participantes escolheu a alternativa "Não, mas em certas situações é melhor evitar gírias", o que reforça a percepção de que, embora as gírias sejam aceitas, alguns alunos ainda consideram necessário restringir seu uso em determinados momentos.

7. Como você lida com as mudanças na língua, como a inclusão de novas palavras e expressões?

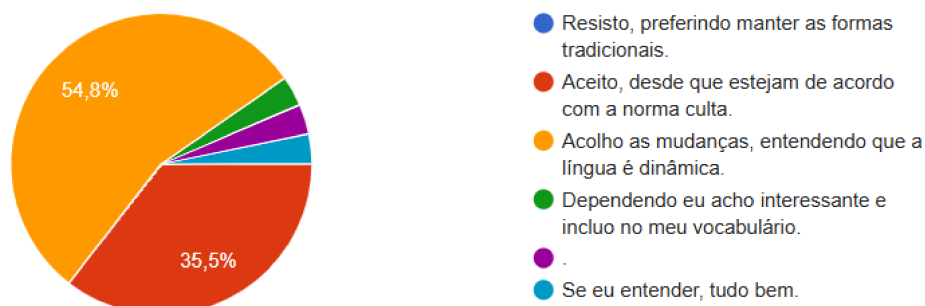


Gráfico 7 - Questão 7 do questionário

O gráfico 7 apresenta os resultados da pergunta "Como você lida com as mudanças na língua, como a inclusão de novas palavras e expressões?", revelando diferentes posturas dos alunos em relação à dinamicidade da linguagem.

A maioria dos respondentes, 54,8%, escolheu a alternativa "Acolho as mudanças, entendendo que a língua é dinâmica", demonstrando uma percepção mais flexível e aberta em relação às variações e "evolução" da língua. Esse dado sugere que mais da metade dos alunos reconhece que a língua está em constante transformação e que a incorporação de novas palavras e expressões é um processo natural.

A segunda opção mais selecionada, com 35,5%, foi "Aceito, desde que estejam de acordo com a norma culta", indicando que uma parcela significativa dos alunos ainda vincula a aceitação de mudanças linguísticas à adequação à norma culta. Esse resultado reflete a influência da visão normativa da gramática tradicional sobre a língua, presente no ensino escolar e em discursos sociais que valorizam a gramática prescritiva.

Já as demais respostas aparecem com percentuais bastante reduzidos. A opção "Dependendo, eu acho interessante e incluo no meu vocabulário" e outras respostas alternativas receberam pouca adesão, o que sugere que poucos estudantes possuem uma postura intermediária ou condicional em relação às mudanças linguísticas. A opção "Resisto, preferindo manter as formas tradicionais" não teve destaque, indicando que a rejeição absoluta às transformações da língua é pouco presente entre os participantes.

Em suma, a análise dos dados sugere que, embora ainda haja influência da norma culta como critério para aceitação de mudanças linguísticas, a maioria dos alunos já compreende a

língua como um sistema dinâmico e em constante evolução. Isso reflete uma tendência positiva para a valorização da diversidade linguística e para a construção de uma visão mais ampla sobre o funcionamento da língua.

8. Qual é a sua opinião sobre o uso de “internetês” e outras abreviações em mensagens de texto?

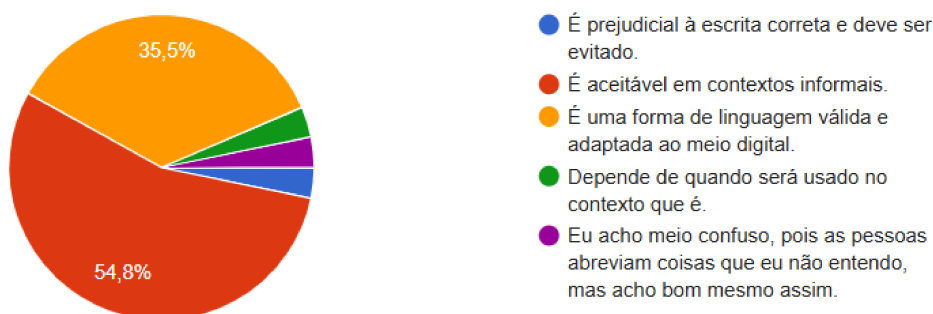


Gráfico 8- Questão 8 do questionário

Uma das variações linguísticas mais conhecidas e amplamente utilizadas pelos adolescentes – faixa etária dos participantes desta pesquisa – é o chamado “internetês”, a linguagem característica da comunicação digital. A questão 8 do questionário, ilustrada pelo gráfico 8, investigou a percepção dos alunos sobre esse fenômeno linguístico. Os dados mostram que aproximadamente 55% dos estudantes consideram o internetês uma variação linguística aceitável em contextos informais, enquanto 35,5% o reconhecem como uma forma válida de comunicação adaptada ao meio digital.

Por outro lado, uma parcela dos alunos demonstrou uma visão mais crítica, afirmando que o uso dessa linguagem pode ser prejudicial à escrita e, por isso, deve ser evitado. Além disso, uma pequena porcentagem dos respondentes mencionou que as abreviações e peculiaridades do internetês podem tornar a compreensão do texto mais difícil, o que reforça a necessidade de considerar o contexto e a finalidade da comunicação ao utilizá-lo. Esses resultados evidenciam a diversidade de opiniões sobre o tema e refletem diferentes níveis de familiaridade e aceitação das transformações linguísticas no ambiente digital.

9. Você concorda que o ensino da língua portuguesa deve incluir o estudo de variações linguísticas e seus usos sociais?

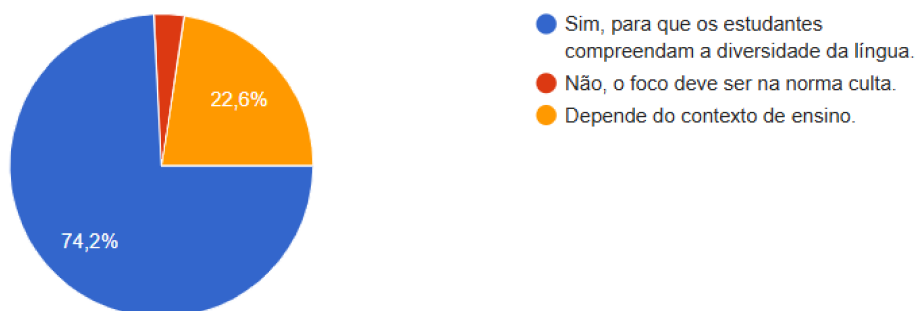


Gráfico 9 - Questão 9 do questionário

O gráfico 9 apresenta as respostas dos participantes da pesquisa em relação à inclusão do ensino das variações linguísticas e seus usos sociais no ambiente escolar. Os dados revelam que 74,2% dos alunos concordam com essa inclusão, argumentando que esse conhecimento é essencial para que os estudantes compreendam a diversidade da língua e saibam utilizá-la de maneira adequada em diferentes contextos.

Por outro lado, aproximadamente 23% dos respondentes demonstraram uma visão mais condicionada, afirmando que o ensino das variações linguísticas deve depender do contexto escolar. Essa resposta sugere que, embora reconheçam a existência da diversidade linguística, alguns alunos ainda percebem a norma-padrão como referência principal no ambiente educacional, o que pode refletir a influência do ensino tradicional da gramática normativa.

A baixa porcentagem de alunos contrários à inclusão desse tema no currículo escolar indica uma abertura significativa para abordagens sociolinguísticas no ensino, reforçando a importância de promover reflexões sobre a língua como um fenômeno dinâmico e socialmente marcado.

10. Como você avalia a importância de respeitar as diferentes formas de falar e escrever em português?

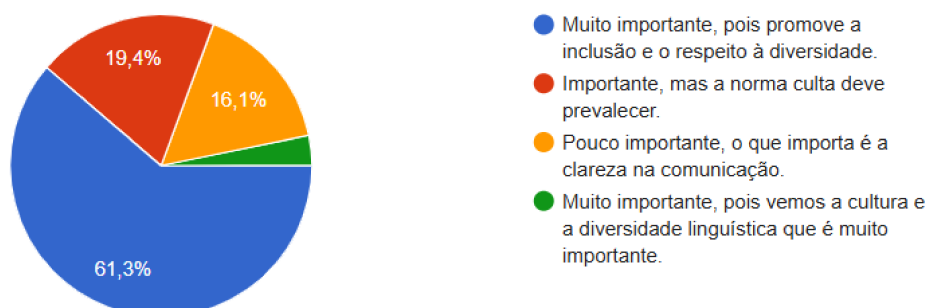


Gráfico 9 - Questão 10 do questionário

O gráfico 10 apresenta as respostas dos participantes sobre a importância de respeitar as diferentes formas de falar e escrever em português. A maioria dos estudantes, 61,3%, considera esse respeito muito importante, pois promove a inclusão e valoriza a diversidade linguística. Esse dado sugere uma percepção positiva em relação à pluralidade da língua e uma conscientização sobre a necessidade de respeitar as variações linguísticas.

Além disso, 19,4% dos respondentes afirmam que esse respeito é importante, mas que a norma culta deve prevalecer, demonstrando uma visão mais normativa da linguagem, possivelmente influenciada pelo ensino tradicional da gramática.

Um grupo menor, 16,1% dos alunos, acredita que o respeito às variações linguísticas tem pouca importância, argumentando que o mais relevante é a clareza na comunicação. Essa resposta pode indicar que, para esses estudantes, a funcionalidade da língua se sobrepõe às questões socioculturais.

Por fim, uma pequena porcentagem optou pela resposta que reforça a importância da diversidade linguística como um reflexo da cultura, o que corrobora a visão sociolinguística da língua como um fenômeno dinâmico e socialmente construído.

O preenchimento desse questionário ofereceu também um espaço individual de reflexão para que os alunos comesçassem a pensar sobre suas próprias crenças e preconceitos linguísticos, algo que muitas vezes passa despercebido no dia a dia. A partir das respostas, foi possível observar tendências e padrões de pensamento e comportamentos relacionados às variedades linguísticas, oportunizando identificar quais variedades os alunos consideravam mais “corretas” ou socialmente mais valorizadas.

Uma observação recorrente nas respostas dos alunos foi a concepção de que o preconceito linguístico ocorre quando alguém é julgado por “falar ou escrever errado”. Essa visão reflete a forte influência da ideia de que a norma culta é a forma mais correta e socialmente aceita, enquanto outras variedades linguísticas, especialmente aquelas de caráter regional ou informal, são frequentemente percebidas como inadequadas ou menos prestigiadas.

A respeito desses preconceitos, Bagno (2009, p.93) destaca a existência do que ele chama de "círculo vicioso do preconceito linguístico", um mecanismo sustentado pela interdependência de três elementos: a gramática tradicional, os métodos tradicionais de ensino e os livros didáticos.

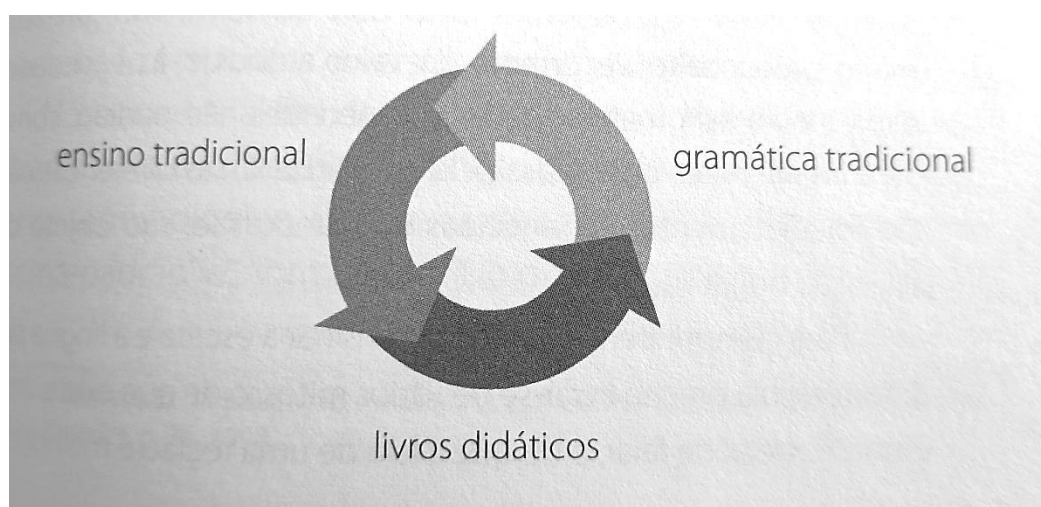


Figura 4 - Círculo vicioso do preconceito linguístico (Bagno, 2009 p.93)

Como é que se forma esse círculo? Assim: a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores – fechando o círculo – recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua (Bagno, 2009 p.94)

Invariavelmente, os alunos submetidos ao ensino tradicional tornam-se parte desse círculo vicioso ao qual Bagno se refere. Essa dinâmica revela como os discursos normativos são internalizados, levando os estudantes a hierarquizar as diferentes formas de falar e a reforçar a centralidade da norma-padrão como único parâmetro de correção e legitimidade. A associação entre variação linguística e erro evidencia que, desde cedo, muitos aprendem a valorizar apenas um modelo específico de linguagem, desconsiderando a riqueza e a funcionalidade das diversas formas de expressão existentes na sociedade.

Outro ponto frequentemente citado pelos alunos foi a ideia de que aqueles que praticam o preconceito linguístico se consideram superiores às pessoas que falam de maneira diferente

do padrão esperado. Esse julgamento evidencia não apenas uma questão linguística, mas também relações de poder e desigualdade social, pois a desvalorização de certas formas de fala está diretamente ligada à posição social e ao contexto de quem as utiliza.

Além disso, um aspecto amplamente mencionado foi o preconceito relacionado ao sotaque. Muitos relatos indicaram que diferenças na pronúncia são frequentemente alvo de estigmatização, refletindo não apenas juízos linguísticos, mas também preconceitos sociais e regionais. Esse fator reforça a importância de discutir o papel da linguagem na construção das identidades e na manutenção de desigualdades, promovendo uma visão mais crítica e reflexiva sobre a diversidade linguística.

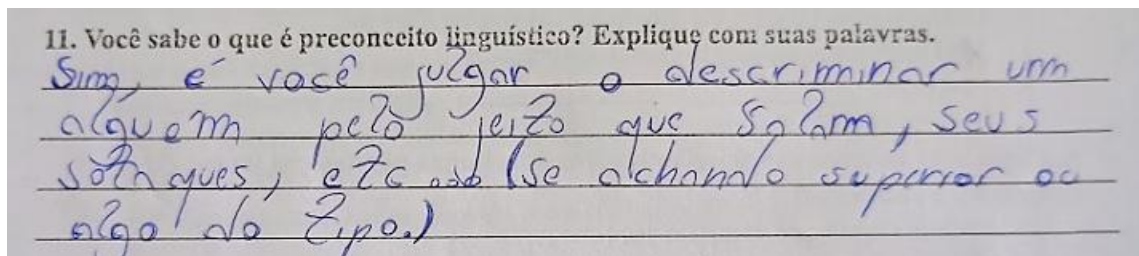


Figura 5 - Respostas do aluno A2 à questão 11 do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

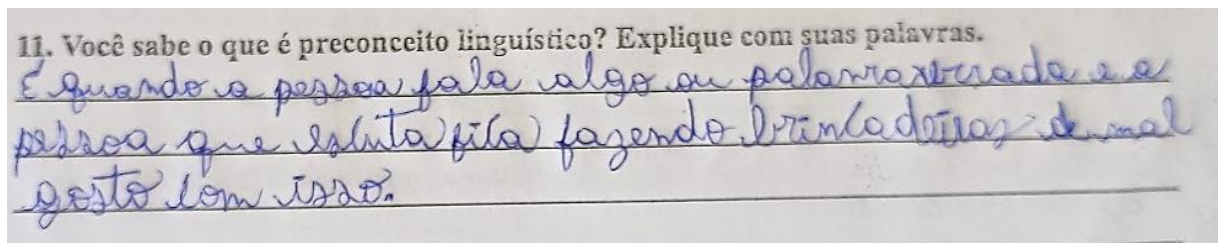


Figura 6 - Respostas do aluno A3 à questão 11 do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

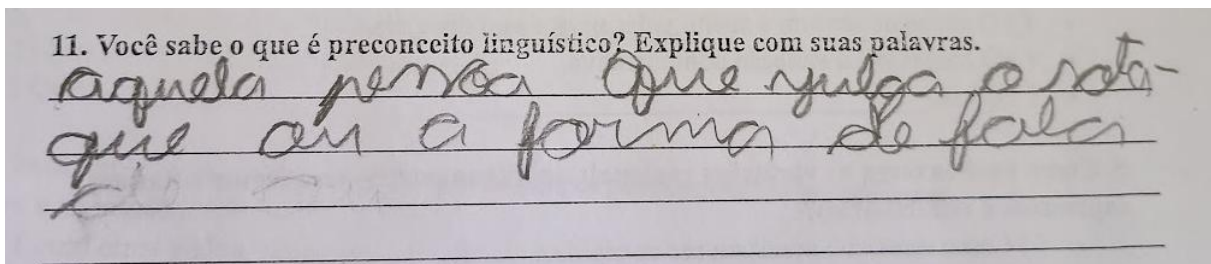


Figura 7 - Respostas do aluno A4 à questão 11 do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

11. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique com suas palavras.
 Mais ou menos: preconceito linguístico é você ter um preconceito baseado na pessoa e apenas pela forma de falar como por exemplo quando você acha que a pessoa é mais "burra" quando ela fala "nós vai" que é "errado" ao contrário de "nós vamos" que seria o certo.

Figura 8 - Respostas do aluno A5 à questão 11 do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

Embora a maioria dos alunos demonstrasse compreender teoricamente o conceito de preconceito linguístico e soubesse identificá-lo em situações de comunicação cotidiana, como em interações via internet, muitos ainda reproduziam ideias que reforçavam essa hierarquização. Alguns, inclusive, admitiram ter praticado preconceito linguístico em determinadas situações, reconhecendo o hábito como um fator que alimenta essa forma de discriminação.

Comentários Finais:
 Use este espaço para compartilhar suas experiências com preconceito linguístico. Você já vivenciou ou presenciou alguma situação desse tipo?

Sim, eu mesma já julguei sem a intenção. As vezes com a forma de falar ou escrever. (foi meu subconsciente não eu kk)

Figura 9 - Respostas do aluno A6 à questão final do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

Comentários Finais:
 Use este espaço para compartilhar suas experiências com preconceito linguístico. Você já vivenciou ou presenciou alguma situação desse tipo?

Sim, Assumo, tenho preconceito com quem não coloca acento

Figura 10 - Respostas do aluno A7 à questão final do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

Relatos de situações preconceituosas em espaços virtuais foram frequentemente mencionados, incluindo comentários depreciativos, críticas, piadas e, em alguns casos, até mesmo xingamentos dirigidos a pessoas que utilizam variações linguísticas diferentes da norma culta. Esses episódios refletem como o preconceito linguístico pode extrapolar o simples julgamento e assumir formas agressivas e humilhantes, contribuindo para a exclusão social de quem foge ao padrão linguístico considerado "correto".

Essa persistência de atitudes discriminatórias evidencia uma visão social amplamente difundida que associa o “erro” no uso da língua à falta de educação, competência ou mesmo inteligência. Essa concepção não apenas reforça a superioridade atribuída à norma culta, mas também ignora o caráter dinâmico e funcional das diversas variedades linguísticas, que cumprem seu papel comunicativo em diferentes contextos sociais e culturais.

Essas percepções também revelam o impacto de uma estrutura educacional e cultural que promove a norma-padrão como o modelo ideal, ao mesmo tempo que desvaloriza a diversidade linguística presente no país. Essa abordagem não apenas reforça estereótipos, mas também perpetua desigualdades sociais, ao associar o uso da língua a juízos de valor que discriminam determinados grupos sociais e geográficos.

Os relatos destacam a urgência de práticas pedagógicas que abordem o preconceito linguístico de forma crítica, incentivando os alunos a refletirem sobre o impacto de suas atitudes e discursos. É fundamental desconstruir a ideia de que a norma culta é a única forma legítima de expressão e promover a valorização da diversidade linguística como uma riqueza cultural. Atividades que incluam discussões, exemplos reais e análises de situações cotidianas podem ajudar os alunos a reconhecerem como preconceitos linguísticos estão ligados a outras formas de desigualdade social, estimulando a empatia e a consciência sobre a importância de respeitar todas as formas de falar.

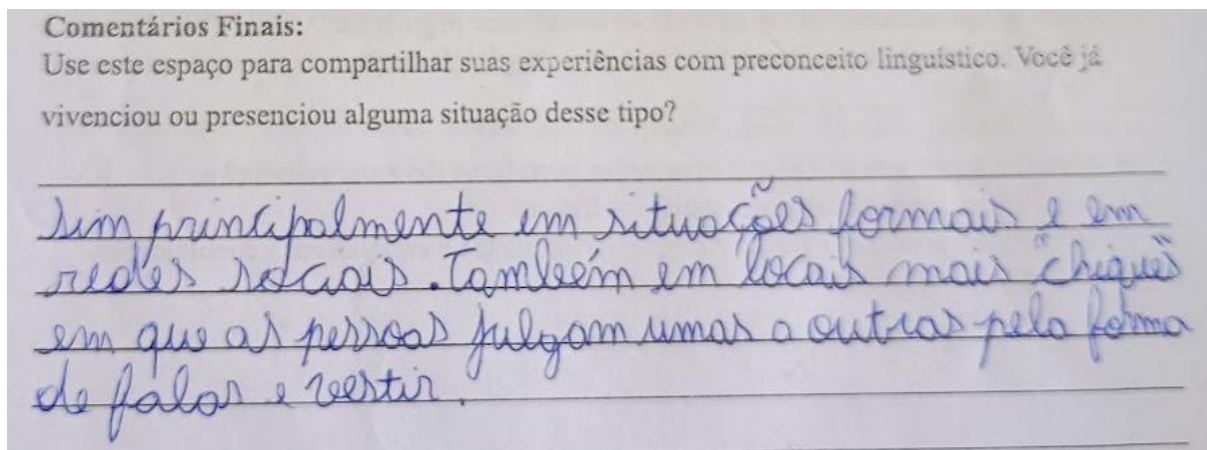


Figura 11 - Respostas do aluno A8 à questão final do questionário – Fonte: Professora-pesquisadora

A análise geral das respostas dos questionários revela que a maioria dos alunos reconhece a importância do respeito às variações linguísticas. No entanto, ainda persistem concepções que enfatizam a norma culta como predominante, refletindo uma visão tradicional da língua.

Conforme Bagno (2009), a ideia de que qualquer expressão linguística que se afaste das regras da gramática normativa representa um “erro” ou um “mau uso” da língua ainda é amplamente difundida na sociedade. Essa percepção ficou evidente nas respostas de alguns participantes do questionário.

“É preciso saber gramática para falar e escrever bem.”

É difícil encontrar alguém que não concorde com a afirmação acima. Ela está presente no discurso da maioria dos professores de português e é reiterada em diversos compêndios gramaticais, como a Gramática de Cipro e Infante, que começa com a seguinte declaração: “A gramática é instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua.” (Bagno, 2009, p.78).

Ao longo de todo o questionário, foi possível perceber que os alunos demonstram uma visão alinhada aos preceitos da Sociolinguística, reconhecendo a diversidade da língua e a importância de seu uso adequado em diferentes contextos. Além disso, os dados revelam que eles se sentem motivados e desejam um ensino de língua portuguesa que incorpore a sociolinguística educacional, permitindo uma abordagem mais inclusiva e representativa das múltiplas formas de falar. Isso evidencia que os estudantes estão abertos a uma proposta pedagógica que rompe com as barreiras do tradicionalismo e promove uma relação mais autêntica e significativa com a língua.

“É possível fazer ouvir novamente a voz que já foi calada pela escola? Será possível ainda reconstruir a autoestima destruída pela força do poder do

professor que, sem avaliar a dimensão e o alcance da sua voz, vai semeando descrença enquanto vai ensinando? Que pedagogia estamos adotando quando nossos alunos se sentem incapazes de falar e de escrever ao longo de toda a sua vida escolar? Repetir não é suficiente. Enquanto se repete vai-se fortalecendo a voz do outro e enfraquecendo a do repetidor, até que ela se apague e morra. (Cyranka, 2015 p.31)”

A citação de Cyranka (2015) ressalta os impactos negativos de um ensino tradicional que silencia vozes e enfraquece a confiança dos alunos em sua própria expressão. Se, por um lado, a escola historicamente reforçou padrões excludentes que desvalorizam a diversidade linguística, por outro, ainda há tempo para ressignificar essa prática e construir um ensino mais plural. A abertura dos alunos para a pedagogia da variação linguística demonstra que é possível transformar a sala de aula em um espaço de valorização das diferentes formas de falar e de escrever, fortalecendo a autoestima dos estudantes e garantindo que desenvolvam um domínio mais consciente e seguro da língua, sem a imposição de um único padrão como legítimo.

5.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE QUALITATIVA DAS OFICINAS

Para a realização deste trabalho, optamos pelo desenvolvimento de oficinas, pois essa metodologia favorece a aprendizagem coletiva e a participação ativa dos alunos. Segundo Vieira e Volquind (2002), as oficinas são uma forma de ensinar e aprender de maneira colaborativa, promovendo a troca de conhecimentos e experiências. Esse formato incentiva a autonomia dos estudantes, tornando-os protagonistas do aprendizado e estimulando o pensamento crítico. Além disso, possibilita a vivência de situações concretas e significativas, como a análise de vídeos e discussões sobre variação linguística, contribuindo para uma compreensão mais reflexiva do uso da língua em diferentes contextos.

Em uma oficina de ensino, as questões científicas são estudadas a partir da prática. Nas oficinas a primazia sempre é da ação, mas não se desmerece a teoria. Não podemos incorrer no erro de conceber oficina como local onde qualquer pessoa adquire conhecimento, sem um mínimo de base teórica e metodológica. Em uma oficina de ensino, a teoria surge como uma necessidade para esclarecer a prática (Vieira e Volquind, 2002 p. 12).

Dessa forma, as oficinas desenvolvidas nesta pesquisa buscaram equilibrar teoria e prática, permitindo que os alunos experimentassem e refletissem sobre os fenômenos linguísticos. A partir dessa dinâmica, a teoria emergiu naturalmente como suporte para a análise

e compreensão das variações da língua, reforçando a importância da reflexão crítica sobre seu uso em diferentes contextos.

Nas subseções a seguir, serão apresentados, de forma detalhada, o desenvolvimento e a aplicação das oficinas. Algumas oficinas foram agrupadas em uma mesma subseção por tratarem de temas, desenvolvimentos ou atividades semelhantes, o que possibilita uma análise mais integrada dos resultados obtidos ao longo do processo.

5.2.1 - OFICINA 1 - INVESTIGANDO A NORMA E AS VARIEDADES LINGUÍSTICAS: CONCEITOS E PERSPECTIVAS

No dia 10/10/2024, os alunos da turma foram organizados em seis grupos, sendo cinco compostos por seis estudantes e um formado por quatro alunos. O objetivo dessa organização foi explorar conceitos-chave da Sociolinguística, como o que é sociolinguística, norma linguística, norma culta, norma-padrão e variação linguística.

Para otimizar a divisão de tarefas e aprofundar a investigação, foram elaborados três roteiros de pesquisa distintos, contemplando diferentes aspectos da área. Cada roteiro foi atribuído a dois grupos, garantindo que os mesmos temas fossem abordados por mais de uma equipe. Essa estratégia não apenas incentivou a troca de perspectivas, mas também possibilitou uma compreensão mais ampla e comparativa dos conceitos estudados.

O quadro a seguir oferece um resumo dos objetivos e conteúdos principais de cada mini roteiro, servindo como guia para a organização do trabalho de cada grupo.

Quadro 3 - Divisão dos roteiros

Mini Roteiro	Objetivo	Conteúdos Principais
1. Introdução à Sociolinguística	Apresentar o conceito e importância da Sociolinguística.	Definição; relação entre língua e sociedade; aplicações práticas; importância do olhar sociolinguístico.
2. Entendendo conceito de norma(s)	Explicar os diferentes tipos de norma e sua aplicação na língua portuguesa.	Diferença entre norma culta, popular, padrão; importância e críticas; reflexões sobre seu papel na sociedade.

3. Variação Linguística	Investigar a variação linguística no Brasil e refletir sobre o preconceito.	Exemplos de variação (regional, social, geracional); preconceito linguístico; valorização da diversidade.
--------------------------------	---	---

Fonte: autora

No primeiro momento, os grupos dedicaram-se à pesquisa teórica, utilizando recursos como cadernos, livros didáticos, vídeos, dicionários físicos e *online* e artigos orientados pela professora-pesquisadora. Para apoiar essa etapa, a professora levou para a sala de aula materiais como livros e dicionários físicos, além de indicar, no quadro, endereços de *sites* úteis e confiáveis para a realização das pesquisas. Toda a atividade foi realizada em sala de aula e, para acessar vídeos, páginas da internet e dicionários *online*, os estudantes utilizaram seus próprios celulares (importante ressaltar que, quando realizada a pesquisa, em 2024, a lei que proíbe o uso de celulares na escola ainda não estava em vigor), uma vez que o laboratório de informática da escola está interditado por problemas estruturais no espaço onde se encontra instalado.

Durante essa etapa, os alunos analisaram os conceitos atribuídos como o que é sociolinguística, o significado de norma, as diferenças entre norma-padrão, norma culta e normas populares, além do conceito de variação linguística, entre outros. Também buscaram exemplos práticos e organizaram informações que os ajudassem a compreender a aplicação dos conteúdos na vida cotidiana. A professora, por sua vez, circulou entre os grupos, monitorando e assessorando os alunos em suas pesquisas, esclarecendo dúvidas, estimulando o aprofundamento dos temas e garantindo o engajamento de todos no processo investigativo.

Inicialmente, a oficina tinha como objetivo combinar a pesquisa e a elaboração de vídeos explicando os conceitos pesquisados, mas o tempo necessário para a condução da pesquisa mostrou-se maior do que o previsto. Além disso, percebeu-se que alguns alunos desconheciam o que é pesquisa do ponto de vista de selecionar e verificar informações⁶, limitando-se a copiar o primeiro resultado encontrado no Google. Outros demonstraram curiosidade em pesquisar, mas ficaram perdidos diante da quantidade de informações encontradas, solicitando auxílio para selecionar e avaliar o material relevante. Para garantir que os alunos pudessem realizar suas

⁶ Discute-se amplamente a importância da pesquisa no contexto da sala de aula na educação básica, considerando que essa prática contribui significativamente para o desenvolvimento do protagonismo juvenil no processo de aprendizagem. No entanto, muitas vezes, desconsidera-se o fato de que os alunos, em sua maioria, não possuem o conhecimento ou as habilidades necessárias para conduzir uma pesquisa. Por isso, antes de solicitar que os estudantes realizem uma pesquisa, é fundamental que o professor os ensine, habilitando-os a pesquisar de forma adequada e eficiente.

atividades de maneira mais eficaz e com a devida atenção aos detalhes, optou-se por dedicar uma oficina inteiramente à pesquisa, enquanto a elaboração e a gravação dos vídeos explicativos sobre os conceitos pesquisados foram deixadas para uma sessão separada.

Desta forma, na primeira oficina, os alunos concentraram-se exclusivamente na pesquisa. Durante essa etapa, o foco esteve em coletar dados de maneira organizada, prestando atenção às nuances de como a língua varia de acordo com a situação, o público e o propósito comunicativo. Os alunos, organizados em grupos, discutiram como realizar a pesquisa e, orientados pela professora-pesquisadora, definiram métodos para coletar os dados e planejaram como registrá-los.

Essa etapa foi importante para que pudessem explorar a variação linguística com calma, sem a pressão de preparar e gravar os vídeos no mesmo dia. Esse momento da oficina foi essencial para que os alunos tivessem tempo suficiente para investigar a diversidade de usos linguísticos sem a pressão de também ter que criar e gravar os vídeos no mesmo dia.



Figura 12 - Alunos na oficina 1 – Fonte: Professora pesquisadora

A oficina atingiu parcialmente os objetivos propostos. O primeiro objetivo, que envolve a compreensão das variedades da língua falada, o reconhecimento da norma culta e a identificação de situações de preconceito linguístico, foi amplamente contemplado. Os alunos pesquisaram conceitos fundamentais da Sociolinguística, incluindo norma culta, norma-padrão e variação linguística, além de discutirem a diversidade de usos da língua em diferentes contextos. Esse processo contribuiu para o desenvolvimento de uma visão mais crítica sobre a linguagem e seu funcionamento social.

No entanto, os objetivos relacionados à produção de textos de divulgação científica, à elaboração de roteiros e à edição de vídeos ou podcasts não foram plenamente atingidos nesta etapa. Como a oficina foi focada exclusivamente na pesquisa teórica, a produção e a organização de materiais para divulgação do conhecimento foram adiadas para uma oficina posterior. Embora a pesquisa tenha sido um passo fundamental para a realização dessas atividades, a ausência da criação dos roteiros e da produção textual indica que esses aspectos ainda não foram concluídos.

Portanto, a oficina cumpriu um papel essencial na construção do conhecimento dos alunos, permitindo que desenvolvessem habilidades de pesquisa e análise crítica. Entretanto, para que todos os objetivos sejam totalmente alcançados, será necessário avançar para as próximas etapas, que envolvem a sistematização das informações coletadas e sua transformação em materiais de divulgação científica.

5.2.2 – OFICINA 2 - PRODUÇÃO DE VÍDEOS: DIVULGANDO PESQUISAS SOBRE NORMA E SOCIOLINGUÍSTICA

Entre as oficinas, houve a necessidade de um intervalo devido ao recesso escolar, que ocorreu entre os dias 12 e 20 de outubro de 2024. Apesar da interrupção, a continuidade do trabalho não foi prejudicada, pois os alunos já haviam avançado significativamente nas etapas iniciais da pesquisa. Além disso, o intervalo permitiu que eles assimilassem melhor os conceitos discutidos até o momento, possibilitando um retorno mais produtivo e reflexivo.

Ao retomarem as atividades, os grupos demonstraram engajamento e capacidade de resgatar os temas trabalhados anteriormente, o que facilitou a transição para as próximas etapas da pesquisa. A pausa também ofereceu a oportunidade para que algumas equipes organizassem melhor suas ideias e planejassem estratégias para a elaboração e gravação dos vídeos,

garantindo que a produção final refletisse de forma mais consistente os conceitos sociolinguísticos estudados.

Na oficina 2, realizada no dia 24/10/2024, os alunos focaram na elaboração e gravação dos vídeos explicando, de forma semelhante a um seminário, os conceitos sociolinguísticos pesquisados na oficina anterior, utilizando o material coletado durante a pesquisa. Essa sessão foi dedicada exclusivamente à criação audiovisual, permitindo que aplicassem os conceitos estudados de forma prática e criativa.

No início, os grupos revisaram os dados coletados, organizaram as informações e discutiram como representar os exemplos de variação linguística de maneira didática e envolvente. Cada grupo escolheu o formato mais adequado para suas apresentações, como encenações, entrevistas simuladas, explicações diretas e, em alguns casos, o uso de fantoches para ilustrar de forma lúdica as diferentes formas de falar.

Com o planejamento concluído, os alunos iniciaram as gravações, desenvolvendo habilidades como trabalho em equipe, comunicação e uso de ferramentas digitais. O uso de diferentes formatos permitiu explorar a criatividade dos estudantes e tornar a abordagem dos conceitos sociolinguísticos mais dinâmica e acessível, facilitando a compreensão dos temas abordados. A gravação e a edição dos vídeos foram realizadas com os celulares dos próprios alunos⁷, já que a escola não dispõe de equipamentos específicos para esse fim, como câmeras ou computadores adequados para edição audiovisual. Apesar dessa limitação, os estudantes demonstraram grande autonomia e criatividade no uso dos recursos disponíveis, explorando aplicativos acessíveis em seus dispositivos móveis para gravar, cortar, e montar os vídeos.

O desmembramento das oficinas mostrou-se uma escolha acertada, permitindo que as etapas de pesquisa e produção de vídeos fossem realizadas com mais atenção e profundidade. Os vídeos resultantes demonstraram não apenas o entendimento de conceitos sociolinguísticos, como também a capacidade dos alunos de torná-los acessíveis e interessantes por meio de exemplos práticos e linguagem clara.

Esses vídeos serviram como um recurso para compartilhar o aprendizado entre os colegas e consolidar a compreensão dos conceitos abordados. Além disso, a atividade promoveu o desenvolvimento de competências como organização, expressão oral e multimodal, incentivando os alunos a explorarem a aplicação prática da sociolinguística em situações cotidianas.

⁷ Importante ressaltar que, quando realizada a pesquisa, em 2024, o uso do celular no ambiente escolar não era proibido pela Lei nº 15.100/2025, que entrou em vigor em janeiro de 2025.

Os objetivos propostos para a oficina foram contemplados de forma ampla. A atividade desenvolveu a habilidade de exposição oral, pois os alunos apresentaram os conceitos sociolinguísticos por meio de vídeos explicativos, organizando informações e utilizando diferentes recursos multissemióticos, como encenações e entrevistas simuladas. Além disso, a necessidade de planejamento e organização dos roteiros e gravações permitiu que os alunos aprimorassem sua participação em interações orais, respeitando turnos de fala e estruturando seus discursos de forma coerente. A produção dos vídeos também se alinhou ao objetivo de capacitar os alunos para a produção de textos de divulgação científica, pois eles precisaram estruturar os conteúdos com clareza e acessibilidade, tornando-os compreensíveis para o público-alvo. Embora a descrição não mencione diretamente a criação de outros gêneros textuais, como artigos ou infográficos, a gravação e edição dos vídeos cumpriram a proposta de estimular a revisão e edição de um gênero voltado à divulgação do conhecimento. Assim, os objetivos foram majoritariamente atendidos, com destaque para o desenvolvimento da comunicação oral, a adequação da linguagem ao contexto e a exploração criativa dos conceitos estudados.

5.2.3 – OFICINA 3 - ANALISANDO O USO DA LÍNGUA: COLETA E INTERPRETAÇÃO DE DADOS EM DIFERENTES CONTEXTOS

Na terceira oficina, realizada no dia 31/10/2024, os alunos foram previamente orientados a coletar dados sobre variação linguística, observando aspectos específicos em mensagens escritas no *WhatsApp* e relacionando os padrões identificados com os contextos sociolinguísticos em que foram produzidos. Para isso, deveriam considerar tanto a própria fala quanto a de pessoas próximas, como colegas, familiares e professores. Essas informações foram levadas para a oficina e analisadas em grupos com foco nos comportamentos linguísticos em diferentes contextos. Os diálogos recolhidos foram separados conforme grau de monitoramento no uso da língua, sendo:

Aspecto Linguístico	Mensagem Mais Formal (maior grau de monitoramento)	Mensagem Menos Formal (menor grau de monitoramento)
Acentuação	Presente em palavras como: “chácara”, “já”, “está.”	Ausente ou errada: “côrte” em vez de “corte”, “e” no lugar de “ê”

Concordância verbal/nominal	Presente: “amanhã teremos quadra [...] para realizarmos um treinamento”	Ausente: “tava nois tudo sentado”
Pontuação	Uso de vírgulas, interrogação, pontos finais e reticências.	Frases curtas, com pontuação omitida.
Abreviações e emojis	Ausentes ou pouco frequentes.	Muitos emojis e abreviações: "😂, kkkk, blz".
Maiúsculas e minúsculas	Presente: “Bom dia, Mauro.”	Uso aleatório, geralmente uso de maiúscula automático na primeira letra da sentença e, em alguns momentos, toda a conversa com letra maiúscula.

Tabela 1 - Aspectos linguísticos observados nas mensagens de texto – Fonte: Professora pesquisadora

Os estudantes compartilharam exemplos de mensagens do *WhatsApp* utilizadas em diferentes contextos, distinguindo aquelas enviadas em situações mais formais, como marcação de consultas médicas, compras ou solicitação de serviços, daquelas presentes em interações menos formais, como conversas com familiares e colegas de sala de aula. A atividade teve como objetivo analisar como a língua é ajustada nesses contextos mais monitorados, nos quais a preocupação com clareza e formalidade se torna mais evidente.

Essa adaptação linguística pode ser compreendida a partir do conceito de monitoração estilística, que abrange desde interações espontâneas até as que exigem maior planejamento e atenção do falante. Como destaca Bortoni-Ricardo quanto aos contínuos dialetais:

O terceiro contínuo é o de monitoração estilística. Nesse contínuo vamos situar desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante. Nós nos engajamos em estilos monitorados quando a situação assim exige. [...] De modo geral, os fatores que nos levam a monitorar o estilo são: o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa. Estilos mais informais ou mais formais podem ser definidos em função do grau de atenção que o falante presta ao seu ato de fala (Bortoni-Ricardo, 2021 p.51).

Dessa forma, os exemplos analisados pelos alunos ilustram como o grau de formalidade varia conforme a situação comunicativa, evidenciando que o monitoramento da linguagem é um processo natural e estratégico no uso da língua.

É importante ressaltar que, mesmo nas interações mais formais colhidas nas mensagens de WhatsApp, não há uso perfeito da norma culta, uma vez que se trata de comunicação real e,

naturalmente, as pessoas cometem desvios. Pequenos deslizos gramaticais, simplificações e variações ocorrem mesmo em textos que buscam seguir um padrão mais formal, o que demonstra que a norma culta, na prática, não é um modelo absoluto, mas sim um referencial que os falantes tentam alcançar com diferentes graus de proximidade.

Essa dificuldade em atingir plenamente a norma culta sem oscilações pode estar relacionada não apenas ao contexto de uso da língua, mas também a fatores sociais mais amplos. Como aponta Bortoni-Ricardo:

No Brasil, embora haja razoável fluidez na mudança de estilos, temos que constatar que essa variedade padrão não é associada somente ao uso, mas é principalmente associada a classe social, pois muitos falantes têm dificuldade de usá-la de forma descontraída e confiante (Bortoni-Ricardo, 2021 p. 39).

Os alunos foram orientados pela professora-pesquisadora a observar aspectos linguísticos como acentuação gráfica, concordância verbal e nominal, uso de pontuação, presença de abreviações e *emojis*, e a diferenciação entre letras maiúsculas e minúsculas. Esses elementos foram analisados para identificar padrões e variações no uso da língua de acordo com o contexto.

As mensagens analisadas em contextos informais incluíram conversas no grupo da turma e interações com amigos e familiares. Nesses casos, os alunos identificaram características marcantes de espontaneidade, como o uso frequente de abreviações, *emojis*, gírias e mudanças de registro. Essas escolhas linguísticas demonstram proximidade e descontração entre os interlocutores, refletindo o contexto social e o grau de intimidade.

As análises revelaram que, nas mensagens formais, há um cuidado maior com a elaboração textual, evidenciado pela preferência por construções diretas e objetivas, uso de palavras completas em vez de abreviações ou gírias, vocabulário formal, pontuação adequada e expressões de polidez. Além disso, observou-se o respeito às regras da gramática normativa, como concordância e pontuação, e uma diferenciação mais rigorosa entre maiúsculas e minúsculas, especialmente em nomes próprios e inícios de frases. Esses aspectos refletem um esforço consciente para transmitir profissionalismo e atender às expectativas sociais dessas interações, demonstrando como os falantes ajustam sua linguagem de acordo com o contexto comunicativo.

Ademais, observou-se um nível elevado de cordialidade, manifestado em saudações como "bom dia" e "boa tarde", bem como em expressões de agradecimento, como "obrigada" ou "obrigado". Esses elementos não apenas indicaram atenção às convenções sociais de polidez,

mas também contribuíram para a construção de uma interação respeitosa e agradável entre os interlocutores. A combinação desses fatores demonstra um esforço consciente para adequar a linguagem ao contexto e à finalidade da mensagem, refletindo um padrão de comunicação alinhado às expectativas formais. As figuras de 6 a 9 representam exemplos das mensagens com maior monitoração coletadas pelos alunos.

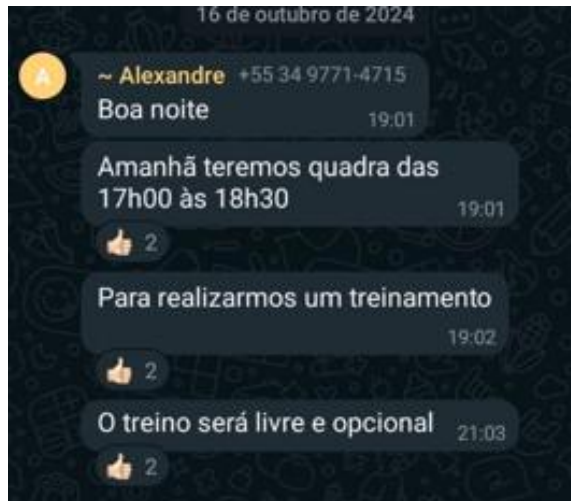


Figura 13 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp –
Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

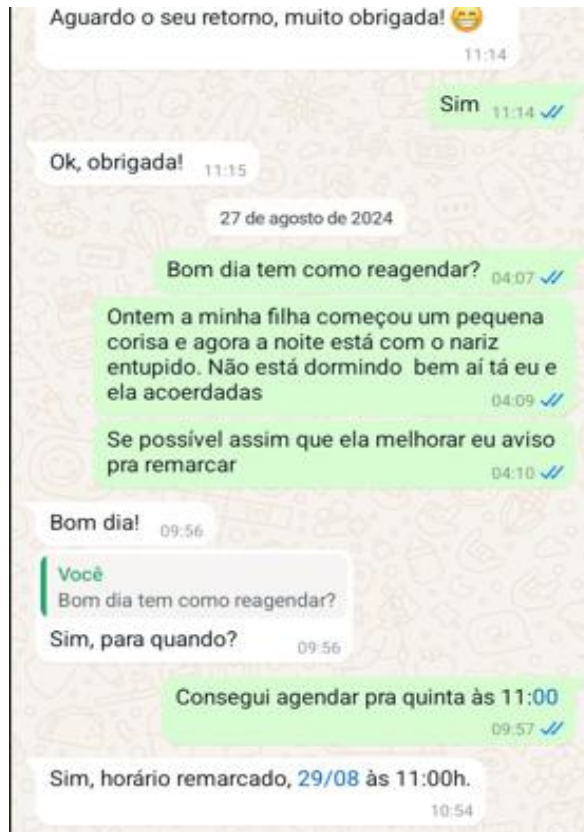


Figura 14 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

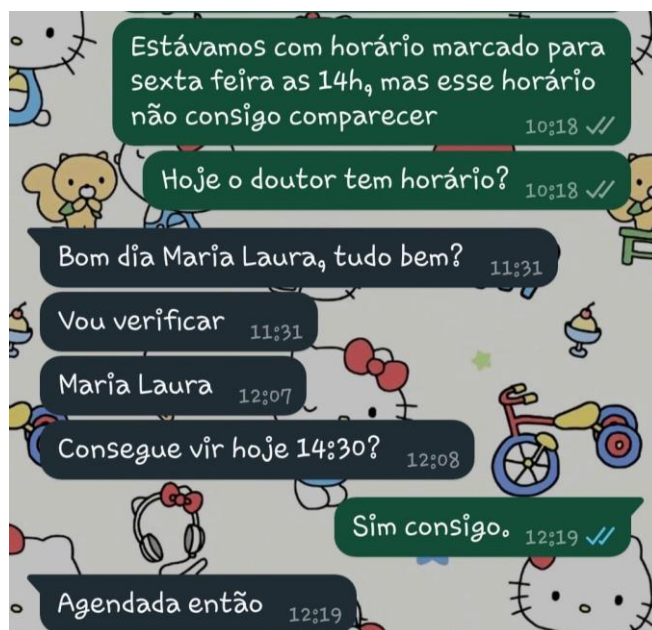


Figura 15 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

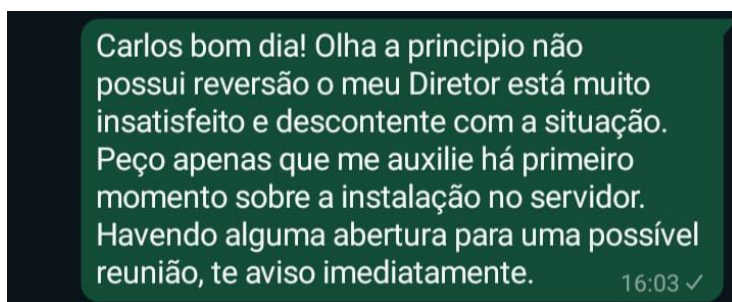


Figura 16 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

Em contraste, as mensagens informais apresentaram maior flexibilidade linguística. Era comum o uso de abreviações, emojis, ausência de pontuação formal e desvios das regras de acentuação e concordância. Essas características reforçam a natureza descontraída e espontânea das interações, adaptando a linguagem ao contexto de proximidade entre os participantes.



Figura 17 - Exemplo de conversa informal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

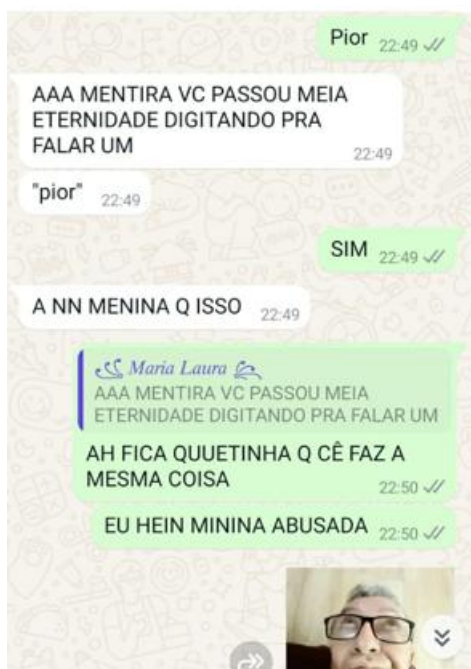


Figura 18 - Exemplo de conversa informal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

Também foi observado que, mesmo nas mensagens destinadas a familiares, o grau de monitoramento no uso da língua pode variar de acordo com o destinatário. Um mesmo falante ajusta seu nível de cuidado linguístico dependendo do contexto e da relação com o interlocutor. Em particular, constatou-se uma demonstração de maior atenção às regras da gramática normativa, como concordância verbal e nominal, pontuação e uso de palavras completas quando o destinatário era uma pessoa mais velha, como avós, tios ou parentes de gerações anteriores.

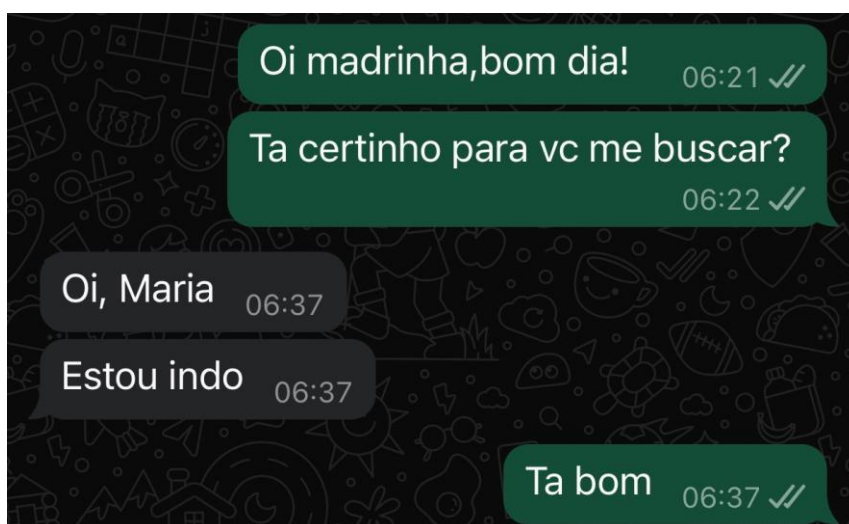


Figura 19 - Exemplo de conversa mais formal no Whatsapp – Fonte: Interações reais dos alunos partícipes

Essa variação individual evidenciou como o uso da língua não é estático, mas dinâmico, ajustando-se continuamente para atender às demandas sociais e comunicativas de cada situação. Esse aspecto foi um dos mais discutidos em grupo, ajudando os alunos a compreenderem a importância do contexto na escolha das estratégias linguísticas.

A comparação entre os contextos formais e informais evidenciou diferenças significativas no uso da língua, destacando o papel da linguagem como ferramenta adaptável às necessidades específicas de cada situação. Enquanto o contexto formal privilegia a norma padrão e o rigor gramatical, o contexto informal valoriza a expressividade e a proximidade, utilizando recursos que refletem a relação entre os interlocutores. Essa reflexão ajudou os alunos a compreenderem como a linguagem se molda em função do ambiente e das intenções comunicativas.

Os grupos também analisaram áudios enviados em contextos formais e cotidianos, o que proporcionou uma rica oportunidade para observar variações linguísticas. Esses dados revelaram que elementos como o tom de voz, a escolha de palavras e o ritmo da fala mudavam significativamente conforme o nível de formalidade da situação e o grau de intimidade entre os interlocutores.

Nos áudios de contextos formais, como aqueles enviados para colegas de trabalho, professores ou profissionais de atendimento, a comunicação era, em geral, mais curta, direta e objetiva. A clareza das informações foi priorizada, com pausas bem marcadas e um tom de voz neutro ou levemente formal, refletindo a preocupação em transmitir profissionalismo e respeito. Além disso, observou-se um esforço em evitar gírias, abreviações e expressões excessivamente coloquiais, evidenciando o cuidado com a adequação ao contexto.

Em contrapartida, os áudios enviados para pessoas próximas, como amigos e familiares, apresentaram características mais descontraídas. O tom de voz era mais informal e envolvente, muitas vezes acompanhado de risos, expressões de surpresa ou emoções espontâneas. O ritmo da fala tendia a ser mais fluido ou rápido, com interrupções ou alterações naturais, e o vocabulário incluía gírias, abreviações e/ou expressões regionais. Esses áudios também eram, em muitos casos, mais longos e incluíam detalhes pessoais, reforçando o vínculo emocional entre os participantes.

Essa análise permitiu aos alunos refletirem sobre como a comunicação oral, assim como a escrita, é moldada pelo contexto social e relacional. Elementos como tom, ritmo e escolha de palavras tornam-se ferramentas adaptativas que ajudam o falante a alinhar sua mensagem às expectativas do destinatário e à natureza da interação. O exercício despertou a percepção dos

alunos para a importância desses elementos na construção de mensagens eficazes e adequadas às diferentes situações comunicativas.

Ao final da oficina, cada grupo apresentou suas conclusões, destacando as variações linguísticas identificadas e explicando como elas estavam relacionadas ao contexto de comunicação. A atividade proporcionou uma compreensão prática e detalhada da Sociolinguística, permitindo que os alunos reconhecessem como a linguagem é moldada por fatores sociais, culturais e situacionais. Além disso, a oficina estimulou o pensamento crítico, a organização de ideias e a colaboração entre os alunos, promovendo um aprendizado significativo.

Os objetivos da oficina foram amplamente atingidos, pois os alunos conseguiram observar, descrever e analisar diferentes usos da língua em textos escritos e orais, identificando como as escolhas linguísticas influenciam a construção de sentidos. A análise de mensagens e áudios em diferentes contextos comunicativos permitiu que compreendessem a heterogeneidade, a dinamicidade e a adaptabilidade da língua, reconhecendo-a como um fenômeno vivo que atende a variados contextos sociais. Além disso, a atividade de coleta e análise de dados possibilitou a identificação de padrões linguísticos e de variações conforme o grau de formalidade e o perfil dos interlocutores. Embora a etapa de entrevistas planejada inicialmente tenha sido suprimida, o restante do processo foi suficiente para garantir uma reflexão crítica sobre a variação linguística e suas implicações sociais, consolidando os conhecimentos trabalhados ao longo da oficina.

5.2.4 – OFICINA 4 - ELABORANDO CONHECIMENTO: ROTEIRIZAÇÃO PARA ENSINO DE SOCIOLINGÜÍSTICA E PRECONCEITO LINGÜÍSTICO

Após a produção dos vídeos-seminários na oficina 2, nos quais os alunos explicaram conceitos fundamentais da Sociolinguística, e da análise de dados na oficina 3, sobre o uso da língua em contextos mais ou menos monitorados, eles foram desafiados a criar seus próprios vídeos, sistematizando o conhecimento teórico adquirido até o momento. Os vídeos produzidos seriam divulgados em forma de *reels* no Instagram. O objetivo dessa atividade era consolidar os conhecimentos adquiridos, estimulando os alunos a refletirem sobre a importância da adequação linguística e a enfrentarem questões como o preconceito linguístico de forma prática e criativa.

Na quarta oficina, realizada no dia 07/11/2024, os estudantes, orientados pela professora-pesquisadora, dedicaram-se à elaboração dos roteiros para os vídeos finais. Durante

essa etapa, foram estimulados a estruturar narrativas que equilibrassem clareza e criatividade, incorporando conceitos teóricos de forma prática. Além de planejar cenas que demonstrassem situações reais ou fictícias, os roteiros exploraram aspectos como o uso da língua como ferramenta de inclusão ou exclusão social. Momentos de humor e crítica foram estrategicamente inseridos para tornar os vídeos mais dinâmicos e engajadores, aproximando os conteúdos apresentados da realidade do público-alvo.

Ao final desse processo, os vídeos não apenas representaram um exercício pedagógico, mas também uma forma dos alunos se posicionarem sobre questões sociais relevantes, contribuindo para a construção de uma visão mais inclusiva e reflexiva sobre a diversidade linguística.

Os objetivos da atividade foram amplamente atingidos, pois os alunos não apenas aplicaram conceitos sociolinguísticos na produção dos vídeos, como também desenvolveram habilidades de criação e roteirização ao estruturar narrativas que equilibravam clareza e criatividade. Durante a elaboração dos roteiros, foi possível observar a reflexão crítica sobre a variabilidade linguística e suas implicações sociais, evidenciada na construção de cenas que abordavam o uso da língua como ferramenta de inclusão ou exclusão. Além disso, o uso de humor e crítica demonstrou a capacidade dos alunos de transmitir mensagens de forma acessível e engajadora, o que reforça o desenvolvimento das competências de comunicação audiovisual. A revisão e discussão de ideias também foram trabalhadas durante o processo, permitindo que os estudantes aprimorassem seus roteiros e consolidassem sua compreensão sobre os temas abordados. Dessa forma, a atividade não apenas atingiu seus objetivos pedagógicos, mas também possibilitou uma experiência significativa de reflexão e expressão sobre a diversidade linguística.

Como exemplo da produção dos alunos, elencamos a seguir um dos roteiros elaborados:

Introdução de abertura do jornal

Alcides – Boa noite, você está assistindo ao Jornal Carvalho de Pano! E hoje apresentaremos um caso inadmissível!! No ponto de ônibus do bairro Tecido Azul duas pessoas, Carlety (empregada doméstica) e Agna (médica), envolveram-se em uma terrível briga devido a um pequeno desentendimento durante uma conversa trivial. Veja a seguir:

Cenas da discussão, é possível ouvir ambas gritando

Carlety - Aaaaahhhh!! – *puxando os cabelos de Agna* – Solta meu cabelo, sua loca!!

Agna – Aaaahhhh!! – *puxando os cabelos de Carlety* – Louca? Eu vou lhe mostrar quem é louca! – puxa os cabelos da moça ainda mais forte.

Cenas do depoimento de Agna para o jornal, na delegacia

Agna - falando ao microfone com um tufo de cabelo nas mãos - Esses forasteiros acreditam que podem falar de qualquer modo no nosso estado!? Que voltem para a terra dos burros!

Carlety - destruída e chorando - Esse pe-pessoar aqui do Pano Grande do-do Sul – soluço – é muito preconceituoso com nós, de Mneninas Gerais, principalmente que eu sô da roça, eles fica chamano nós de burro, só por causa do nosso jeitim de falar – soluço.

Bancada do jornal

Alcides – Pois é pessoal, uma briga motivada por algo tão infantil tomou grandes proporções, desse jeito estamos perdidos! Sabem qual o nome disso? Preconceito linguístico! Para ajudar a nos explicar, hoje trouxemos a professora de linguística Priscila, mais conhecida como Priscilão!

câmera foca em Priscila

Priscilão – Boa noite, senhor Alcides!

Alcides – Boa noite, Priscila. Me deixe te perguntar, o que é o tal do preconceito linguístico?

Priscilão – Pois bem, Alcides. Vamos começar explicando que a língua é heterogênea, isso significa que existem diversas formas de se expressar, de usar a língua, e todas essas formas são válidas e devem ser respeitadas, chamamos isso de variação linguística. Essa variação é influenciada por diversos fatores como classe social, grau de escolaridade, idade, gênero, região geográfica onde vive o falante etc. Inclusive existe a variação interna, isso significa que uma mesma pessoa usa a língua de formas variadas conforme o contexto da comunicação. A briga das duas mulheres foi causada pelo preconceito linguístico ligado à variação regional. Podemos notar também que uma das falantes possui menor escolaridade e é da zona rural, enquanto a outra, além de ser da zona urbana, é formada em medicina, portanto teve a oportunidade de estudar mais, o que deixa mais nítida a diferença entre as variações que elas usam para se expressar. O preconceito linguístico é justamente a ideia de que existe apenas uma forma correta de uso da língua, ignorando que a língua é múltipla e o ideal é adequar seu uso às situações de comunicação. Quando uma pessoa pensa assim e se depara com outras pessoas que usam variedades linguísticas diferentes da sua, que ela considera inferior ou “errada”, surge o preconceito linguístico.

Alcides – Muito esclarecedora sua explicação, Priscila. Eu nunca havia me atentado a isso. Fique com os comerciais, a seguir crime na Zona Sul de Pano Alegre gera massacre em banco da região.

vinheta para os comerciais

5.2.5 – OFICINAS 5, 6 E 7 - PRODUÇÃO AUDIOVISUAL: GRAVAÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEOS SOBRE SOCIOLINGUÍSTICA

As oficinas 5, 6 e 7 - realizadas semanalmente, do dia 14 ao dia 28/11/2024 - foram dedicadas à gravação e edição dos vídeos planejados para serem publicados em formato de *reels*. Contudo, o processo de produção enfrentou alguns desafios que prolongaram e dificultaram sua execução. Entre os fatores que interromperam o fluxo das atividades, destacaram-se a redução do tempo de aula devido a uma reunião pedagógica que se estendeu além do previsto, momentos em que a direção foi à sala de aula fazer comunicações e entregar bilhetes, distrações frequentes dos alunos, faltas e momentos de indisciplina e brincadeiras fora de hora. Além disso, a necessidade de cumprir a programação semanal da escola, como a saída da sala para a troca de livros na biblioteca, também impactou o andamento das gravações.

Outro fator que interferiu significativamente no processo foi o excesso de ruídos externos, como o som constante de carros nas ruas próximas e os barulhos do ambiente escolar, que dificultaram a captação de áudio de boa qualidade e obrigaram os alunos a repetirem algumas cenas diversas vezes. A escola não dispõe de nenhuma sala com isolamento acústico e, embora os grupos tenham experimentado gravar em diferentes locais, os sons externos continuaram impactando negativamente a qualidade final dos vídeos.

Além disso, é importante destacar que a gravação e a edição dos vídeos foram realizadas exclusivamente com os celulares dos próprios alunos, visto que a escola não conta com equipamentos adequados, como câmeras ou computadores próprios para edição audiovisual. Como os aparelhos utilizados possuíam características técnicas distintas, de acordo com as possibilidades econômicas de cada família, houve variações significativas na qualidade das produções. Ainda assim, os estudantes demonstraram grande autonomia e criatividade ao explorar os recursos disponíveis em seus dispositivos móveis, utilizando aplicativos acessíveis para gravar, cortar e montar os vídeos, o que evidenciou seu engajamento e protagonismo no processo.

Essas circunstâncias tornaram o processo de produção mais lento e, em alguns momentos, um tanto caótico. Apesar disso, os alunos continuaram se empenhando em realizar as gravações, aproveitando os intervalos disponíveis para ajustar cenários, organizar os roteiros e ensaiar suas falas. A experiência, embora desafiadora, proporcionou aprendizagens importantes sobre a necessidade de disciplina, organização e trabalho em equipe em projetos criativos. O resultado final refletiu tanto os obstáculos superados quanto o compromisso dos

alunos em transformar as ideias concebidas nos roteiros em produções audiovisuais significativas.

Além dos desafios logísticos e comportamentais enfrentados, a etapa de gravação também revelou aspectos positivos e contribuiu para o desenvolvimento de habilidades importantes nos alunos. O ambiente dinâmico exigiu que eles buscassem estratégias para contornar os imprevistos, como reorganizar o cronograma de gravação, redistribuir tarefas entre os integrantes do grupo e encontrar formas criativas de otimizar o tempo disponível. Essas situações também estimularam a comunicação assertiva, a resolução de problemas e o fortalecimento do senso de responsabilidade coletiva, uma vez que o sucesso dos vídeos dependia diretamente do engajamento de cada participante.

Apesar das dificuldades, os momentos de descontração e interação entre os alunos contribuíram para criar um clima de colaboração e criatividade que enriqueceu o processo. Muitos estudantes, ao se verem diante das câmeras ou ao assumir papéis de direção e edição, demonstraram entusiasmo e superaram suas inseguranças iniciais. A experiência, portanto, não se limitou à gravação em si, mas funcionou como uma vivência pedagógica ampla, na qual os alunos puderam experimentar diferentes papéis, desenvolver competências socioemocionais e perceber a importância do esforço conjunto para alcançar os objetivos propostos.

Nos vídeos criados, os alunos ofereceram dicas claras e acessíveis sobre usos apropriados da língua em diferentes contextos de comunicação, demonstrando a importância de adaptar a língua aos objetivos comunicativos sem recorrer a hipercorreções desnecessárias, tema amplamente debatido nas etapas anteriores da proposta didática. Além disso, eles representaram personagens que simbolizavam conceitos importantes, como a norma-padrão, a norma popular, a hipercorreção e o preconceito linguístico.

Uma abordagem especialmente rica foi a inclusão de cenas que representavam embates entre pessoas que utilizavam variedades linguísticas distintas. Essas situações ficcionais eram baseadas em cenários familiares aos alunos, como interações em ambientes escolares, familiares ou no convívio social. Ao encenar essas situações, os estudantes não apenas ilustraram os desafios enfrentados por falantes de variedades não valorizadas socialmente, mas também criaram oportunidades para discutir a importância do respeito às diferenças linguísticas e os impactos do preconceito linguístico nas relações cotidianas.

Os objetivos da atividade foram parcialmente atingidos, pois, apesar dos desafios enfrentados durante o processo de gravação e edição, os alunos conseguiram produzir vídeos que aplicavam conceitos sociolinguísticos de forma criativa e reflexiva. O desenvolvimento de habilidades práticas de gravação e edição foi prejudicado por dificuldades logísticas, como

interrupções externas, distrações e imprevistos, tornando o processo mais lento e exigindo reorganização constante. No entanto, esses desafios também proporcionaram aprendizagens importantes sobre disciplina, planejamento e trabalho em equipe, contribuindo para o desenvolvimento das competências de colaboração e comunicação entre os alunos.

Os vídeos criados contemplaram a reflexão crítica sobre o uso da língua, abordando temas como hipercorreção, variação linguística e preconceito linguístico, demonstrando que os alunos assimilaram os conteúdos discutidos ao longo das oficinas. Além disso, as cenas que representavam embates entre diferentes variedades linguísticas proporcionaram uma abordagem lúdica e acessível do tema, favorecendo a compreensão dos conteúdos abordados. Para preservar o anonimato dos estudantes, conforme exigência do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), os alunos utilizaram fantoches durante a gravação dos vídeos. Inicialmente, foi oferecida a possibilidade de utilização de máscaras, mas os próprios estudantes optaram pelos fantoches, por considerarem o recurso mais criativo e adequado à proposta. Parte dos fantoches foi obtida por empréstimo na própria escola, enquanto outra parte foi adquirida pela professora-pesquisadora, que custeou os materiais com recursos próprios⁸.

Apesar das dificuldades, o engajamento dos alunos, a criatividade empregada e as soluções encontradas para os desafios demonstram que os principais objetivos foram trabalhados, ainda que com adaptações ao longo do processo.

5.2.6 – OFICINA 8: APRESENTAÇÃO E DIVULGAÇÃO DOS VÍDEOS: COMPARTILHANDO APRENDIZADOS SOBRE SOCIOLINGÜÍSTICA

A última oficina da programação, realizada no dia 04/12/2024, marcou o encerramento da pesquisa com a apresentação dos vídeos produzidos pelos alunos. Essa etapa final reuniu tanto os vídeos explicativos sobre os conceitos da Sociolinguística quanto os vídeos a serem publicados no formato de *reels*, nos quais os alunos demonstraram, de forma prática, o que aprenderam ao longo das oficinas. A ocasião proporcionou um momento significativo de troca de experiências e reflexões, permitindo que os participantes compartilhassem suas perspectivas sobre o processo e avaliassem os resultados obtidos.

⁸ Para a aplicação dessa proposta tínhamos pouco tempo disponível, por isso optamos por levar os fantoches prontos, no entanto, caso haja tempo hábil, um professor que deseje aplicar a proposta didática pode elaborar uma oficina de confecção de fantoches para que os próprios alunos os produzam.

Durante a apresentação, os alunos discutiram as facilidades e dificuldades enfrentadas em cada etapa da pesquisa. Muitos destacaram como o trabalho em equipe foi desafiador, mas também essencial para o sucesso das produções, enquanto outros relataram como a criação de roteiros e a interpretação dos personagens ampliaram suas habilidades de comunicação e criatividade. Ficou evidente que a pesquisa contribuiu para um amadurecimento conceitual significativo: os estudantes demonstraram uma compreensão mais aprofundada da Sociolinguística, maior consciência sobre a diversidade linguística e um respeito renovado pelas diferentes variedades que compõem a língua portuguesa. Além disso, a atividade despertou um senso de empoderamento entre os alunos, que se sentiram mais confiantes para reconhecer e combater o preconceito linguístico, tanto em situações cotidianas quanto em discussões mais amplas.

Ao mesmo tempo, o momento de reflexão também trouxe à tona críticas construtivas. Tanto os alunos quanto a professora-pesquisadora notaram que a qualidade técnica dos vídeos – especialmente em aspectos como iluminação, som e edição – poderia ter sido mais satisfatória. A professora, embora demonstrasse certo desapontamento com esses detalhes, reconheceu que tais limitações eram compreensíveis, considerando que as produções foram realizadas por jovens estudantes, na faixa de 13 anos, utilizando recursos amadores. A falta de equipamentos profissionais, como câmeras de alta qualidade, microfones adequados e softwares avançados de edição, foi um fator determinante para os problemas técnicos. Ainda assim, a dedicação, criatividade e esforço dos alunos foram amplamente reconhecidos, valorizando o resultado como uma conquista coletiva diante das limitações enfrentadas.

Além de consolidar o aprendizado, a oficina 7 também foi um momento de projeção para o futuro. Os alunos refletiram sobre como poderiam aprimorar suas produções em projetos futuros, discutindo ideias para melhorar a qualidade técnica e explorar ainda mais os temas trabalhados. Muitos expressaram entusiasmo em continuar produzindo vídeos ou se engajando em atividades similares, fortalecendo a conexão entre o aprendizado teórico e a prática criativa.

O encerramento da pesquisa revelou que, mais do que produzir vídeos, os alunos vivenciaram uma experiência de transformação pessoal e social. Eles não apenas aprenderam sobre Sociolinguística, mas também desenvolveram competências essenciais, como planejamento, colaboração, pensamento crítico e empatia. A oficina final, portanto, não foi apenas uma conclusão, mas um ponto de partida para que os estudantes continuem explorando e utilizando a língua como uma ferramenta poderosa de inclusão, expressão e transformação.

A oficina final atingiu plenamente os objetivos propostos, proporcionando um espaço rico para a reflexão e o compartilhamento das experiências adquiridas ao longo da pesquisa.

Durante a apresentação dos vídeos, os alunos não apenas revisitaram as etapas do processo de produção – desde a elaboração dos roteiros até a edição final – como também discutiram as dificuldades e conquistas envolvidas, promovendo uma análise crítica e aprofundada dos aprendizados adquiridos. Além disso, a experiência de apresentar e debater sobre seus próprios vídeos contribuiu para o desenvolvimento de habilidades de comunicação oral, permitindo que os estudantes expressassem suas ideias de forma clara e reflexiva. A troca de perspectivas e as críticas construtivas demonstraram um amadurecimento no olhar dos alunos sobre a produção audiovisual e a importância da qualidade técnica, sem que isso ofusasse o valor do conteúdo e do esforço coletivo.

O espírito de equipe também foi um aspecto fortemente evidenciado, já que os alunos reconheceram o papel essencial da colaboração para a realização dos vídeos. Ao refletirem sobre os desafios do trabalho em grupo e a importância da divisão de tarefas, eles reforçaram competências como organização, planejamento e cooperação. O entusiasmo demonstrado em continuar explorando a produção de vídeos e ampliar seus conhecimentos indica que a oficina não apenas cumpriu seus objetivos imediatos, mas também despertou nos alunos o interesse por novas formas de expressão e aprendizagem. Dessa forma, o encerramento da pesquisa consolidou a Sociolinguística como um campo de estudo significativo para os estudantes, ampliando suas percepções sobre a diversidade linguística e incentivando uma postura mais crítica e inclusiva em relação à linguagem.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso objetivo principal foi por meio da aplicação de uma proposta didática pautada em oficinas e que valoriza a pesquisa acerca da língua, dentro e fora da sala de aula, mostrar aos alunos que existem várias maneiras de usar a língua e que o importante é saber adequar esse uso às diferentes situações de comunicação, ou seja, às diferentes práticas sociais da linguagem. Além disso, buscamos criar um ambiente inclusivo que valorize a variação linguística presente na sociedade, incentivando a consciência crítica dos alunos e contribuindo para o combate ao preconceito linguístico.

Desde o início desta pesquisa, procuramos promover um ensino de Língua Portuguesa que reconheça na e respeite essa diversidade, assumindo, assim, uma abordagem bem distinta

daquela costumeiramente adotada na maioria das escolas brasileiras, cujo enfoque está na gramática normativa, restringindo a compreensão da variação linguística e limitando a abordagem pedagógica a um único modelo de referência. Esse enfoque tradicional impõe desafios ao aprendizado, pois se distancia das práticas reais de comunicação. Diante disso, torna-se fundamental repensar a abordagem pedagógica, tornando-a mais condizente com a diversidade linguística e as demandas sociais contemporâneas.

Essa discussão se insere em uma preocupação mais ampla sobre como o ensino de língua portuguesa é conduzido nas escolas públicas brasileiras. Nessa perspectiva, a norma culta é apresentada como a única forma legítima e correta de expressão, desconsiderando a variação linguística e desvalorizando os múltiplos registros usados no cotidiano. Esse fator impacta diretamente o processo de aprendizagem, tornando essencial uma abordagem pedagógica que dialogue com a realidade dos alunos e reconheça a pluralidade linguística presente na sociedade.

Com esse objetivo, desenvolvemos e implementamos uma proposta didático-pedagógica baseada na investigação em sala de aula, estimulando os alunos a refletirem sobre a diversidade da língua em uso e a importância da adequação linguística. A atividade foi estruturada a partir da análise de vídeos extraídos de redes sociais, que ilustravam diferentes formas de uso da língua, bem como exemplos de hipercorreções. Essa abordagem permitiu que os estudantes identificassem na prática as variações linguísticas e compreendessem como as normas de uso podem ser flexíveis conforme o contexto comunicativo.

A escolha pelo trabalho com vídeos publicados em formato de *reels* ocorreu porque esse tipo de conteúdo, além de ser dinâmico e atrativo, desperta o interesse dos jovens e favorece uma discussão relevante sobre a língua. Por um lado, evidencia a variação linguística e possibilita reflexões sobre a adequação da linguagem a diferentes contextos comunicativos; por outro, aproxima o aprendizado da realidade dos estudantes, tornando as aulas mais interativas e contextualizadas. Também é importante destacar que, frequentemente, circulam nas redes sociais conteúdos que reforçam preconceitos linguísticos ou que tratam a língua de forma superficial, como se fosse apenas um conjunto de regras prescritivas da gramática normativa. Diante disso, a proposta desenvolvida buscou justamente produzir conteúdos que se contraponem a esse tipo de abordagem, valorizando a heterogeneidade da língua, o respeito à diversidade linguística e contribuindo para o combate ao preconceito linguístico. Dessa forma, compreendemos que a língua é uma ferramenta de poder e identidade e, portanto, deve ser trabalhada nas aulas de Língua Portuguesa de maneira a contribuir para a formação de leitores e produtores de conteúdo críticos, capazes de questionar e transformar a realidade social.

Os objetivos específicos desta pesquisa foram direcionados à promoção dos letramentos científico e crítico dos alunos por meio de uma investigação (socio)linguística em sala de aula, tendo como objeto de estudo a língua materializada na produção de *reels*. A proposta visou estimular a reflexão sobre a variação linguística e a adequação da linguagem a diferentes contextos comunicativos, ao mesmo tempo em que incentivou o protagonismo juvenil na criação de conteúdos digitais. Para isso, foram realizadas rodas de conversa que possibilitaram a discussão sobre a natureza dinâmica e heterogênea da língua, consolidando o aprendizado por meio de abordagens práticas voltadas para a compreensão da variação linguística como uma questão de adequação ao contexto comunicativo. Além disso, os alunos foram orientados a realizar pesquisas científicas sobre o caráter variável da língua em uso, desmistificando preconceitos linguísticos presentes no ambiente escolar e na sociedade. Como etapa final, os estudantes produziram vídeos curtos para plataformas como *Instagram*, sistematizando os conteúdos estudados de forma dinâmica e atrativa, com o intuito de disseminar a valorização da diversidade linguística e o respeito às diferentes formas de expressão, capacitando os estudantes a reconhecerem e atuarem como combatentes do preconceito linguístico.

Com a finalização da pesquisa, pudemos observar que o nosso objetivo foi alcançado e, assim, pudemos contribuir para um ensino de língua portuguesa mais amplo e significativo. Além disso, ao final da pesquisa, os alunos adquiriram a compreensão de que a língua é um fenômeno dinâmico, que varia constantemente e está em constante transformação, a fim de adaptar-se às intenções sociocomunicativas do falante. Essas conclusões foram fundamentadas nas contribuições da Sociolinguística Educacional (Cf. Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; Bagno, 2007) e da Pedagogia da Variação Linguística (Cf. Faraco, 2008; Faraco e Zilles, 2015).

O tema foi abordado não apenas em sua dimensão teórica, mas também por meio de exemplos práticos e da produção criativa dos próprios alunos, o que proporcionou uma experiência de aprendizado mais próxima da realidade e do cotidiano dos estudantes. Contribuições da Sociolinguística ao ensino de língua portuguesa, orientadas por autores de notório reconhecimento na área, como Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2008), Bagno (2007) e Faraco (2008), foram trabalhadas em sala de aula por meio de uma transposição didática dessas contribuições aos alunos partícipes — estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental — de forma a conectar teoria à prática, permitindo que os alunos compreendessem e aplicassem esses conhecimentos de maneira autônoma e eficiente. A natureza da metodologia da pesquisa-ação proposta por Thiollent (1996) se materializou ao longo do processo, sobretudo na escuta ativa dos estudantes, na observação contínua das atividades, na flexibilidade para adaptar as oficinas conforme as demandas e interesses da turma, e na construção coletiva do conhecimento, com a

participação efetiva dos alunos em todas as etapas da proposta. A professora-pesquisadora observou, com satisfação, que a proposta não só despertou o interesse dos estudantes, como também os incentivou a refletir e agir de forma crítica sobre questões ligadas à diversidade linguística e ao preconceito linguístico.

No entanto, como em qualquer projeto educacional, desafios surgiram ao longo do caminho. O principal obstáculo foi o tempo disponível para a realização das oficinas, que acabou se mostrando insuficiente frente às demandas das atividades planejadas. É importante considerar que o ambiente escolar apresenta inúmeras variáveis que podem interferir no andamento de pesquisas como esta. Fatores como interrupções inesperadas, ausências de alunos, ruídos próprios do ambiente escolar, e atividades regulares ou sazonais – como trocas de livros na biblioteca, eventos festivos e recessos – frequentemente impactaram o cronograma e exigiram ajustes constantes.

Com base nessa experiência, concluímos que a proposta didática que apresentamos como produto final desta pesquisa é uma excelente ferramenta para trabalhar a variação linguística na escola e tem grande potencial de aplicação em diferentes turmas e contextos. No entanto, recomendamos que seja implementado, preferencialmente, no primeiro semestre letivo, quando o calendário escolar tende a ser menos impactado por atividades paralelas e eventos programados. Essa mudança pode ajudar a minimizar interrupções e permitir uma execução mais fluida e produtiva. Além disso, é fundamental que o professor responsável realize um planejamento detalhado, considerando um tempo maior do que inicialmente previsto, para acomodar os imprevistos e garantir que todas as etapas sejam realizadas com qualidade.

Outro ponto que merece atenção é a necessidade de adaptar a proposta didática às condições reais da escola e da turma. Isso inclui prever pausas estratégicas, ajustar expectativas e criar momentos de flexibilização para lidar com eventuais contratempos. Ainda assim, mesmo diante dos desafios, os resultados relevaram que as atividades didáticas que concebemos e aplicamos se mostraram como uma oportunidade valiosa de aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento de diversas competências - acadêmicas, comunicativas, sociais e emocionais dos estudantes -, ao mesmo tempo que promove a valorização da diversidade linguística e o combate ao preconceito. Logo, nossa proposta didática, destaca-se não apenas como uma abordagem pedagógica eficaz, mas também como uma experiência transformadora para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

Almeida, Joyce Elaine; Bortoni-Ricardo, Stella Maris (Orgs.). **Variação linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.

Arriada, E.; Valle, H.S. Educar para transformar: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistemica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. Site: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2514>.

Bagno, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 06 out 2023.

Coelho, I. L.; Görski, E. M.; Souza, C. N.; May, G. H. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.

Faraco, Carlos Alberto; Zilles, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

Faraco, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Galarza, Débora. Aulas de português: construção do conhecimento e interação social. In: Zilles, A. M. S.; Faraco, C. A. (Orgs). **Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino**. São Paulo: parábola, 2015.

Marcuschi, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

Marcuschi, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: **Gêneros textuais e ensino**. 2. ed. Ângela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, Maria Auxiliadora Bezerra (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

Marcuschi, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Martins, M. A.; Vieira, S. R.; Tavares, M. A. (Orgs.) **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2022.

Rojo, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

Silva, Wagner Rodrigues. Letramento científico na formação inicial do professor. In: Revista Práticas de Linguagem, v. 6, edição especial - Escrita discente, p. 08-23, 2016.

Soares, M. B. **Letramento – Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998 [2002].

Stamato, Maria Izabel Calil. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de resignificação da juventude**. 2008. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Puc, São Paulo, 2008.

Thiollent, M. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

Vieira, Elaine; Volquind, Léa. **Oficinas de ensino? O que? Por quê? Como?** – 4ª ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.

APÊNDICE 1

Questionário sobre Crenças Linguísticas

Gênero biológico: feminino ☐ masculino ☐ Idade: ____ Ano de escolaridade: ____

1. Qual é a sua opinião sobre o uso da língua portuguesa em diferentes contextos sociais?

- () Deve ser sempre formal e seguir as normas gramaticais.
- () Pode variar conforme o contexto, mas deve ser clara e correta.
- () Pode ser flexível, adaptando-se ao ambiente e às pessoas envolvidas.
- () Outra: _____

2. Você acha que existe uma única forma correta de falar ou escrever em português?

- () Sim, a forma padrão ensinada na escola.
- () Não, existem variações regionais e contextuais que também são corretas.
- () Não sei.

3. Como você reage quando ouve alguém utilizando uma forma de linguagem diferente do padrão formal?

- () Corrijo a pessoa imediatamente.
- () Entendo que pode ser uma variação aceitável.
- () Não me incomodo, pois considero normal a diversidade linguística.
- () Outra: _____

4. Em sua opinião, o que define o que é "certo" ou "errado" na língua portuguesa?

- () As regras gramaticais tradicionais.
- () O uso mais comum e aceito pelas pessoas no dia a dia.
- () O contexto e a situação comunicativa.
- () Outra: _____

5. Como você enxerga as variações regionais da língua portuguesa (como sotaques, expressões e vocabulário)?

- () Como erros que precisam ser corrigidos.
- () Como características naturais da diversidade linguística.
- () Como algo que deve ser evitado em situações formais.
- () Outra: _____

6. Acredita que o uso de gírias e expressões populares deve ser evitado?

- () Sim, especialmente em contextos formais.
- () Não, pois fazem parte da linguagem cotidiana e enriquecem a comunicação.
- () Depende do contexto.
- () Outra: _____

7. Como você lida com as mudanças na língua, como a inclusão de novas palavras e expressões?

- ☐ Resisto, preferindo manter as formas tradicionais.
- ☐ Aceito, desde que estejam de acordo com a norma culta.
- ☐ Acolho as mudanças, entendendo que a língua é dinâmica.
- ☐ Outra: _____

8. Qual é a sua opinião sobre o uso de “internetês” e outras abreviações em mensagens de texto?

- ☐ É prejudicial à escrita correta e deve ser evitado.
- ☐ É aceitável em contextos informais.
- ☐ É uma forma de linguagem válida e adaptada ao meio digital.
- ☐ Outra: _____

9. Você concorda que o ensino da língua portuguesa deve incluir o estudo de variações linguísticas e seus usos sociais?

- ☐ Sim, para que os estudantes compreendam a diversidade da língua.
- ☐ Não, o foco deve ser na norma culta.
- ☐ Depende do contexto de ensino.
- ☐ Outra: _____

10. Como você avalia a importância de respeitar as diferentes formas de falar e escrever em português?

- ☐ Muito importante, pois promove a inclusão e o respeito à diversidade.
- ☐ Importante, mas a norma culta deve prevalecer.
- ☐ Pouco importante, o que importa é a clareza na comunicação.
- ☐ Outra: _____

11. Você sabe o que é preconceito linguístico? Explique com suas palavras.

Comentários Finais:

Use este espaço para compartilhar suas reflexões sobre as crenças sobre preconceito linguístico.

Você já vivenciou ou presenciou alguma situação de preconceito linguístico?

Oficinas de produção de *reels*



Manual do professor



Público alvo: 8º ano do ensino fundamental



Promovendo a autonomia do aluno pesquisador: ensinar para aprender variação linguística com produção de reels

Débora Mendes de Oliveira

Talita de Cássia Marine



Prezado(a) professor(a),

Com o objetivo de apoiar o seu trabalho em sala de aula, elaboramos este caderno com grande dedicação. Através dele, você poderá expandir as atividades já planejadas e proporcionar novas experiências didáticas aos seus alunos.

Neste caderno de atividades, propomos oito oficinas que visam promover a consciência e a adequação linguísticas dos estudantes, utilizando, para isso, a gravação de *reels* com dicas de como fazer essas adequações.

Antes de iniciar as oficinas, sugerimos ao professor que ministre uma aula introdutória sobre o conteúdo trabalhado ao longo da pesquisa, abordando temas como variação linguística, preconceito linguístico e adequação da linguagem a diferentes contextos comunicativos. Essa aula é importante para fornecer uma base teórica que auxiliará os alunos na compreensão e no desenvolvimento das atividades propostas. No entanto, caso o professor avalie que sua turma já tem familiaridade com esses conceitos, essa etapa pode ser pulada, e o trabalho pode seguir diretamente com as oficinas. Cabe ao professor, portanto, considerar a realidade da sua turma e o nível de conhecimento prévio dos alunos sobre os temas sugeridos nessa introdução.

As oficinas também são muito importantes para o desenvolvimento de um trabalho que contemple a abordagem das habilidades previstas na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O conceito de norma será introduzido e explorado em diferentes momentos, e o eixo de análise linguística/semiótica será abordado de forma multidisciplinar, promovendo intertextualidade com outros eixos.

Dessa forma, as habilidades específicas serão destacadas em cada oficina, conforme os eixos contemplados.

Para assegurar uma compreensão clara, as habilidades serão organizadas com base nos eixos abordados em cada oficina. Dessa forma, será possível visualizar como elas são aplicadas no contexto das atividades propostas.

Nosso objetivo é que o ensino de Língua Portuguesa, fundamentado pelas contribuições da Sociolinguística, ganhe espaço de maneira efetiva nas escolas, promovendo a reflexão sobre os diversos usos da língua, reconhecendo seu caráter heterogêneo e sua constante evolução. Assim, é fundamental que os estudantes entendam que a língua é intrínseca às práticas sociais nas quais eles estão inseridos e com as quais interagem.

Ao trazer essa abordagem para o contexto escolar, promove-se a valorização das diversas variedades linguísticas e a compreensão de que todas têm suas funções e legitimidades em diferentes contextos. Os alunos, ao analisarem os diferentes usos da língua – seja nas interações formais, nas mídias sociais ou em ambientes familiares – passam a perceber que o preconceito linguístico é uma forma de discriminação social, muitas vezes direcionada às classes menos favorecidas ou a grupos marginalizados.

Ao integrar essa perspectiva sociolinguística ao currículo, os professores podem fomentar a autorreflexão dos alunos sobre suas próprias práticas linguísticas. Fazendo com que se tornem capazes de identificar quando e porque mudam o modo de falar conforme o contexto e com quem estão interagindo, desenvolvendo uma habilidade (meta)linguística essencial.

Além disso, por meio dos letramentos crítico e científico, buscamos contribuir para uma formação linguística que valorize o respeito à diversidade e o protagonismo juvenil.

Esperamos que este material seja um recurso valioso em sua prática docente! Vamos juntos disseminar a ideia de que a língua é um fenômeno vivo e em constante transformação!

Débora Mendes de Oliveira

Talita de Cássia Marine

Aula Introdutória:

Explorando a Variação Linguística: Percepções Iniciais e Análises a Partir de Vídeos

Referência: Ensino Fundamental	Ano de escolaridade: 8º ano	Duração: 2horas/aula (100 minutos)
Área de conhecimento: Linguagens	Componente curricular: Língua Portuguesa	
Práticas de linguagem: Leitura. Produção de textos. Oralidade. Análise linguística/semiótica.		
Materiais: Projetor, internet, xerox.		
Objetivos: <ul style="list-style-type: none">• Expressar e defender opiniões de forma clara e fundamentada em debates e reuniões, respeitando diferentes pontos de vista, utilizando argumentos coerentes e respeitando o tempo de fala estabelecido.• Registrar informações relevantes em discussões e eventos formais para organizar ideias, documentar os conteúdos abordados e apoiar futuras intervenções e retomadas dos temas discutidos.• Planejar e participar ativamente de debates sobre temas de interesse coletivo, desenvolvendo estratégias argumentativas eficazes, respeitando as regras estabelecidas e promovendo uma troca de ideias ética e crítica.		
Objetos do conhecimento: Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados Argumentação: movimentos argumentativos, tipos de argumento e força argumentativa Estilo Discussão oral Registro	Habilidades: (EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas. (EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados). (EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro	

	<p>de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.</p> <p>(EF89LP15) Utilizar, nos debates, operadores argumentativos que marcam a defesa de ideia e de diálogo com a tese do outro: <i>concordo, discordo, concordo parcialmente, do meu ponto de vista, na perspectiva aqui assumida</i> etc.</p>
--	--

COMPETÊNCIAS GERAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LINGUAGENS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL:

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulem em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.

7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

Com o objetivo de atrair a atenção dos alunos, bem como promover a conscientização acerca da rica variação linguística presente na língua portuguesa, propomos a apresentação aos alunos de alguns vídeos curtos, retirados do *YouTube*, apresentando diferentes variedades linguísticas. A intenção é que os alunos possam observar as distinções na pronúncia, vocabulário e estrutura utilizada em cada variedade usada por diferentes pessoas. Serão exibidos também vídeos que funcionam como manuais de como “falar bem”, como os canais da plataforma digital de Cíntia Chagas e Marcela Tavares, que criticam e fazem hipercorreções relativas às variedades linguísticas de menor prestígio e supervalorizam algumas manifestações de normas cultas. Estima-se o tempo de 10 minutos para a apresentação dos vídeos. A seguir, algumas sugestões de vídeos:

Marcela Tavares: https://www.youtube.com/watch?v=Uy_0zzOdgXo

Cíntia Chagas - <https://www.youtube.com/shorts/KrDb8gn8VKk>

Cíntia Chagas - <https://www.youtube.com/shorts/CGfra4nGDck>

Cíntia Chagas - <https://www.youtube.com/shorts/e0f5DNiTcjo>

Sobrevivente13 - <https://www.youtube.com/shorts/Pih1G46aAP4>

Sobrevivente13 - <https://www.youtube.com/shorts/fuhXXSxdBxl>

Stevan Gaipo - <https://www.youtube.com/watch?v=FSH-jewhBrQ>

Gaúcho Bagual - <https://www.youtube.com/watch?v=21jpbK5OxW8>

Guri de Uruguaiana - <https://www.youtube.com/watch?v=ITmF0q4XWhw>

Diogo Almeida - <https://www.instagram.com/reel/C-3kEktuEYn/?igsh=MWkydTl2ZXZkbjRtaA%3D%3D>

Após a exibição dos vídeos, os alunos serão convidados a participar de um debate em sala de aula. Este debate será orientado por um questionário (disponível anexo a este documento) que aborda suas crenças sobre o que consideram "certo" e "errado" no uso da língua. Além de responder ao questionário, os alunos deverão ser orientados a pesquisar, em dicionários e fontes confiáveis, sobre os conceitos de sociolinguística, preconceito linguístico, variedades linguísticas e normas linguísticas. Neste momento os alunos terão acesso a

dicionários, livros e poderão utilizar o celular para pesquisarem o significado dos conceitos apresentados, esta atividade deve ser limitada ao tempo de 15 a 20 minutos. O objetivo do debate é incentivá-los a compartilhar experiências pessoais relacionadas ao preconceito linguístico, promovendo uma reflexão sobre como esse tipo de preconceito afeta tanto a comunicação quanto a autoestima das pessoas.

Durante o debate, espera-se que os alunos discutam diferentes perspectivas e se conscientizem sobre a diversidade linguística presente em seu meio.

Estrutura do debate e apresentação:

1. Introdução do Debate:

- Apresentação do questionário e instruções sobre como utilizá-lo para guiar a discussão.
- Explicação dos objetivos do debate: compartilhar experiências pessoais, refletir sobre o preconceito linguístico e entender suas implicações.

2. Discussão em Grupos:

- Divisão dos alunos em pequenos grupos para discutir suas respostas ao questionário.
- Incentivo para que cada grupo compartilhe pelo menos uma experiência pessoal relacionada ao preconceito linguístico.

3. Debate Aberto:

- Reunião dos grupos para uma discussão aberta, onde representantes de cada grupo podem compartilhar as conclusões de suas discussões.
- Mediação do debate pelo professor, garantindo que todos tenham a oportunidade de falar e que a discussão se mantenha respeitosa e focada nos objetivos.

4. Apresentação Teórica:

- Definição de sociolinguística: estudo da relação entre a linguagem e a sociedade, abordando como fatores sociais influenciam a maneira como a língua é usada.
- Definição de normas linguísticas: regras e convenções que regulam o uso considerado "correto" da língua em diferentes contextos.
- Definição de variedades linguísticas: diferentes formas de uma língua que variam de acordo com fatores como região geográfica, classe social, idade, etnia, entre outros.

Com essa abordagem, busca-se não apenas sensibilizar os alunos sobre as questões do preconceito linguístico, mas também proporcionar um entendimento mais profundo e acadêmico sobre a diversidade e a complexidade da língua. Além disso, ao introduzir conceitos de letramento científico, espera-se que os alunos desenvolvam habilidades para analisar criticamente informações e argumentos relacionados à linguagem, fundamentando suas opiniões em bases teóricas e evidências científicas. A elaboração do debate, ao envolver letramento científico, capacita os alunos a participar de discussões informadas e a compreender melhor as implicações sociais e culturais do uso da língua. Dessa forma, eles serão capazes de participar de debates informados e de entender mais profundamente as implicações sociais e culturais do uso da língua. Professor(a), procure cronometrar o tempo do debate, limitando-o a 40 minutos.

Após o debate, deverão ser apresentadas aos alunos as definições de sociolinguística, normas linguísticas e variedades linguísticas conforme autores como Stella Maris Bortoni-Ricardo e Carlos Alberto Faraco. Essas definições ajudarão a fundamentar teoricamente as discussões, oferecendo um embasamento acadêmico que permitirá uma compreensão mais aprofundada dos conceitos discutidos. Uma vez apresentadas as definições formais, retome a discussão partindo para uma reflexão final sobre os assuntos discutidos. Certifique-se de reforçar com os alunos que a variação linguística não se limita apenas às escolhas lexicais, mas também abrange a estrutura gramatical utilizada pelos falantes. Além disso, é importante destacar que as variedades de menor prestígio são igualmente representações válidas e significativas do uso da língua.

5. Reflexão Final:

- Discussão sobre como o conhecimento das definições apresentadas pode influenciar a percepção dos alunos sobre o uso da língua e o preconceito linguístico.
- Incentivo à continuidade da reflexão e discussão sobre o tema em outras oportunidades, tanto dentro quanto fora da sala de aula.

Oficina 1 Investigando a Norma e as Variedades Linguísticas: Conceitos e Perspectivas	Duração: 2h/aula (100 min)
<p>Os alunos serão divididos em 6 grupos e, com a devida orientação, serão incentivados a criar e/ou seguir mini roteiros sobre os conceitos de sociolinguística, norma e variação linguística, previamente abordados em aula. Cada grupo será responsável por realizar pesquisas orientadas utilizando o caderno e sites sugeridos pelo professor e transformá-las em segmentos de conteúdo que comporão os roteiros. Esses roteiros servirão de base para a gravação de vídeos, feitos com o celular dos próprios alunos, e enviados via <i>WhatsApp</i> à professora-pesquisadora.</p>	
<p>Durante o processo, os alunos serão encorajados a explorar diferentes formas de expressão criativa à escolha de cada grupo, como o uso de fantoches, máscaras, encenações teatrais, animações e paródias, tornando os vídeos mais dinâmicos e envolventes. Além de consolidar os conceitos teóricos estudados, essa atividade promoverá o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, cooperação em grupo e utilização de recursos tecnológicos de maneira prática e divertida.</p>	
<p>Materiais: Caderno, lápis, internet, celular, dicionário, recursos criativos.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender as variedades da língua falada, reconhecer a norma culta e identificar situações de preconceito linguístico. • Produzir, revisar e editar textos de divulgação científica e relatórios, considerando o contexto de produção e as características dos gêneros textuais. • Criar roteiros para vídeos e podcasts científicos, planejando sua estrutura e linguagem conforme o público e o objetivo da divulgação. 	
<p>Sentir - Perceber que a língua é heterogênea, múltipla e dinâmica.</p>	
<p>Pensar - Reconhecer que a língua como um fenômeno vivo que atende aos mais amplos contextos sociais; reconhecer conceitos relacionados à sociolinguística.</p>	
<p>Agir – Gravar vídeos explicando os conceitos</p>	
<p>Práticas de linguagem: Análise linguística/semiótica; oralidade; produção de texto</p>	
<p>Objetos do conhecimento: Variação linguística; conversação espontânea; estratégias de escrita: textualização, revisão e edição; estratégias de produção.</p>	

Habilidades BNCC relacionadas à atividade:

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.⁹

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete e enciclopédia, infográfico, infográfico animado, *podcast* ou *vlog* científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, *podcasts*) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

⁹ Atenção, professor: a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) utiliza o termo "norma-padrão" para se referir ao uso da língua falada e escrita, embora, na prática, trate-se da norma culta. Faraco (2008) define norma-padrão como uma tentativa da elite letrada, em meados do século XIX, de estabelecer normas de uso da língua a fim de "homogeneizar" a língua portuguesa, com o objetivo de combater as variedades estigmatizadas do português popular. Essa abordagem, cuja prática perdura há muitos anos, apresenta desafios no processo de ensino-aprendizagem, posto que não está alinhada com o uso cotidiano da língua. O autor propõe que a escola deve abordar em suas práticas didáticas não a norma-padrão, excludente e impositiva, mas sim a norma culta, cujo uso se dá com maior grau de monitoramento (seja na fala ou na escrita), adotadas por grupos com maior familiaridade com a cultura escrita e níveis mais elevados de escolarização. O autor faz uma observação relevante de que, mesmo dentro da norma culta, existem variações. Para maior aprofundamento do tema, sugerimos a leitura do livro de Carlos Alberto Faraco: *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Mini Roteiro 1: Introdução à Sociolinguística

Objetivo: Apresentar o conceito de sociolinguística e sua importância para o estudo da língua.

1. Definição de Sociolinguística:

- Pesquise e explique o que é a sociolinguística. – Professor, espera-se que os conceitos tenham sido oferecidos aos alunos em aulas anteriores à oficina, posto que trata-se de conteúdo regular do 6º ao 9º ano, sendo assim, peça que os alunos pesquisem no caderno, em sites¹⁰ e sugira também vídeos no Youtube¹¹ e o uso do dicionário.
- Como a sociolinguística contribui para o entendimento da língua em diferentes contextos sociais? - A sociolinguística é uma área da linguística que estuda a relação entre a linguagem e a sociedade, contribuindo para o entendimento de como a língua varia e é usada em diferentes contextos sociais de acordo com fatores como região, classe social, gênero e idade. Ela revela que não há uma única forma "correta" de falar, mas sim diversas formas linguísticas que refletem a identidade e as circunstâncias sociais dos falantes.

2. Relação entre Língua e Sociedade:

- Como a sociedade influencia o uso da língua? - A sociedade influencia o uso da língua ao determinar normas e variações linguísticas baseadas em fatores como região, classe social, gênero e idade. Esses fatores moldam como as pessoas falam e escrevem, refletindo suas identidades e contextos sociais.
- Cite exemplos de como a sociolinguística analisa essas influências. - A sociolinguística analisa influências sociais na linguagem por meio de estudos sobre dialetos regionais, variações de registro em diferentes contextos, impactos da classe social na linguagem e diferenças de gênero na comunicação.

3. Aplicações da Sociolinguística:

- Onde e como a sociolinguística pode ser aplicada? Dê exemplos de situações práticas. - A aplicação da sociolinguística é ampla, pois ela ajuda a entender como a linguagem varia e funciona em diferentes contextos. Ela pode ser usada para melhorar a comunicação em áreas como educação, negócios, mídia e planejamento linguístico. Por exemplo, na educação, professores podem adaptar seu ensino às variedades linguísticas dos alunos, valorizando o dialeto local enquanto ensinam o padrão formal. No marketing, empresas podem ajustar a linguagem de suas campanhas de acordo com o público-alvo, levando em conta regionalismos ou gírias. No governo, políticas linguísticas podem ser elaboradas para apoiar a preservação de línguas minoritárias e dialetos regionais, promovendo a inclusão.

4. Conclusão:

- Resuma a importância de estudar a língua sob a perspectiva sociolinguística. - Estudar a língua sob a perspectiva sociolinguística é importante porque revela como a linguagem varia com base em fatores sociais como região, classe social e gênero. Isso ajuda a entender e respeitar a diversidade linguística, melhorar a comunicação em diferentes contextos e promover políticas inclusivas.

¹⁰ <https://www.stellabortoni.com.br/index.php/5048-sociolinguistica>

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/view/49362/49980>

¹¹ https://www.youtube.com/watch?v=ISw1sjg_eZY – LeveLetras – Amanda Batista

https://www.youtube.com/watch?v=a3xl_-EsgMc – Univesp

<https://www.youtube.com/watch?v=6fBOVygtNoU> – Professor Noslen

<https://www.youtube.com/watch?v=jnelZxH4JRY> – Português-online – Profa. aline

<https://www.youtube.com/watch?v=zZBUmhYfemw> – diferença entre norma culta e padrão

Mini Roteiro 2: Entendendo conceito de norma(s)

Objetivo: Explicar o conceito de norma(s) e discutir sua aplicação na língua portuguesa.

1. Conceito de Norma(s):

- Defina o que é norma. – Professor, certifique-se de abordar norma nos dois sentidos – normalidade, aquilo que é normal, sendo assim norma normal é o que é comum e norma – de normativo, conjunto de regras,
- Diferencie entre norma linguística, norma-padrão, norma culta e norma popular. Norma linguística diz respeito às regras da língua comumente utilizadas entre os falantes de uma comunidade linguística, corresponde à modalidade linguística que serve à normatização, regulamentação e prescrição dos usos considerados como modelo de ser utilizado. * Ler nota de rodapé 1

2. Importância da Norma:

- Por que a norma culta é importante? Onde ela é mais utilizada? - A norma culta é importante porque é uma forma de expressão linguística com prestígio social, e é fundamental para o acesso ao conhecimento, à cultura e ao mercado de trabalho. A norma culta é utilizada em situações mais formais e oficiais, como em textos acadêmicos, jurídicos, publicações científicas e artigos.
- Como a norma culta influencia o ensino da língua? A norma culta influencia o ensino da língua ao ser considerada o modelo formal de comunicação. No ambiente escolar, ela é usada como base para ensinar regras gramaticais, ortografia e vocabulário, preparando os alunos para situações de comunicação que exigem maior formalidade, como exames e textos acadêmicos.

3. Críticas e Desafios:

- Quais são as principais críticas à norma popular? - A norma popular é frequentemente criticada por ser vista como "incorreta" ou "inferior" em relação à norma culta, o que reflete um preconceito linguístico enraizado em questões sociais. Essas críticas geralmente ignoram o fato de que as variedades populares do português possuem regras próprias e são adequadas aos contextos em que são usadas. No entanto, o uso da norma popular pode ser associado a um menor nível de escolaridade ou prestígio social, perpetuando estigmas e desigualdades. Esse preconceito linguístico desvaloriza a diversidade linguística e contribui para a marginalização de certos grupos sociais.
- Como essas críticas impactam o ensino e o uso da língua? - As críticas à norma popular impactam o ensino ao desvalorizar variações linguísticas, gerando sentimentos de inadequação nos alunos, reforçando o preconceito linguístico e criando desigualdades educacionais. Isso pode desconectar os estudantes de suas realidades culturais e prejudicar o engajamento no aprendizado.

4. Conclusão:

- Reflita sobre o papel das normas culta e popular na sociedade atual. – Resposta pessoal

Mini Roteiro 3: Explorando a Variação Linguística

Objetivo: Investigar e exemplificar a variação linguística no contexto brasileiro.

1. Definição e exemplos de Variação Linguística:

- Explique o que é variação linguística e apresente exemplos de variação linguística no Brasil, como diferenças regionais, sociais ou geracionais. - Variação linguística refere-se às diferentes formas que a língua assume em diferentes contextos, influenciada por fatores como região, classe social, idade, gênero, e situação comunicativa. No Brasil, essas variações são comuns e refletem a diversidade cultural do país. Exemplos de variação linguística: Regional: Expressões e pronúncias que variam entre regiões, como o uso de "trem" em Minas Gerais para se referir a qualquer objeto ou coisa, e "guri" no Sul para se referir a menino. Social: Diferenças no vocabulário e na estrutura gramatical de acordo com a classe social ou nível de escolaridade, como a pronúncia de "os menino" em certas camadas populares, em contraste com "os meninos" na norma culta. Geracional: Mudanças na linguagem entre diferentes gerações, como o uso de gírias. Por exemplo, jovens podem usar termos como "crush" ou "ranço", que não eram comuns em gerações mais velhas.

2. Variação Linguística e Preconceito:

- Discuta como as diferentes variações da língua podem gerar preconceito linguístico. – Professor, espera-se que os alunos sejam capazes de responder que as variações linguísticas podem gerar preconceito linguístico quando formas de falar que fogem da norma culta ou padrão são vistas como inferiores ou erradas. Esse tipo de preconceito está intimamente ligado a questões sociais, regionais e culturais, e ocorre quando se valoriza apenas uma variedade de língua em detrimento das demais.
- Qual é a importância de reconhecer e valorizar as variações linguísticas? - Reconhecer e valorizar as variações linguísticas promove inclusão, combate o preconceito e fortalece a identidade cultural. Isso cria um ambiente educacional mais acolhedor, onde diferentes formas de falar são respeitadas, ajudando a reduzir desigualdades sociais e regionais. A diversidade linguística é vista como uma riqueza cultural, não uma falha.

3. Conclusão:

- Finalize discutindo a relevância de entender e respeitar a diversidade linguística no país. – Espera-se que os estudantes tenham compreendido que entender e respeitar a diversidade linguística no Brasil é crucial devido à vasta variedade de línguas e dialetos presentes no país. Essa diversidade reflete a riqueza cultural e histórica da nação e é fundamental para promover a coesão social e a igualdade de oportunidades.

Professor (a), a sugestão aqui é que se divida a sala em 6 grupos, desse modo teremos 2 grupos seguindo o mesmo roteiro, o que é interessante para que os alunos verifiquem que há formas diferentes de se abordar o mesmo tema, haja vista a grande probabilidade de que os trabalhos apresentados sejam distintos, ainda que trabalhem com o mesmo roteiro.

Oficina 2 Produção de Vídeos: Divulgando Pesquisas sobre Norma e Sociolinguística	Duração: 2h/aula (100 min)
<p>Nesta oficina os alunos utilizarão os roteiros elaborados na oficina 1 para a gravação de vídeos, feitos com o celular dos próprios alunos, e enviados via <i>WhatsApp</i> à professora-pesquisadora.</p> <p>Durante o processo, os alunos serão encorajados a explorar diferentes formas de expressão criativa à escolha de cada grupo, como o uso de fantoches, máscaras, encenações teatrais, animações e paródias, tornando os vídeos mais dinâmicos e envolventes. Além de consolidar os conceitos teóricos estudados, essa atividade promoverá o desenvolvimento de habilidades de pesquisa, cooperação em grupo e utilização de recursos tecnológicos de maneira prática e divertida.</p>	
Materiais: Celular, recursos criativos, fantoches.	
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver a habilidade de exposição oral por meio da apresentação de trabalhos e pesquisas, utilizando recursos multissemióticos (imagens, diagramas, tabelas etc.), com planejamento do tempo de fala e adequação da linguagem à situação comunicativa. • Aprimorar a participação em interações orais, respeitando os turnos de fala e formulando perguntas coerentes em conversações, discussões e atividades coletivas, promovendo um ambiente de escuta ativa e diálogo produtivo. • Capacitar os alunos para a produção de textos de divulgação científica, organizando informações a partir de pesquisas, notas e sínteses de leitura, e estruturando os conteúdos de forma clara e acessível ao público-alvo. • Estimular a criação, revisão e edição de diferentes gêneros textuais voltados para a divulgação do conhecimento, como artigos científicos, verbetes enciclopédicos, infográficos, podcasts e vídeos, considerando os contextos de produção e as características específicas de cada gênero. 	
Sentir - Perceber que a língua é heterogênea, múltipla e dinâmica.	
Pensar - Reconhecer que a língua como um fenômeno vivo que atende aos mais amplos contextos sociais; reconhecer conceitos relacionados à sociolinguística.	
Agir – Gravar vídeos explicando os conceitos	
Práticas de linguagem: Análise linguística/semiótica; oralidade; produção de texto	
Objetos do conhecimento: Variação linguística; conversação espontânea; estratégias de escrita: textualização, revisão e edição; estratégias de produção.	

Habilidades BNCC relacionadas à atividade:

(EF35LP20) Expor trabalhos ou pesquisas escolares, em sala de aula, com apoio de recursos multissemióticos (imagens, diagrama, tabelas etc.), orientando-se por roteiro escrito, planejando o tempo de fala e adequando a linguagem à situação comunicativa.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP35) Planejar textos de divulgação científica, a partir da elaboração de esquema que considere as pesquisas feitas anteriormente, de notas e sínteses de leituras ou de registros de experimentos ou de estudo de campo, produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigo de divulgação científica, artigo de opinião, reportagem científica, verbete de enciclopédia, verbete de enciclopédia digital colaborativa, infográfico, relatório, relato de experimento científico, relato (multimidiático) de campo, tendo em vista seus contextos de produção, que podem envolver a disponibilização de informações e conhecimentos em circulação em um formato mais acessível para um público específico ou a divulgação de conhecimentos

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete e enciclopédia, infográfico, infográfico animado, podcast ou vlog científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

OFICINA 3 Analisando o Uso da Língua: Coleta e Interpretação de Dados em Diferentes Contextos	Duração: 2h/aula (100 min)
<p>Para a segunda oficina os alunos serão previamente orientados a coletar dados de variação linguística na fala deles próprios e de pessoas próximas, como colegas de turma, familiares e professores e trazer esses dados para a oficina, quando serão observados com vistas à análise de comportamentos de fala em diferentes contextos. Os estudantes serão divididos em grupos para analisar as variações nos dados coletados, considerando os seguintes aspectos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 - Entrevista Escrita e Gravada com os professores e familiares sobre o ambiente de trabalho. As questões para entrevista serão elaboradas anteriormente, em aula. 2 - Conversas no <i>WhatsApp</i> que representem interação mais monitorada, como para marcar consulta médica ou comprar produtos. 3 - Conversas no grupo de <i>WhatsApp</i> da turma: análise de uso da língua em situação menos monitorada. 4 - Áudios de <i>WhatsApp</i> em contextos mais formais ou cotidianos. 	
Materiais: Celular, fotos de conversas e áudios do <i>WhatsApp</i> .	
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Observar, descrever e analisar diferentes usos da língua em textos escritos e orais conforme contexto de produção e comunicação e as relações entre as escolhas linguísticas e a construção de sentidos; • Perceber que a língua é heterogênea, múltipla e dinâmica; • Reconhecer que a língua como um fenômeno vivo que atende aos mais amplos contextos sociais; • Coletar, analisar e selecionar dados, observando as variedades linguísticas empregadas nas diversas situações comunicativas. 	
Sentir - Perceber que a língua é heterogênea, múltipla e dinâmica.	
Pensar - Reconhecer que a língua como um fenômeno vivo que atende aos mais amplos contextos sociais;	
Agir – Coletar, analisar e selecionar dados, observando as variedades linguísticas empregadas nas diversas situações comunicativas.	
Práticas de linguagem: Análise linguística/semiótica; oralidade; produção de texto	
Objetos do conhecimento: Variação linguística; conversação espontânea; estratégias de escrita: textualização, revisão e edição; estratégias de produção.	
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: <p>(EF35LP10) Identificar gêneros do discurso oral, utilizados em diferentes situações e contextos comunicativos, e suas características linguístico-expressivas e composicionais (conversação espontânea, conversação telefônica, entrevistas pessoais, entrevistas no rádio ou na TV, debate, noticiário de rádio e TV, narração de jogos esportivos no rádio e TV, aula, debate etc.).</p>	

(EF35LP11) Ouvir gravações, canções, textos falados em diferentes variedades linguísticas, identificando características regionais, urbanas e rurais da fala e respeitando as diversas variedades linguísticas como características do uso da língua por diferentes grupos regionais ou diferentes culturas locais, rejeitando preconceitos linguísticos.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

Atividades Preliminares:

Antes da oficina, os alunos receberão as seguintes instruções:

- **Coleta de Dados:** Eles deverão coletar exemplos de variação linguística na fala cotidiana. Esses dados poderão ser obtidos a partir de entrevistas, conversas em aplicativos de mensagens como *WhatsApp* e gravações de áudio em diferentes contextos (os alunos deverão coletar dados já produzidos em situações reais, pois assim terão contato com a língua em uso e não voltado para a atividade da oficina especificamente).
- **Tipos de Dados a Coletar:**
 1. **Conversas no *WhatsApp* (Interação Monitorada):** Coletar exemplos de mensagens trocadas em situações que exigem maior formalidade, como ao marcar consultas médicas ou comprar produtos online.
 2. **Conversas no Grupo de *WhatsApp* da Turma:** Coletar mensagens que representam um contexto menos monitorado, como interações entre colegas da turma.
 3. **Áudios de *WhatsApp*:** Gravações de áudios em situações formais, como ao falar com superiores ou em contextos cotidianos, como em conversas informais com amigos.

Atividades na Oficina:

Durante a oficina, os alunos serão divididos em grupos para analisar os dados coletados, levando em consideração os seguintes aspectos:

1. Conversas no *WhatsApp* (Interação Monitorada):

- **Análise:** Identificar como a linguagem escrita é moldada em situações de comunicação mais monitorada, como ao interagir com profissionais de saúde ou fornecedores de serviços.
- **Discussão:** Explorar como a formalidade e a clareza são priorizadas nesses contextos.

2. Conversas no Grupo de *WhatsApp* da Turma:

- **Análise:** Observar o uso da língua em um ambiente menos monitorado, como nas interações informais entre colegas.
- **Discussão:** Considerar como a linguagem se torna mais descontraída, com uso frequente de gírias, abreviações, expressões regionais e emojis.

3. Áudios de *WhatsApp*:

- **Análise:** Avaliar a variação linguística em áudios, distinguindo entre contextos mais formais (como mensagens para superiores) e contextos cotidianos (como conversas com amigos).
- **Discussão:** Discutir como o tom de voz, a entonação e a escolha de palavras variam conforme a formalidade do contexto.

OFICINA 4 Elaborando Conhecimento: Roteirização para Ensino de Sociolinguística e Preconceito Linguístico	Duração: 2h/aula (100 min)
<p>Após a produção dos vídeos seminários explicando conceitos da sociolinguística e da análise de dados sobre o uso da língua em contextos mais ou menos monitorados, os alunos serão convidados a produzir seus próprios vídeos sobre o uso da língua. Eles oferecerão nesses vídeos dicas de usos aceitáveis da língua conforme o contexto de comunicação, contrapondo-se às hipercorreções desnecessárias já discutidas no primeiro momento da nossa proposta didática. Uma sugestão é que os alunos criem personagens com o nome de hipercorreção, norma-padrão, norma popular, preconceito linguístico etc. Na oficina 3 os estudantes elaborarão, com a orientação da professora-pesquisadora, os roteiros dos vídeos a serem gravados.</p>	
Materiais: Caderno, lápis, internet, celular.	
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Promover a compreensão e aplicação de conceitos sociolinguísticos; • Desenvolver habilidades de criação e roteirização; • Refletir sobre a variabilidade linguística e suas implicações sociais; • Desenvolver competências de comunicação audiovisual, utilizando recursos audiovisuais para transmitir de maneira clara e eficaz as mensagens sobre a aceitação da variação linguística e a desconstrução de hipercorreções, levando em consideração o contexto de comunicação; • Discutir e revisar ideias, aprimorando o conteúdo e refletindo criticamente sobre as questões linguísticas. 	
Sentir - Reconhecer que a língua é heterogênea, múltipla e dinâmica.	
Pensar - Perceber que a língua é um fenômeno vivo que atende aos mais amplos contextos sociais;	
Agir – Coletar, analisar e selecionar dados, observando as variedades linguísticas empregadas nas diversas situações comunicativas.	
Práticas de linguagem: Análise linguística/semiótica; oralidade; produção de texto	
Objetos do conhecimento: Planejamento e produção de textos jornalísticos orais; participação em discussões orais de temas controversos de interesse da turma e/ou de relevância social; estilo; estratégias de produção: planejamento, realização e edição de entrevistas orais.	
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: <p>(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.</p>	

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.).

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (vlog científico, vídeo-minuto, programa de rádio, podcasts) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

(EF89LP13) Planejar entrevistas orais com pessoas ligadas ao fato noticiado, especialistas etc., como forma de obter dados e informações sobre os fatos cobertos sobre o tema ou questão discutida ou temáticas em estudo, levando em conta o gênero e seu contexto de produção, partindo do levantamento de informações sobre o entrevistado e sobre a temática e da elaboração de um roteiro de perguntas, garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática, realizar entrevista e fazer edição em áudio ou vídeo, incluindo uma contextualização inicial e uma fala de encerramento para publicação da entrevista isoladamente ou como parte integrante de reportagem multimidiática, adequando-a a seu contexto de publicação e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

Estrutura da Oficina:

1. Introdução ao Roteiro de Vídeo:

- **Discussão Inicial:** O professor iniciará a oficina lembrando os conceitos de sociolinguística e as conclusões das oficinas anteriores, destacando a importância de se adaptar a linguagem ao contexto comunicativo.

2. Planejamento do Roteiro:

- **Definição dos Objetivos:** Cada grupo de alunos definirá o foco principal de seu vídeo, como por exemplo, "como evitar hipercorreções em entrevistas de emprego" ou "a linguagem adequada em mensagens formais e informais no WhatsApp".
- **Escolha dos Gêneros e Estruturas:** Com base na análise feita nas oficinas anteriores, os alunos decidirão o gênero do vídeo (tutorial, conversa entre personagens etc.) e a estrutura que o roteiro seguirá.

3. **Elaboração do Roteiro:**

- **Segmentação:** Os grupos dividirão o roteiro em introdução, desenvolvimento e conclusão, garantindo que cada parte do vídeo seja clara e coerente.
- **Criação de Diálogos e Narrações:** Os alunos redigirão os diálogos ou narrações, garantindo a adequação da linguagem ao público-alvo e ao contexto abordado. A professora orientará os alunos a evitar hipercorreções e a usar uma linguagem que seja acessível e correta para o contexto.
- **Incorporação de Elementos Visuais e Sonoros:** Além do texto, os grupos pensarão em como os elementos visuais (imagens, gráficos) e sonoros (música, efeitos sonoros) apoiarão a mensagem do vídeo.

4. **Revisão e Feedback:**

- **Revisão Coletiva:** Cada grupo apresentará seu roteiro preliminar para o restante da turma. A professora e os colegas darão feedback, sugerindo melhorias em termos de clareza, adequação da linguagem e estrutura.
- **Reescrita e Ajustes:** Com base no feedback recebido, os alunos farão ajustes finais nos roteiros, preparando-os para a gravação.

Oficinas 5,6 e 7 Produção Audiovisual: Gravação e Edição de Vídeos sobre Sociolinguística	Duração: 2h/aula (100 min) cada oficina
<p>Após a elaboração dos roteiros, os alunos entrarão na etapa de gravação e edição de vídeos. Para preservar a identidade dos estudantes, serão utilizados fantoches de mão, que já serão comprados prontos e disponibilizados para o uso dos alunos. A tarefa dos estudantes será gravar e editar vídeos contendo dicas sobre o uso da língua, com base nos princípios da sociolinguística, que estuda a variação e o contexto social da linguagem. Isso proporciona um espaço de aprendizado prático. A utilização dos fantoches não apenas garante o anonimato dos alunos – exigência do Comitê de Ética em Pesquisa para o presente trabalho, mas pode ou não ser utilizada na aplicação da proposta fora do âmbito da pesquisa -, mas também torna o projeto mais lúdico e acessível, favorecendo o engajamento e a criatividade no processo de gravação.</p>	
Materiais: Celular, recursos criativos, fantoches.	
Objetivos: <ul style="list-style-type: none"> • Desenvolver habilidades práticas de gravação e edição audiovisual, aplicando conhecimentos sobre sociolinguística de maneira criativa e prática; • Aplicar conceitos sociolinguísticos em um formato lúdico, utilizando fantoches como recursos para tornar o aprendizado mais dinâmico e acessível; • Promover a reflexão crítica sobre o uso da língua, produzindo vídeos que abordem temas como hipercorreção, variação linguística e preconceito linguístico, com base nos princípios da sociolinguística; • Valorizar a criatividade e o anonimato no processo de aprendizado, garantindo a preservação da identidade dos estudantes ao utilizar fantoches, ao mesmo tempo em que se cria um ambiente criativo e seguro, favorecendo o engajamento dos alunos nas atividades de gravação e edição; • Desenvolver competências de colaboração e comunicação em grupo, promovendo o desenvolvimento de habilidades de trabalho em equipe e comunicação eficaz. 	
Sentir – Observar o funcionamento das variações linguísticas.	
Pensar – Refletir sobre variações linguísticas e como transmitir dicas de uso da língua com base na sociolinguística;	
Agir – Gravar e editar vídeos utilizando fantoches, aplicando o conhecimento de sociolinguística na produção audiovisual.	
Práticas de linguagem: Análise linguística/semiótica; oralidade; produção de texto	
Objetos do conhecimento: Planejamento e produção de textos jornalísticos orais; variação linguística; conversação espontânea; estratégias de escrita: textualização, revisão e edição; estratégias de produção.	
Habilidades BNCC relacionadas à atividade: <p>(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz,</p>	

entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

(EF69LP55) Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56) Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete e enciclopédia, infográfico, infográfico animado, podcast ou vlog científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.

Objetivo:

Nesta oficina, os alunos irão colocar em prática os roteiros elaborados na oficina anterior, utilizando fantoches de mão para gravar e editar vídeos com dicas de uso da língua. Essa abordagem ajudará a preservar a identidade dos estudantes e permitirá uma representação criativa e lúdica dos conceitos sociolinguísticos abordados.

Estrutura da Oficina:

1. Preparação dos Fantoches e Cenário:

- **Escolha dos Fantoches:** Cada grupo selecionará os fantoches que serão utilizados para representar os personagens do vídeo. A professora-pesquisadora poderá disponibilizar uma variedade de fantoches.
- **Montagem do Cenário:** Os grupos prepararão o cenário onde os fantoches atuarão. Isso pode incluir a criação de um fundo simples, com elementos visuais que ajudem a contextualizar o tema do vídeo (por exemplo, uma sala de aula, um consultório, ou um grupo de amigos).

2. Gravação dos Vídeos:

- **Ensaios e Preparação:** Antes de iniciar a gravação, os alunos ensaiarão seus roteiros, praticando a manipulação dos fantoches e a sincronização com as falas.

- **Gravação:** Utilizando câmeras ou celulares, os grupos gravarão as cenas conforme os roteiros. A gravação pode ser feita em partes, permitindo que os alunos revisem cada cena antes de passar para a próxima.
- **Direção e Atuação:** Um aluno poderá assumir o papel de diretor, garantindo que a gravação siga o roteiro e que a interpretação dos fantoches esteja alinhada com a mensagem do vídeo. Outros alunos se revezarão na manipulação dos fantoches e na gravação.

3. Edição dos Vídeos:

- **Seleção de Cenas:** Após a gravação, os alunos selecionarão as melhores tomadas de cada cena.
- **Inserção de Efeitos Visuais e Sonoros:** Usando softwares de edição simples, como *iMovie*, *Capcut* ou *Windows Movie Maker*, os alunos poderão adicionar trilha sonora, legendas, transições e outros efeitos visuais para enriquecer o vídeo.
- **Revisão Final:** Os grupos revisarão o vídeo finalizado para garantir que todos os elementos (imagem, som, edição) estejam coerentes e que a mensagem do vídeo seja clara.

Conclusão da Oficina:

Ao final da oficina, os alunos terão produzido vídeos educativos e criativos que abordam o uso da língua à luz da sociolinguística. Essa atividade não apenas reforça o aprendizado teórico das oficinas anteriores, mas também desenvolve habilidades práticas em gravação, atuação e edição.

<p align="center">Oficina 8</p> <p align="center">Apresentação e Divulgação dos Vídeos: Compartilhando Aprendizados sobre Sociolinguística</p>	<p align="center">Duração: 2h/aula (100 min)</p>
<p>Na sexta e última oficina, cada grupo terá a oportunidade de apresentar os vídeos que produziram para as demais turmas. Durante essa etapa, eles compartilharão o processo de criação, desde a elaboração dos roteiros até a edição final dos vídeos, destacando os principais aprendizados sobre variação linguística e sociolinguística. Após a apresentação, os vídeos serão publicados no <i>Instagram</i>, no formato de <i>reels</i>, tanto na página da turma quanto na página da professora-pesquisadora. Essa ação permitirá que o conteúdo alcance um público mais amplo, promovendo o conhecimento adquirido e gerando interação online.</p>	
<p>Práticas de linguagem: Oralidade; produção de texto</p>	
<p>Objetos do conhecimento: Estratégias de escrita: textualização, revisão e edição;</p>	
<p>Materiais: Computador, projetor, caixa de som.</p>	
<p>Objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compartilhar e refletir sobre o processo de produção dos vídeos: desde a elaboração dos roteiros até a edição final, promovendo a reflexão sobre os aprendizados adquiridos no processo; • Desenvolver habilidades de apresentação e comunicação oral; • Promover a interação e o alcance do conhecimento adquirido; • Estimular o trabalho em grupo e a colaboração, destacando o papel de cada membro no processo de criação dos vídeos, fortalecendo o espírito de equipe. 	
<p>Sentir – Perceber que variação linguística é um conteúdo de fácil aprendizagem.</p>	
<p>Pensar - Refletir sobre o aprendizado adquirido e como compartilhar esse conhecimento com outras turmas e online;</p>	
<p>Agir – Apresentar os vídeos gravados para a turma e publicar os <i>reels</i> no <i>Instagram</i>, promover o conteúdo nas páginas da turma e da professora-pesquisadora.</p>	
<p>Habilidades BNCC relacionadas à atividade:</p> <p>(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, <i>podcasts</i> científicos etc.</p> <p>(EF89LP25) Divulgar o resultado de pesquisas por meio de apresentações orais, verbetes de enciclopédias colaborativas, reportagens de divulgação científica, <i>vlogs</i> científicos, vídeos de diferentes tipos etc.</p> <p>(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, <i>podcast</i> ou <i>vlog</i> científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos.</p> <p>(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto</p>	

em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns *podcasts* e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros.

Objetivo:

Na última oficina, os grupos apresentarão seus vídeos sobre o uso da língua para as turmas. Em seguida, os vídeos serão publicados no Instagram, em formato de *Reels*, nas páginas da turma e do(a) professor(a), promovendo a disseminação dos conhecimentos adquiridos ao longo das oficinas para uma audiência mais ampla.

Estrutura da Oficina:

1. Preparação para a Apresentação:

- **Organização:** O professor organizará a ordem de apresentação dos grupos, garantindo que todos tenham tempo suficiente para exibir e discutir seus vídeos.

2. Apresentação dos Vídeos:

- **Exibição:** Cada grupo exibirá seu vídeo para a turma. Durante a apresentação, os alunos podem compartilhar os desafios enfrentados durante a produção, as escolhas feitas em relação ao roteiro, aos fantoches, e à edição.
- **Discussão:** Após a exibição, a turma e o professor discutirão o conteúdo apresentado, focando na adequação linguística, criatividade, e clareza da mensagem. O *feedback* será orientado a reconhecer os pontos fortes e oferecer sugestões construtivas.

3. Publicação no Instagram:

- **Criação de *Reels*:** Os grupos trabalharão na adaptação de seus vídeos para o formato de *Reels* do *Instagram*. Isso pode incluir cortes para reduzir o tempo, escolha de trechos mais impactantes, e adição de legendas ou músicas disponíveis na plataforma.

- **Publicação:** Com a orientação do professor, os alunos farão a publicação dos *Reels* nas páginas do Instagram da turma e da professora. Cada grupo pode sugerir *hashtags* e descrições que ajudem a divulgar o conteúdo e alcançar um público mais amplo.

4. Engajamento e Reflexão:

- **Interação com a Audiência:** Após a publicação, os alunos poderão acompanhar o engajamento dos vídeos nas redes sociais, respondendo a comentários e compartilhando *insights* sobre o processo de produção.
- **Reflexão Final:** A oficina será concluída com uma reflexão coletiva sobre a importância de compartilhar o conhecimento adquirido nas oficinas, e como as redes sociais podem ser usadas para educar e conscientizar sobre questões linguísticas.

Conclusão da Oficina:

Essa oficina finaliza o ciclo de aprendizado, unindo teoria e prática em um formato que conecta os alunos com um público externo. A publicação dos vídeos nas redes sociais não só dissemina o conhecimento adquirido, mas também permite que os alunos pratiquem habilidades de comunicação digital e engajamento online.

REFERÊNCIAS:

Almeida, Joyce Elaine; Bortoni-Ricardo, Stella Maris (Orgs.). **Variação linguística na escola**. São Paulo: Contexto, 2023.

Arriada, E.; Valle, H.S. Educar para transformar: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistêmica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. Site: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/2514>.

Bagno, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

Bortoni-Ricardo, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Brasil. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: www.basenacionalcomum.mec.gov.br. Acesso em: 06 out 2023.

Faraco, Carlos Alberto; Zilles, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

Faraco, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Martins, M. A.; Vieira, S. R.; Tavares, M. A. (Orgs.) **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2022.

Soares, M. B. **Letramento – Um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, CEALE/Autêntica, 1998 [2002].

Stamato, Maria Izabel Calil. **Protagonismo juvenil: uma práxis sócio-histórica de resignificação da juventude**. 2008. 225 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Puc, São Paulo, 2008.

Vieira, Elaine; Volquind, Léa. **Oficinas de ensino? O que? Por quê? Como?** – 4ª ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2002.